SUMMARIO

ABRIL — 1937

NOTAS E COMMENTARIOS : Paginas

O I. A. A. e a estabilidade do preço do açucar — Recursos contra decisões da Commissão Executiva do I. A. A. — Transferencia de engenho — Sindicato dos Usineiros de Pernambuco — "Lei Delta" — Limitação de engenho — Distillaria de Ponte Nova — Companhia Industrial Paulista de Alcool — Sindicato dos Industriaes do Açucar e do Alcool — Usina Sapucaia — Impesto de vendas e consignações sobre lenha e carvão — Isenção de taxa de açucar não dado ao consumo — Não pódem ser transformadas em fabricas de açucar — O I. A. A. e os Estados de Pernambuco e Alagôas — Compra e venda de açucar do excesso fluminense — Venda e transferencia de quotas de usinas — Emprestimo aos Estados de Pernambuco e Alagôas ..... 99 — 104

PATENTE DE INVENÇÃO DE UMA VARIEDADE DE CANNA 104

SOBRE AS DIFFICULDADES DE DEFECAÇÃO DO CALDO DA P. O. J. 2878 E DE OUTRAS VARIEDADES DE CANNA DE AÇUCAR — Por Adrião Caminha Filho 107

A CULTURA DA CANNA DE AÇUCAR — Conselhos praticos 110

ANNUARIO AÇUCAREIRO PARA 1937 114

CONFERENCIA INTERNACIONAL DO AÇUCAR 115

A SITUAÇÃO AÇUCAREIRA INTERNACIONAL — por Decio Coimbra 119

A SITUAÇÃO DO MERCADO AÇUCAREIRO 126

DISTILLARIA CENTRAL DE CAMPOS 129

A INDUSTRIA DO AÇUCAR EM PERNAMBUCO 131

COMO O BRASIL SALVA A SUA INDUSTRIA AÇUCAREIRA — Realiza-se o equilibrio entre a producção e o consumo 140

CONTRADICÇÕES APPARENTES — por André Carrazzoni 141

DOUTOR JOÃO ANTONIO COQUEIRO 142

FABRICAÇÃO DE ALCOOL ANHIDRO EM PERNAMBUCO — Vão adeantados os trabalhos de construcção da Distillaria Central do Cabo 143

VINHO DE CANNA — por Martinho Bacchus 145

RESENHA DO MERCADO DE AÇUCAR — por A. G. C. 148

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR — Exportação, importação, estoque, entradas e saidas no Districto Federal e cotações minimas e maximas nas praças nacionaes 150

CHRONICA AÇUCAREIRA INTERNACIONAL 156

COMMENTARIOS DA IMPRENSA — "Economia digerida...", por Mauricio de Medeiros — "Ainda o cancellamento de engenhos banguês", por João Liberato — "Esclarecimentos reaes sobre a falta de financiamento, este anno, á lavoura campista", de "A Gazeta", de Campos — "O financiamento da entre-safra", da "Folha do Commercio", da mesma cidade 158

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS 161

LEGISLAÇÃO E DOUTRINA SOBRE O AÇUCAR E SEUS SUB-PRODUCTOS — Lei n. 203, de 30 de dezembro de 1936, da Colombia — Parecer do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro sobre isenção de direitos sobre o açucar 163

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA GENERAL CAMARA N. 19 - 4.º ANDAR - SALAS 2 E 3
TELEFONE 23 - 6252 CAIXA POSTAL, 420
OFFICINAS - RUA 13 DE MAIO, 33 E 35

REDACTOR RESPONSAVEL - BELFORT DE OLIVEIRA
REDACTORES - THEODORO CABRAL, RICARDO PINTO E FERNANDO MOREIRA

BARBET

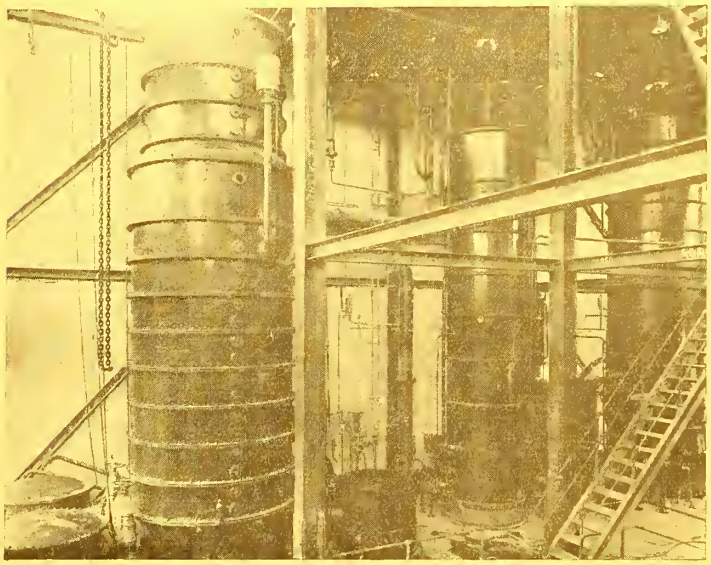
SOCIE'TE DES

ETABLISSEMENTS BARBET

CONSTRUCTION DE DISTILLERIES, ET D'USINES DE PRODUITS CHIMIQUES

Société Anonyme au Capital de 4.000.000 de Francs
R. C. SEINE No. 30418
14, RUE LA BOETIE — PARIS (8e)

USINES A' BRIOUDE
(Hte. Loire)



Apparelho de evaporação (Usina Catende)

SECÇAO DE DISTILLARIAS:

CONSTRUCÇÃO DE DISTILLARIAS COMPLETAS

DISTILLAÇAO — RECTIFICAÇAO APPARELHOS E SISTEMAS "BARBET"

PRODUCÇÃO DO ALCOOL ANHIDRO (PAT. USINES DE MELLE)

EVAPORAÇÃO DE VINHAÇA (SISTEMA "BARBET")

FERMENTAÇÃO PURA (SISTEMA "BARBET")

ETC., ETC.

SECÇÃO DE PRODUCTOS CHIMICOS

ETHER SULFURICO

FORMOL — ACETONA — ACETATOS

ACIDO ACE'TICO

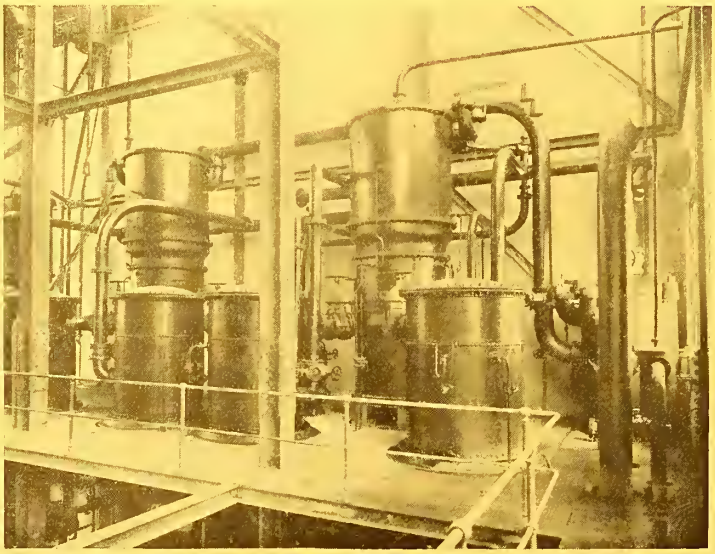
CARBONIZAÇÃO DA MADEIRA

DISTILLAÇÃO DE SHISTOS

REFINAÇAO DE OLEOS MINERAES

KEROZENE — GAZOLINA

BENZOL



Apparelho para alcool anhidro (Usina Catende)

QUEIRA PEDIR INFORMAÇÕES, CATALOGOS, ORÇAMENTOS A
ERNESTO SILAGY, ENGENHEIRO - DELEGADO E REPRESENTANTE GERAL NO BRASIL
DOS ESTABELECIMENTOS BARBET
RIO DE JANEIRO, CAIXA POSTAL 3354
RUA GENERAL CAMARA 19-9° AND SALA 17 — TELEFONE: 23-6209

BRASIL AÇUCAREIRO

Orgão Official do
INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Anno V - Vol. IX ABRIL DE 1937 N.º 2

NOTAS E COMMENTARIOS

O I. A. A. E A ESTABILIDADE DO PREÇO DO AÇUCAR

E' attribuição do Instituto do Açucar e do Alcool, realizando a sua finalidade de defesa e amparo da lavoura e industria cannavieiras nacionaes, "assegurar o equilibrio interno entre as safras annuaes de canna e o consumo de açucar", de fórma a encontrarem, lavradores e usineiros, preços remuneradores e estaveis para os seus productos.

As medidas que, a juizo do Governo, a tal resultado conduzem, foram transformadas em imposições legaes nos decretos 22.789, de 1 de junho de 1933, e 22.981, de 25 de julho do mesmo anno, vindo annexos a este ultimo decreto as disposições que a ambos regulamentam.

Entre essas regras está a que estabelece os preços minimo e maximo por sacco de açucar na praça do Rio de Janeiro, determinantes da intervenção do Instituto para retirar do mercado, ou a elle restituir, açucar, segundo seja desrespeitada a cotação limite minima ou maxima.

O Instituto tem feito cumprir, rigorosamente, taes exigencias legaes, mesmo durante a terrivel secca que devastou, ultimamente, Estados açucareiros do Nordéste, reduzindo-lhes, em proporções impressionantes, as safras. A verdade deste asserto documenta-se na estabilidade dos preços de varejo do açucar refinado de 1ª., no Rio de Janeiro, que são os seguintes, a partir de 1933, segundo dados fornecidos pela Commissão de Tabellamento:

1933	1$041
1934	1$125
1935	1$100
1936	1$100

RECURSOS CONTRA DECISÕES DA COMMISSÃO EXECUTIVA DO I. A. A.

Em sessão realizada pela Commissão Executiva em 29 de março ultimo, propôz o sr. Vice-presidente uma providencia tendente a evitar a série ininterrupta de recursos injustificados que são apresentados contra as decisões da mesma Commissão.

A medida refere-se aos recursos não instruidos de novos elementos dignos de consideração e que, entretanto, obrigam a Gerencia e Secções do Instituto a empreender novos estudos de argumentos e documentos já anteriormente examinados.

A proposta, approvada por unanimidade, especifica que seja tomado conhecimento dos seguintes papeis:

1 — um primeiro recurso ás decisões da Commissão Executiva; e

2 — pedido de reconsideração, no caso de indeferimento do recurso.

No caso em que os requerentes, indeferidos o primeiro recurso e o pedido de reconsideração, ainda insistam em recorrer, serão os mesmos informados de que deverão dirigir-se ao sr. Ministro da Agricultura, de accordo com o que lhes faculta a legislação vigente.

TRANSFERENCIA DE ENGENHO

Ao Instituto do Açucar e do Alcool requereu o Sr. Jorge Vieira autorização para a transferencia de um engenho adquirido a Carlos Ribeiro de Moura, em Dôres de Bôa Esperança, no Estado de Minas Geraes, para a sua propriedade em Muzambinho, no mesmo Estado.

O engenho de propriedade do sr. Jorge Vieira acha-se registado com a quota de 675 saccos annuaes, mas o que adquiriu ao sr. Carlos Ri-

beiro de Moura não está autorizado a funccionar, não dispondo, pois, de quota alguma.

Nessas condições, resolveu a Commissão Executiva não permittir a transferencia, podendo, porém, o sr. Jorge Vieira adquirir os machinismos do engenho de Dôres da Bôa Esperança e incorporal-os ao seu, mantida, porém, a quota fixada de 675 saccos.

SINDICATO DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO

Em assembléa geral realizada em 17 de março proximo passado, o Sindicato dos Usineiros de Pernambuco, com séde em Recife, elegeu a sua nova directoria e conselho fiscal, que assim ficaram constituidos:

Presidente — dr. Benjamin Azevedo; 1° vice-presidente — dr. Belmino Correia; 2° vice-presidente — dr. Tancredo Bandeira; 1° secretario — dr. Luiz Ignacio Pessôa de Mello e 2° secretario — dr. Romero Costa.

Conselho Fiscal — Rui de Lima Cavalcanti, dr. Diniz Perillo e José Pessôa de Queiroz. Supplentes — dr. Julio Maranhão, Fileno de Miranda e Leoncio de Araujo.

"LACI DELTA"

O laboratorio chimico da Inspectoria, em Pernambuco, da Secção Technica do Instituto do Açucar e do Alcool, tem realizado interessantes experiencias, sobretudo em materia de fermentação alcoolica.

Em collaboração com o dr. Oswaldo Gonçalves de Lima, professor da Escola de Engenharia de Pernambuco, o dr. Annibal R. Mattos, professor da mesma escola e assistente technico do I. A. A conseguiu isolar, naquelle laboratorio, o levedo "Laci Delta", proprio para a fermentação alcoolica.

Esse fermento provou ser superior em rendimento á maioria das raças importadas do estrangeiro e commumente utilizadas nas distillarias.

Actualmente o laboratorio está estudando as causas e consequencias das infecções existentes nas distillarias do Nordéste e os meios de combatel-as.

LIMITAÇÃO DE ENGENHO

O sr. João Carlos Bello Lisbôa adquiriu de terceiro o engenho existente na fazenda Oculo, no Estado Minas Geraes, e cujo limite de producção é de 33 saccos de açucar por anno.

Allegando possuir plantações de canna em outras fazendas de sua propriedade, que foi o maior fornecedora de canna da usina Anna Florencia, pediu o augmento de seu limite para 5.000 saccos annuaes.

Estudado o assumpto, não só pelas informações já existentes na Secção de Estatistica, como pela verificação feita "in loco" por um dos fiscaes tributarios do I. A. A., ficou constatado que não cabe ao requerente qualquer direito a augmento de quota para o engenho Oculo, pelo que a Commissão Executiva indeferiu o requerimento, por unanimidade.

DISTILLARIA DE PONTE NOVA

As firmas R. Petersen & Cia., desta praça, e Pingris & Mollet-Fontaine Réunis, de Lille, França, solicitaram a prorogação, por trinta dias, do prazo para a entrega e abertura das propostas de concorrencia para o fornecimento da Distillaria que o Instituto do Açucar e do Alcool vae montar em Ponte Nova, Minas Geraes.

Considerando a idoneidade das duos firmas recorrentes, deliberou a Commissão Executiva attender á solicitação, tendo sido marcada a nova data para o dia 20 do corrente.

COMPANHIA INDUSTRIAL PAULISTA DE ALCOOL

Conforme contrato lavrado em 19 de dezembro de 1935, o Instituto do Açucar e do Alcool fez á Companhia Industrial Paulista de Alcool o emprestimo de 1.000:000$000, a ser effectuado em prestações successivas.

Em março proximo passado foi paga á Companhia Industrial Paulista do Alcool a terceira prestação desse emprestimo, montondo o total já pago a réis 600:0000$000.

SINDICATO DOS INDUSTRIAES DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Afim de tratar de assumptos que dizem respeito com os interesses da industria, reuniu-se nestes ultimos dias, o Sindicato dos Industriaes do Açucar e do Alcool, com séde em Campos.

Presidiu a reunião o sr. Julião Jorge Nogueira que expôz os motivos da mesma, salientando a necessidade da cohesão de todos os usineiros fluminenses em pról da producção açucareira.

A assembléa discutiu a hipothese do augmento da taxa de 600 réis sobre o açucar, lançada pelo Estado do Rio de Janeiro, destinada á construcção de estradas de rodagem, resolvendo protestar, perante o poder competente, contra qualquer majoração na taxa actual.

Deliberou mais aquella assembléa fosse estudada pela directoria do Sindicato, a proposta de

compra, já em andamento, da Refinaria Usinas Nacionaes, ficando a referida Directoria autorizada a promover entendimentos com todos os interessados, devendo apresentar um memorial elucidativo na proxima reunião.

Foi unanimemente resolvido que se iniciasse a safra de 1937, depois de 15 de junho, epoca considerada mais opportuna.

USINA SAPUCAIA

Com a data de 8 de junho do anno passado a Usina Sapucaia, situada no Estado do Rio de Janeiro, dirigira ao I. A. A. um memorial em que solicitava o augmento de seu limite de producção. Esse requerimento não teve prompta solução, porque, em circular de 5 de maio do mesmo anno, já havia sido communicada á requerente a resolução da Commissão Executiva referente á manutenção de seu limite, anteriormente fixado.

Ao approximar-se a safra entrante, a Usina insistiu na solução de seu requerimento. Estudado o assumpto, ficou constatado, em face de todos os elementos apresentados, que não lhe assiste direito ao pleiteado augmento, motivo por que foi denegado o seu recurso.

IMPOSTO DE VENDAS E CONSIGNAÇÕES SOBRE LENHA E CARVÃO

O Sindicato Industrial de Açucar e Alcool, de Campos, enviou ao governador do Estado do Rio, em data de 10 do corrente, o seguinte telegramma:

"O Sindicato Industrial de Açucar e Alcool, rperesentando todos os usineiros fluminenses, vem solicitar a v. excia. seja sustada a cobrança dos impostos de vendas e consignações sobre a lenha e carvão, que está sendo feita desde primeiro do corrente por intermedio da Companhia Leopoldina. Essa medida, recaindo sobre a materia prima e o combustivel, quando o açucar já está demasiadamente sobrecarregado de varios impostos e taxas, dando vultosas rendas aos orçamentos estadual, municipal e federal, vem ainda mais sacrificar os lavradores e usineiros fluminenses, encarecendo demasiadamente a producção açucareira do nosso Estado, creando para essa uma situação de inferioridade no mercado do nosso principal producto na concurrencia com outros Estados. O Sindicato confia na acção criteriosa do digno presidente, conhecedor da verdadeira situação da lavoura e das industrias fluminenses certo de que attenderá esse justo appello de suas classes operosas. Saudações — Eduardo Bernardes, presidente em exercicio".

MAIOR RENDIMENTO

significa lucros maiores

● Usando leveduras impuras e fracas no fabrico de alcool, o usineiro perde a opportunidade de augmentar a sua producção e de multiplicar seus lucros. Porque uma grande parte do môsto que pode ser desdobrado em mais alcool, se perde, sem ser aproveitada. O trabalho do usineiro é menor — usando leveduras puras e garantidas, em lugar das fracas e impuras. Augmente o volume de seus negocios — usando leveduras seleccionadas, puras e de alta capacidade, como os

FERMENTOS FLEISCHMANN

que são apresentados em dois typos: FRESCO — para ser conservado sob refrigeração, e SECCO — preparado para conservar-se mezes em usinas afastadas do Interior, e zonas quentes, sem necessidade de refrigeração.

STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.

A maior organização mundial especialisada no fabrico de fermentos para fins industriaes
Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro

GRATIS

Si deseja receber gratuitamente o folheto do especialista, Eng. R. Bandeira-Vaughan, sobre o uso dos Fermentos Fleischmann, mande-nos este coupon:

3 - J J J 1 4 9

Nome.....

Usina ou Firma.....

Cidade.....

Est. de Ferro..... *Estado*.....

ISENÇÃO DE TAXA DE AÇUCAR NÃO DADO AO CONSUMO

Num incendio, que destruiu um dos seus armozens, a usina União e Industria, situada em Pernambuco, perdeu 4.750 saccos, que, aliás, lhe foram resarcidos pelo seguro, e requereu ao I. A. A. a dispensa da taxa de 3$000 por sacco sobre a mercadoria destruida pelo fogo.

Tendo conhecimento, por intermedio da Delegacia Regional do Instituto do Açucar e do Alcool em Recife, que era procedente a allegação da requerente e considerando que esse açucar, embora produzido, não fôra dado ao consumo, resolveu a Commissão Executiva conceder a solicitada dispensa.

NÃO PODEM SER TRANFORMADAS EM FABRICAS DE AÇUCAR

O sr. Nelson Nunes de Siqueira, proprietario de um engenho registrado como fabrica de rapadura na fazenda Santa Rosa, municipio de Rio Branco, Estado de Minas Geraes, requereu autorização para installar uma turbina centrifuga.

Identico requerimento fez o sr. Manuel Aurelio da Silva, proprietario de um engenho registrado como fabrica de aguardente.

Ambos os casos foram objecto de deliberação da Commissão Executiva realizada em 7 do corrente. Considerando em que não ha justificativa legal para o que desejam os requerentes e mais que transformar uma fabrica exclusiva de aguardente, ou de rapadura, em productora de açucar, seria uma transgressão ás leis da limitação da producção, resolveu indeferir ambos os pedidos.

O I. A. A. E OS ESTADOS DE PERNAMBUCO E ALAGÔAS

Compareceram á sessão da Commissão Executiva realizada em 22 de março proximo passado os srs. M. M. Baptista da Silva e Alfredo de Maya, representantes, respectivamente, dos Estados de Pernambuco e Alagôas.

Usando da palavra, o sr. Leonardo Truda, presidente, declarou que, em virtude de terem sido tomadas, pela Commissão Executiva, durante as sessões a que aquelles representantes não poderam comparecer, medidas de interesse das classes productoras dos dois Estados nordestinos, os convidava a tomarem conhecimento de todos os actos da Commissão Executiva naquelle periodo, pedindo-lhes que em proxima reunião se manifestassem a respeito.

O sr. Alfredo de Maya, representante do Estado de Alagôas, agradeceu a consideração que lhe era dispensada e declarou que, a convite da Gerencia do I. A. A., já tomara conhecimento, pela leitura das actas das sessões realizadas em sua ausencia, de todos os actos da Commissão Executiva e dava-lhes o seu inteiro assentimento. No mesmo sentido se externou o sr. M. M. Baptista da Silva, representante do Estado de Pernambuco, que igualmente informou achar-se ao corrente do conteúdo das actas das sessões anteriores e estar accorde com as resoluções tomadas.

COMPRA E VENDA DE AÇUCAR DO EXCESSO FLUMINENSE

Conforme o laudo arbitral proferido pelo sr. Leonardo Truda em 9 de outubro do anno passado, para dirimir a pendencia entre os fornecedores e os productores de canna do municipio de Campos, no Estado do Rio de Janeiro, foram aquelles productores autorizados a fabricar açucar demerara, com o excesso de materia prima existente nos cannaviaes sobre o limite de producção concedido áquelle Estado, sob a condição de ser açucar adquirido pelo Instituto do Açucar e do Alcool, e não lançado directamente no mercado.

O plano primitivo era transformar esse açucar em alcool anhidro, afim de evitar que, entrando em criculação, viesse perturbar o mercado.

Posteriormente, verificada a sêcca do Nordéste, que reduziu largamente a safra açucareira dos Estados de Alagôas e Pernambuco, foi resolvido, conforme deliberou a Commissão Executiva (sessão de 6 de dezembro de 1936) vender esse açucar no mercado interno, sendo os lucros resultantes da operação distribuidos aos productores pernambucanos e alagôanos, como um meio de, compensando a sua parte na quota da exportação de sacrificio realizada o anno passado, amenizar-lhe a situação actual, resultante da calamidade meteorologica.

Distribuidos inicialmente réis 2.000:000$000, por conta do primeiro lote de 200.000 saccos de açucar vendido pelo Instituto, obedeceu essa distribuição estrictamente ao prescripto na resolução da sessão de 6 de dezembro de 1936. Sómente os productores que contribuiram para a terceira quota de exportação, para equilibrio do mercado, adquirida pelo Instituto a preço normal — 32$700 por sacco de demerara, correspondente a 36$000 para o cristal — foram contemplados na distribuição desses primeiros dois mil contos de réis. Nas mesmas condições seriam distribuidos os restantes

lucros da mencionada operação, até o maximo de mais dois mil contos de réis, se não se tivessem modificado as condições de venda do segundo lote do açucar em apreço. Ameaçados de alta os preços do açucar no mercado da Capital Federal, em consequencia da deficiencia da producção do Norte, deliberou o Instituto intervir no sentido de evitar a injustificada elevação de preços. Para isso foi obrigado a dispor do açucar demerara de sua propriedade por preço que não comporta a distribuição daquella importancia de dois mil contos de réis por conta dos lucros a auferir na operação.

A intervenção do Instituto, para a manutenção do preço nesta Capital, influiu no sentido de provocar a baixa geral das cotações em grande parte dos mercados do paiz, o que ainda mais contribuiu para confirmar o acerto da operação que acabava de realizar com a venda do segundo lote dos excessos do Estado do Rio. Esse açucar foi, pois, applicado na garantia da realização de uma das mais sérias finalidades legaes do Instituto — proteger o consumidor contra a alta injustificada dos preços. Assim, de accordo com o proprio laudo arbitral de 9 de outubro de 1936 estava o Instituto isento de distribuir mais qualquer parcella aos productores de Pernambuco e Alagôas.

Entretanto, a Commissão Executiva, deliberando a respeito, tomou em consideração o facto de que os productores pernambucanos e alagôanos já contavam com o recebimento daquelles dois mil contos, que muito lhes minorariam as desastrosas vicissitudes da safra proximo passada, e resolveu manter a distribuição de identica importancia, por conta do Instituto.

Foi amplamente discutida a maneira como seria feita, aos dois Estados beneficiarios, a distribuição, sendo approvada, afinal, a seguinte formula: a distribuição da quantia de 2.000:000$000, ora concedida pela Commissão Executiva aos productores pernambucanos e alagôanos, proporcionalmente ás quotas verdadeiramente de sacrificio, isto é, as entregues ao Instituto aos preços de 24$000 e 29$700 e reajustadas em 33$000 e 32$700, isto é, ao preço minimo legal.

Nas condições da fórmula approvada, computados para Pernambuco 1.126.666 saccos e para Alagôas 287.000 saccos, entregues ao Instituto para exportação naquellas duas quotas, receberão:

Pernambuco	1.590:000$000
Alagôas	410:000$000
Total	2.000:000$000

Essa importancia será distribuida nas condições acima indicadas.

Depois de organizado, pela Gerencia do I. A. A., o quadro das quotas que devem caber a cada productor, será feita a distribuição por intermedio do Sindicato dos Usineiros de Pernambuco e da Commissão de Vendas de Alagôas, com a assistencia das Delegacias Regionaes do Instituto ao Açucar e do Alcool naquelles dois Estados.

VENDA E TRANSFERENCIA DE QUOTAS DE USINAS

Por seu representante no Brasil, a firma The Geo L. Squier Mfg. Co., de Buffalo, Estado de Nova York, nos Estados Unidos, requereu ao Instituto autorização para vender as usinas de sua propriedade no Estado de Alagôas a compradores residentes no mesmo Estado, incluindo, nas respectivas escripturas, a transferencia das suas quotas de producção, de accordo com a limitação estabelecida pelo I. A. A. Essas usinas são as denominadas Pau Amarello e Esperança Agricola e as suas quotas são, respectivamente, 48.235 e 33.607 saccos annuaes.

A Commissão Executiva deliberou sobre o pedido em sessão de 29 de março proximo passado.

Ponderou o sr. Presidente que a venda de usinas constitue simples operação mercantil, realizavel sem intervenção do Instituto; que as quotas de producção são elementos integrantes das usinas para as quaes foram fixadas e que, por isso, não só a venda independe da autorização do Instituto, como tambem as quotas respectivas, por direito indiscutivel, podem ser transferidas aos compradores, integradas ás proprias usinas. Endossando essas considerações, resolveu a Commissão Executiva que o requerimento seja convertido em simples consulta, que será respondida pela Gerencia do Instituto, em caracter informativo.

EMPRESTIMO AOS ESTADOS DE PERNAMBUCO E ALAGÔAS

Conforme noticiamos em nossa edição relativa a março proximo passado, a Commissão Executiva, em sessão de 1º de fevereiro ultimo, autorizou a concessão de um emprestimo aos productores de açucar de Pernambuco e Alagôas, afim de os auxiliar na luta com as consequencias da sêcca que desvastou aquella região do Nrodéste.

Aos productores do Estado de Pernambuco já foram enviadas as duas primeiras prestações mensaes em que foi dividido o emprestimo áquelle Estado, no total de 2.000.000$000.

Não tendo os productores de Alagôas chegado inicialmente a um accordo com o I. A. A. quanto á fórma do emprego do emprestimo que lhes foi concedido, deliberara-se aguardar a vinda a esta capital do representante alagôano, sr. Alfredo de Maya, afim de ser o assumpto resolvido de modo definitivo.

Em sessão da Commissão Executiva realizada em 22 de março preterito ficou assentada a realização do emprestimo, na importancia de réis . . 600:000$000, proporcional — na base da limitação do Estado — ao realizado aos productores de Pernambuco, sob as seguintes condições:

1 — Emprestar aos usineiros do Estado a mencionada importancia 600:000$000, com a responsabilidade da Commissão de Vendas de Alagôas.

2 — O emprestimo será distribuido aos productores por intermedio da Commissão de Vendas de Alagôas.

3 — A distribuição será feita proporcionalmente á limitação das Usinas.

4 — O reembolso se fará mediante o pagamento de $500 por sacco, a partir da proxima safra, conjuntamente com o pagamento da taxa de 3$000, ao Banco do Brasil.

5 — Será creada em Maceió uma Commissão composta de um delegado do Governo do Estado, um do Instituto e um da Commissão de Vendas de Alagôas.

Em discussão final, concordou o sr. Presidente, "ad referendum" da Commissão Executiva, fossem adoptadas as seguintes condições finaes de pagamento e applicação do emprestimo:

a) — dada a circumstancia de que Pernambuco vae já receber a terceira e ultima prestação dos 2.000:000$000 emprestados, os 600:000$000 destinados ao emprestimo aos productores alagôanos serão integralmente postos á disposição da Commissão de Vendas, para distribuição aos productores, depois da approvação pela Commissão Executiva, desta proposta;

b) — O pagamento, entretanto só será effectivado pela Commissão de Vendas aos productores, depois de constituida a Commissão do item 5, que approvará as quotas a pagar a cada productor;

c) — O emprestimo será exclusivamente applicado em trabalhos da industria e lavoura açucareira, de modo a evitar a retirada dos trabalhadores das usinas e dos campos, proporcionando-lhes meios de sustento, durante o actual periodo de entre-safra. A applicação do emprestimo será fiscalizada pela Commissão mencionada no item 5;

d) — A distribuição será feita ás usinas em funccionamento e na proporção dos respectivos limites, de fórma a não ficarem retidas as quotas das usinas paradas e limitadas.

A Commissão Executiva approvou essa solução por unanimidade.

Patente de invenção de uma variedade de canna

Pela primeira vez, foi concedida, nos Estados Unidos, uma patente de invenção a uma variedade nova de canna. Trata-se da "patente de planta" nº 203, de 27 de outubro de 1936, concedida ao sr. Benjamin A. Bourne, de Clewiston, Florida.

No seu requerimento, allegou o "inventor":

"A minha nova variedade origina-se de um "seedling", que é o producto de um cruzamento definido, resultante de esforços por mim realizados. O cruzamento de seus ancestraes immediatos foi feito por mim em dezembro de 1931 em Lake Harbour, Florida. Esse cruzamento effectuou-se entre dois "seedlings" sem nome, mas numerados, um dos quaes foi por sua vez originado por mim cruzamento feito varios annos antes. A paternidade procede das cannas Purple Louisiana e Chunee, através de varias gerações intervenientes.

A variedade é excellente e rapida germinadora, produzindo brotos cêdo, sem o inconveniente de produzir ladrões ou brotos retardados, que dariam colmos verdes na época da colheita.

E' uma variedade de maturidade muito precoce. Plantada nos "everglades" (terrenos pantanosos) da Florida durante o outomno ou no começo do inverno, dá, em outubro seguinte, satisfatorio rendimento de saccarose, que se eleva de 8 a 10 por cento. Não sendo colhida no verão (ou cerca de um anno depois do plantio, tendo o mesmo sido feito no outomno), augmentará gradualmente o conteúdo em sacarose, e, alcançando o maximo de 13 a 17 por cento, dependendo do sólo e das condições do tempo.

E' muito resistente ao mosaico e ás doenças da folha devidas a especies de "Helminthosporium". Tambem é muito resistente á podridão vermelha ("Red rot") do colmo e aos damnos causados pelo vento. O sistema radicular muito forte, que possue, evita o desenraizamento dos colmos quando são severas as condições do tempo."

O descobridor da nova variedade não entra em minucias quanto ao methodo adoptado para obtel-a. Quanto ás caracteristicas, especifica que differe das variedades conhecidas na côr e fórma do colmo e do olho, na epiderme da casca, tem o habito do crescimento erecto, resiste ás doenças communs á canna, tem um vigoroso sistema radicular e demonstra rapidez de germinação sem produzir ladrões ou brotos prejudiciaes. Todavia, tudo isso reunido, inclusive o rendimento allegado, não singulariza a nova especie de modo a justificar as pretensões do inventor. Comtudo, só o tempo, quando essa variedade fôr cultivada em larga escala, dirá se a nova patente vem trazer novidade de monta para a industria açucareira.

O clarificador DORR

Para clarificação efficiente do caldo das novas variedades de canna

Em todas as partes do mundo açucareiro, o problema da clarificação do caldo das cannas POJ. 2878 e 213 e de outras das melhores cannas é resolvido com o uso do CLARIFICADOR DORR. Muitas vezes as difficuldades augmentam, quando são recebidas cannas de terras novas ou differentes ou quando a sêcca se intensifica. Em Hawaii, Porto Rico e Cuba foram gastos milhares de contos de réis em investigações sobre melhores methodos para moer taes cannas, sem paralisar o departamento de clarificação. Foi preciso augmentar a capacidade, installando-se novos Dorrs, assim como o sistema duplo de clarificação separando o caldo primeiro para clarificação do DORR primario do caldo das ultimas moendas, que passa ao clarificador secundario DORR, com alcalinidade de 10 pH. O caldo do DORR primario saia com pH, segundo a pratica da fabrica.

Teremos muito prazer em fornecer informações sobre este assumpto.

CRISTALIZADOR TACHO DE VACUO LAFEUILLE

O Cristalizador Tacho de Vacuo LAFEUILLE é um tacho rotativo. Trabalhando com este tacho e um tacho commum, podem os 2 fazer todo o cozimento e cristalização em uma operação. Não tem necessidade de nenhum cristalizador commum. Este sistema dá menos mél final com purezas mais baixas que os sistemas communs. Tambem o tempo em que o açucar está em processo é reduzido de dias para horas com uma diminuição de açucar perdido no processo. O volume da massa cozida é menor e o tamanho do cristal é mais regular dando muito menos trabalho as turbinas.

Além do Tacho de Vacuo temos o Cristalizador LAFEUILLE que offerece as seguintes vantagens:

Exige menor numero de cristalizodores;
30 % de augmento na producção de cristal;
Reducção do volume da massa cozida;
Menos tempo requerido para a turbinação;
Abaixa a pureza do melaço final;
Economia de vapor, trabalho, espaço e tempo.

THE LUMMUS COMPANY

Desenhistas e constructores de distillarias para alcool commercial e absoluto para qualquer capacidade com processos novos e patenteados. Temos processo tambem para a producção de alcool anhidro pelo processo benzol.

PETREE & DORR ENGINEERS, INC.

CAIXA POSTAL 3623 -- RIO DE JANEIRO

Representante: EARL L. SYMES

AOS INDUSTRIAES
e commerciantes de alcool

ACABA DE APPARECER UM IMPORTANTE TRABALHO DO DR ANNIBAL R. DE MATTOS PROFESSOR CATHEDRATICO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE PERNAMBUCO E ASSISTENTE TECHNICO DO I. A. A., SOBRE

ALCOOMETRIA, ESTEREOMETRIA E ANALISE DO ALCOOL

DESTINADO A PROPORCIONAR ELEMENTOS QUE PERMITTAM COM TODA A FACILIDADE IDENTIFICAR A QUALIDADE DO PRODUCTO DE SUA FABRICAÇÃO OU COMMERCIO

Preço do exemplar cartonado: 15$000

A' VENDA NO INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL
RUA GENERAL CAMARA, 19 - 4o ANDAR - SALA 11
CAIXA POSTAL 420 — RIO

SOBRE AS DIFFICULDADES DE DEFECAÇÃO DO CALDO DA P. O. J. 2878 E DE OUTRAS VARIEDADES DE CANNA DE AÇUCAR

Adrião Caminha Filho

Com o apparecimento do mosaico e de outras enfermidades da canna de açucar, reduzindo consideravelmente a producção e causando serios prejuizos á lavoura e á industria, verificaram os technicos que o meio mais pratico e adequado de resolver o problema, seria o da prevenção profilactica, creando novas variedades e obedecendo ao criterio scientifico, hibridando cannas nobres, ricas em açucar, com variedades rusticas, fibrosas, notadamente as de sangue silvestre.

Esse caminho que foi trilhado inicialmente pelos scientistas hollandezes, em Java, teve o seu completo exito e os resultados estão attestados de uma maneira concreta e evidente em todas as regiões açucareiras, com a cultura commercial das variedades javanezas, das quaes sobresáem as denominadas P. O. J.

As enfermidades do mosaico e do sereh, até hoje não determinados os agentes causadores e apenas presumindo-se que se trate de virus, bem como outras de origem bacteriana, não mais constituem o espantalho da lavoura e da industria açucareiras.

Os trabalhos de cruzamento e a obtenção de novas variedades, com o exito obtido em Java, têm se diffundido em todos os paizes açucareiros que dedicam hoje especial attenção á genetica e á botanica da canna de açucar por intermedio de seus estabelecimentos experimentaes. Todos elles, entretanto, têm sua base e sua orientação no magistral trabalho de Jeswiet, sem duvida o scientista que encontrou o x da questão, com o cruzamento "in natura" de Kassoer, variedade que descende directamente da canna silvestre Glah-glah (Saccharum spontaneum) com a Black Cheribon, variedade nobre (Saccharum officinarum).

De todas as variedades obtidas por cruzamentos technicos-scientificos, sobresáe e ainda mantém a sua grandeza a P. O. J-2878, cognominada a rainha das cannas, ou como é melhor conhecida na literatura corrente, a canna maravilhosa.

Realmente, a P. O. J.-2878 reune predicados admiraveis e, póde-se mesmo affirmar, que herdou todos os bons caracteres dos seus ancestraes, e nenhum dos maus. Da canna silvestre, ella adquiriu seu formidavel e vigoroso poder de perfilhação, que é um dos seus caracteristicos notaveis e determinante dos seus records culturaes.

As primeiras cannas dessa variedade, quando foram moidas, não apresentaram nenhuma difficuldade na defecação, pelo simples motivo da moagem ser intercalada com outras variedades. Sómente mais tarde, quando a P. O. J.-2878 já constituia a canna total nas moendas, é que surgiram as serias difficuldades na defecação do caldo. O caldo da P. O. J.-2878 pede o duplo, ou mais, do tempo empregado na defecação do caldo de outras variedades.

Em certas regiões, algumas usinas resolveram abandonar o cultivo da P. O. J.-2878, tão alarmantes foram os precalços encontrados na clarificação do caldo dessa variedade. Posteriormente iguaes difficuldades foram observadas com os caldos da Co. 290 e da Co. 213.

A P. O. J.-2878 reune qualidades taes que não é possivel descartal-a das lavouras Seu vigoroso desenvolvimento, abundante perfilhação e, consequentemente, rendimento cultural, sua resistencia ás enfermidades do mosaico e do sereh, sua riqueza em açucar, seu poder de manter-se cortada durante muitos dias sem inversão accentuada e outros factores apreciaveis, não aconselham e impedem, mesmo, que se diminua ou se abandone a sua cultura commercial.

A Co. 290 é outra variedade notavel pela sua adaptação e bôa productividade em terrenos onde outras cannas medram mal, taes como os sólos mais seccos e notadamente o de encosta, sujeitos frequentemente ás estiagens. O sistema radicular da Co. 290 é xerofitico, isto é, descendente, alcançando uma maior profundidade no sólo e operando as raizes como verdadeiras bombas de ali-

mentação durante os periodos de secca prolongada.

A Co. 213, embora não apresente os predicados das duas acima citadas, é tambem uma bôa variedade, supplantando em determinadas regiões a conhecida P. O. J. 213.

Com as difficuldades verificadas na defecação do caldo dessas variedades, principalmente da P. O. J.-2878, foram tentados os meios capazes de corrigir ou attenuar as complicações. Muitas usinas preferiram augmentar a capacidade da secção de defecadores, o que em parte attende ao problema, sem comtudo resolvel-o. Outras fabricas, muito acertadamente, misturaram na esteira, a P. O. J.-2878 com cannas de outras variedades, numa proporção de 25 a 30 %, corrigindo ou modificando o caldo e obtendo integral successo. Essa medida resolvendo a situação não pode ser empregada com facilidade, de vez que, a maior, mais productiva e mais economica lavoura de canna é sem duvida a da P. O. J.-2878 e de outras novas variedades, constituindo assim, na maioria das usinas, a maior producção total para a moagem.

Dos numerosos estudos e observações effetcuados não se chegou ainda a uma solução concreta e definitiva, sobre a causa essencial da má defecação do caldo da P. O. J.-2878 e de outras variedades.

A mais correntia idéa é que essa difficuldade de clarificação deve-se ao baixo teor em fosforo, expresso em P205 observado no caldo da P. O. J.-2878.

Considera-se que um caldo para defecar bem deve conter pelo menos 0,035 de P205 por 100 cc. de caldo. Entretanto, convém observar, não é apenas o conteudo em fosfatos o unico elemento que intervém na clarificação, e muitas vezes, uma má defecação pode ser devida, mais que a um baixo teor em fosfatos do caldo, a um alto teor deste em elementos colloidaes.

Experiencias realizadas offereceram para o caldo da P. O. J.-2878 menos de 0,035 % de P205, e a addição de fosforo pareceu corrigir o defeito observado na defecação.

Em Hawaii, Cleery diz que a addição de **Ammophos-A**, tem dado melhor resultado do que qualquer outra modificação no processo da clarificação.

Em Recife, o chimico de uma grande fabrica asseverou-me que a causa da defecação lenta e difficil do caldo da P. O. J.-2878 residia na sua pobreza em P205 e que removia facilmente essa difficuldade, obtendo optimos resultados, com a addição de **Summaphos**.

Ainda em Hawaii, empregam a sulfitação com certo exito, e em Java, onde foi obtida e desenvolvida a P. O. J.-2878 não empregam outro reactivo além de cal, realizando-se a alcalinização fraccionada, ajuntando cerca de duas terças partes da cal a empregar, no caldo frio, que é aquecido até 105° C. quando se volta a ajuntar o resto da cal até alcançar o pH. desejado. Essa operação é feita numa apparelhagem especial denominada "tanque equilibrador", entre os aquecedores e os defecadores. (1)

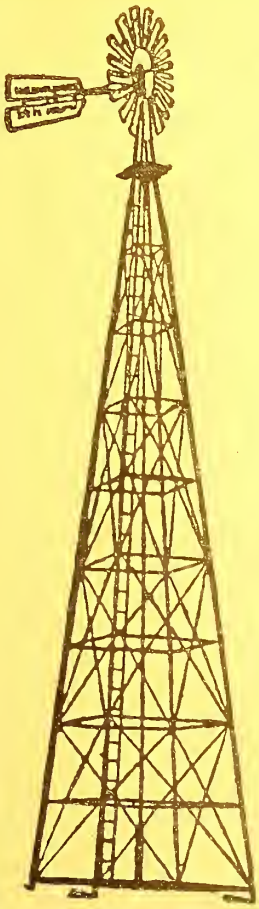
Outra observação digna de apreço é a da maturação dos colmos. Como accentuamos anteriormente, a faculdade de perfilhação desta variedade é extraordinaria, caracteristico que herdou da canna silvestre Glah-glah. Essa faculdade determina, quando não se pratica a irrigação sistematica, como sóe fazer em Java, uma continua brotação de novos rebentos do que resulta na colheita, cortar-se cannas maduras e cannas immaturas, ou melhor, colmos em variados estados de maturidade e dahi, a variação na qualidade do caldo.

Segundo observações feitas na Central Rosario, em Cuba, verificou-se que eram os renovos ou brotos novos e as cannas immaturas que originavam as difficuldades na defecação.

E. Hadon, na ilha Mauricia, é de opinião que as difficuldades apontadas, da clarificação do caldo da P. O. J.-2878, são devidas ao teor de cerosina que reveste as cannas dessa variedade. Elle acha que se o caldo soffre a calagem ainda frio, a natureza colloidal da cera não se modifica, porém, se a calagem é feita com o caldo quente, a cera combina-se, immediatamente, com a cal e forma um sabão calcareo granular insoluvel. Essa opinião é corroborada com as difficuldades que a Co. 290 vem apresentando e que é tambem uma canna revestida de abundante cerosina.

---

(1) NOTA DO AUTOR — "El Mundo Azucarero" n. 6, de junho de 1936, traz um interessante artigo de W. C. Dickinson, sobre o methodo usado em Java.



van ERVEN & Cia.

Fornecedores ás industrias, officinas e lavouras

TRANSMISSÕES — Eixos, polias, supportes, mancaes, carreios de sola, borracha, etc., grampos e pasta preservativa para carreios.

ACCESSORIOS PARA VAPOR — Valvulas Globo e Jenkins (disco trocavel), monometros, vaccuometros, gaxetas e papelão para juntas, injectores e burrinhos, tubos e connexões, tubos para caldeiras, valvulos reductoras de pressão, thermometros, reguladores Pickering.

SERRARIAS — Serras vertical e horizontal para engenhos, serras circulares e de fita, navalhas para plainas e desempenadeiras, esmeris para serras e navalhas.

OFFICINA MECHANICA — Bracas, tarrachas, limas, carvão, tornos de bancada, etc.

DIVERSOS — Oleos e graxas, bombas para agua, telas Cubanas e contratelas potente para turbinas de açucar, moinhos de vento, lubrificadores, etc.

REPRESENTANTES DE — S. A. USINES DE BRAINE-LE-COMTE, fabricantes belgas de material ferro-viario, depositos, etc., — GEORGE FLETCHER & C. LTD., machinismos inglezes para usinas açucareiras.

Orçamentos e detalhes sem compromisso

Rua Theofilo Ottoni, 131 — End. Teleg. ERVEN

RIO DE JANEIRO

Como se observa, facilmente, no presente commentario, não estão ainda bem esclarecidas as causas das difficuldades da clarificação do caldo da P. O. J.-2878, e já agora, de outras novas variedades de canna de açucar. Os rendimentos de taes cannas são de tal vulto, que é preferivel aturar as difficuldades de defecação na fabrica, do que contar com outras variedades menos productivas e sufeitas ás variadas enfermidades, ou fracas perante as condições adversas.

Afóra a defecação, depois de realizada a clarificação, o caldo da P. O. J.-2878 não se comporta differentemente nos vacuos e nos evaporadores, em relação aos outros caldos, e nem a qualidade commercial do açucar, bem como a pureza final dos melaços são attingidas.

A não ser o processo de misturar, nas esteiras das usinas, a P. O. J.-2878 com cannas de outras variedades, o methodo que parece mais aconselhavel é o da defecação composta, primaria e secundaria, que póde ser praticada onde existem as installações de defecadores continuos, como os do sistema Petree-Dorr, que é aliás, o preferivel onde haja uma installação apropriada.

A Central Leão Utinga, de Alagoas, que esmaga 50 % do total da moagem, de cannas da variedade P. O. J.-2878, encontrando as mesmas difficuldades já ennumeradas, installou mais um Petree-Dorr que parece ter resolvido o problema ali.

Póde-se dizer que, em quasi todas as regiões açucareiras, a P. O. J.-2878 tem sido cultivada com vantagem, e a solução pratica da má defecação do seu caldo constitue o maior empenho dos technicos para evitar o descarte, na lavoura, da canna maravilhosa.

A CULTURA DA CANNA DE AÇUCAR

Conselhos Praticos

Entre os plantadores de canna paulistas, distribuiu o Chefe da 3ª Secção Technica do Departamento do Fomento da Producção Vegetal, da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, as seguintes instrucções sobre a escolha das variedades:

"Entre as questões que, mais frequentemente, preoccupam os lavradores de canna de açucar no Estado de São Paulo, destaca-se a que diz respeito á escolha da variedade ou variedades para o plantio.

Na cultura racional e economica, incontestavelmente, a escolha acertada da variedade constitue um dos factores essenciaes para o exito da exploração agricola-industrial, visto como estão intimamente dependentes da materia prima os resultados do campo e da usina.

Portanto, a solução definitiva para esta questão prende-se ao estudo das exigencias de clima e de sólo que as diversas variedades de canna, actualmente cultivadas nas lavouras paulistas, apresentam. Nesse particular, deve-se attender aos caracteristicos das variedades, afim de que elles, satisfazendo as necessidades locaes e as exigencias da planta, em presença dos factores de ordem pathologica, apresentem resultados compensadores na cultura.

Antes de se manifestar, ha alguns annos atraz, a decadencia dos cannaviaes, a, cannas que então se cultivavam eram as denominadas "Nobres", pertencentes á especie "Saccharum Officinarum" L; predominando as variedades preta, riscada, rosa, manteiga, caiana, cristalina e outras cultivadas em menor escala. Essas variedades se caracterizavam por possuirem colmos grossos, porte alto, pouca fibra e grande riqueza e satisfaziam quando perfeitamente sans ás necessidades da lavoura e da industria. Com o apparecimento de molestias graves da planta, principalmente do mosaico, notou-se logo que ellas eram susceptiveis aos ataques desses males, cuja propagação se effectuou de modo extraordinariamente rapido.

Datam de 1925 os primeiros trabalhos realizados no Estado de São Paulo para a renovação dos cannaviaes com variedades resistentes, juntamente com a reforma dos processos culturaes que a seguir se effectuou.

Para comprovar o acerto dessa medida, basta dizer que o augmento da producção açucareira paulista, nestes ultimos annos, de 22 mil para 2.400.000 saccos de açucar de 60 kilos, foi devido principalmente á introducção e cultivo de variedades de canna mais ricas, productivas e resistentes e ao melhoramento da parte agricola no que se refere ao cultivo da terra e da planta.

Tendo o governo do Estado prestado á lavoura paulista o grande serviço de remodelação de seus cannaviaes, continua, no entanto, dedicando maior attenção aos problemas que se referem ao melhoramento da especie vegetal, de tal maneira a poder satisfazer ás exigencias das diversas zonas. Para isso, realiza periodicamente os estudos sobre cruzamento da canna, com o fim de obter variedades de alto rendimento, elevada producção e resistencia, e promove junto aos centros açucareiros mais adiantados do mundo a importação de variedades que se destaquem pelas suas caracteristicas agricola e industriaes.

Com esse objectivo já foram recebidas, nestes ultimos annos, muitas variedades javanezas, indianas, australianas, argentinas e outras das quaes só as seguintes lograram, após os trabalhos de adaptação, ser introduzidas nas grandes culturas: P. O. J.-2779, P. O. J.-2714, P. O. J.-2725, P. O. J.-2727, P. O. J.-2828, P. O. J.-2883, F-4, Co.-281 e Co.-290.

Afóra essas variedades, já largamente cultivadas, outras se encontram no Estado occupando extensas areas, taes como: — P. O. J.-36, P. O. J.-213, P. O. J.-228, P. O. J.-161 e outras. Dentre ellas, sobresae inquestionavelmente a P. O. J.-213, notavel variedade, cuja adaptação no Estado de S. Paulo se realizou de uma maneira perfeita. Ella occupa, actualmente, mais de 80 % da area total cultivada com canna, produzindo, em média 5 cortes remuneradores.

Resumidamente, as mudas distribuidas aos lavradores deste Estado pertencem ás seguintes variedades seleccionadas:

a) — variedades de colmos grossos — P. O. J.-2714, P. O. J.-2725, P. O. J.-2878 e P. O. J,-2883, proprias para terrenos ferteis. As terras roxas quando novas e profundas apresentam condições favoraveis á sua cultura. Dessas variedades, a mais precoce e a mais exigente é a P. O. J.-2725 que tem grande tendencia ao florescimento. A P. O. J. 2714 é a mais productiva, menos rica e mais tardia. Não tem tendencia ao florescimento. As outras duas, P. O. J.-2887 e P. O. J.-2883, são as ultimas variedades produzidas em Java. A P. O. J.-2878 occupava 93 % da area cultivada com canna naquella ilha. Ambas são variedades de colmos grossos erectos, bôa perfilhação e alta riqueza saccarina, sendo que a P. O. J.-2878, tem se comportado muito bem nos terrenos ferteis.

b) — variedades de colmos medios: — P. O. J.-2727. P. O. J.-979 e F-4, são mais rusticas que as variedades de colmos grossos, muito productivas podendo ser cultivadas em terras arenosas de mediana fertilidade. Não tem tendencia ao florescimento. Dentre ellas, destacam-se a P. O. J.-2727 e a P. O. J.-279, de extraordinaria resistencia ás molestias e grande perfilhação. Ambas, dão producções medias de 60 toneladas por hectare, com soqueiras de grande duração e vigorosa perfilhação. A F-4 (japoneza) que é a de crescimento mais lento e a mais rica deve ser cortada na idade de 16 a 18 mezes. Todas as tres possuem colmos erectos, despalhando com facilidade e tem-se adaptado ao clima de São Paulo, sendo a P. O. J.-2727 a que melhor vem correspondendo nas differentes zonas em que é cultivada.

c) — variedades de colmos finos, proprias para os terrenos arenosos e seccos: — Co.-281, Co.-290 e P. O. J.-161, que são recommendaveis por sua riqueza em açucar e notavel resistencia ás molestias e ás seccas. São variedades optimas para os terrenos aridos ou sujeitos a estiagens prolongadas, caracterizando-se pelos seus colmos erectos e touceiras de grande perfilhação. Produzem bôas sócas, sendo a P. O. J.-161 a que tem desenvolvimento mais rapido. A Co.-281 rivaliza com a P. O. J.-213 em producção e a Co.-290 vem-se comportando optimamente nas diversas regiões do Estado.

d) — variedades de colmos finos, proprias para terrenos argilo-silicosos: — P. O. J.-36, P. O. J.-228 e P. O. J.-213. São variedades cuja producção compensa fartamente o diametro relativamente pequeno dos seus colmos. São cannas rusticas, ricas em açucar e altamente tolerantes aos effeitos do mosaico. Dessas a P. O. J.-213 é a mais precoce, a mais productiva, a mais rica e suas soqueiras são de maior duração. A variedade P. O. J.-36 se recommenda pela sua caracteristica de resistencia ao frio.

e) — variedades destinadas a alimentação dos animaes de trabalho: — Kassoer e Ubá. Ambas são cannas de grande productividade, formando soqueiras de grande duração e praticamente immunes ás molestias da planta. A Kassoer se caracterisa pela despalha facil, podendo ser cortada com 7 a 8 mezes de idade, porque nessa occasião os colmos são tenros e não é uma canna exigente em relação aos sólos. Em terras de regular fertilidade a Kassoer produz em media colheitas de 80 toneladas por hectare. Algumas usinas do Estado substituiram a Taquara pela Kassoer para alimentação dos seus animaes de serviço. Emquanto que, anteriormente, precisavam de uma area de 45 alqueires de Taquara para o trato do mesmo numero de animaes, hoje cultivam apenas 10 alqueires de Kassoer com obra de forragem.

Além de todas essas variedades, foram distribuidas ainda mudas da variedade P. O. J.-2714-V, que é uma variação de P. O. J.-2714, experimentada e estudada em Piracicaba com optimos resultados. A P. O. J.-2714-V é uma variedade de colmos grossos e recobertos de cera, propria para terrenos ferteis, dando grande producção e soqueiras de extraordinaria perfilhação.

Resumindo, cada lavrador, a organizar uma plantação, deve determinar para seu caso particular qual a variedade que melhores resultados poderá apresentar, não se esquecendo que, para cada fim a que se destina a sua cultura, existe, pelo menos, uma variedade que offerece melhores caracteristicas e, portanto, maior aproveitamento".

ANNUARIO AÇUCAREIRO

DE 1935 e 1936

PREÇO DO EXEMPLAR:

brochura -- 10$000

encadernado -- 20$000

A' venda nas Delegacias Regionaes do Instituto do Açucar e do Alcool nos Estadas da Parahiba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Ria de Janeiro (Campos), São Paulo e Minas Geraes, e na séde :

RUA GENERAL CAMARA, 19 - 4.º Andar - Sala 2

(SECÇÃO REVISTA) OU CAIXA POSTAL 420

DISTRICTO FEDERAL

USINES DE MELLE

SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE FRS. 8.250.000

Anciennement: DISTILLERIES des DEUX -- SEVRES

MELLE (Deux-Sevres) - FRANCE

Processos de deshidratação e fabricação directa do alcool absoluto

INSTALLAÇÕES REALIZADAS NO BRASIL:

ESTADO DA PARAHIBA DO NORTE:

	Litros
Lisboa & Cia. — em funccionamento — Apparelho novo — 2ª technica — Constructor: Est. Skoda	10.000

ESTADO DE PERNAMBUCO:

Usina Catende — Apparelho novo — 4ª technica — em funccionamento; constructor: Est. Barbet	30.000
Usina Santa Theresinha — Apparelho novo — 4ª technica — em funccionamento; constructor: Estabelecimentos Skoda	30.000
Usina Timbó — Apparelho novo — 4ª technica — em funccionamento; constructor: Est. Barbet	5.000
Usina Cucaú — Apparelho novo — 4ª technica — em construcção pelos Est. Skoda	20.000
Distillaria Central do Cabo — Apparelho novo — 4.ª technica — em construcção pelos Est. Skoda.....	60.000

ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

Distillaria Central de Campos — 2 apparelhos mixtos — 2.ª e 4.ª technica — em montagem pelos Est. Barbet	60.000
Conceição de Macabú — em funccionamento — Apparelho Barbet transformado em 2ª technica pelos mesmos Estabelecimentos	9.000
	224.000

	Litros
Cia. Usina do Outeiro — em funccionamento — Apparelho Sistema Guillaume, transf. em 4ª technica — Constructor: Barbet	5.000
Usina do Queimado — em funccionamento — Apparelho Barbet transformado em 4ª technica — Constructor: Barbet	6.000
Usina Santa Cruz — Apparelho sistema Barbet, transf. pelos Est. Skoda, em funccionamento	12.000
Usina São José — Apparelho novo — 4ª technica — em montagem; constructor: Skoda	20.000

ESTADO DE ALAGÔAS:

Usina Brasileiro — Apparelho novo — 4ª technica — em construcção pelos Estabelecimentos Barbet . . .	15.000

ESTADO DE SÃO PAULO:

Usina Amalia — Fr. Matarazzo Jr. — Rectificador Barbet, transformado em 4ª technica pelos Estabelecimentos Barbet — em construcção .	10.000
Usinas Junqueira — Apparelho de Distillação — Rectificação continua, transformado em 4ª technica pelos Estabelecimentos Skoda	20.000
	88.000

Total geral das installações: 312.000 litros

Para todas as informações dirija-se a: GEORGES P. PIERLOT

Praça Mauá, 7,-Sala 1314 - (Ed. d' "A NOITE) - RIO DE JANEIRO - Telefone 23-4894 - Caixa Postal 2984

"ANNUARIO AÇUCAREIRO" PARA 1937

Já se acham entregues á tipografia os primeiros originaes do texto do ANNUARIO AÇUCAREIRO, que entra no seu terceiro anno de publicação.

Conservando o plano original, que é apresentar, através de estatisticas sempre actualizadas, o quadro das actividades da industria açucareira em todas as suas modalidades, o ANNUARIO de 1937 inserirá abundante materia inedita.

Entre as feições novas que assume o livro, merece ser salientada a publicação, pela primeira vez no Brasil, de um cadastro commercial completo das usinas nacionaes.

O cadastro commercial compreende as seguintes informações: a) nome da Usina; b) nome da firma proprietaria; c) capital registrado; d) nome do gerente ou administrador; e) municipio e estado em que se acha situada; f) meios de communicação; g) endereço postal; e h) endereço telegrafico.

Além do cadastro commercial, será publicado um cadastro estatistico ou relação de todos os engenhos de açucar e fabricas de alcool e aguardente cadastradas até 31 de dezembro de 1936.

As estatisticas brasileiras, devidamente actualizadas, que incluem a producção de açucar das usinas, producção de alcool das usinas, producção de alcool-motor, exportação de açucar, estoques de açucar e cotações de açucar serão acompanhadas de commentarios elucidativos. Serão igualmente commentados os quadros referentes á producção açucareira mundial.

Além de um longo artigo sobre a "Historia e geografia da canna de açucar", publicará o ANNUARIO de 1937 varios trabalhos de eminentes technicos sobre assumptos açucareiros.

O ANNUARIO só sairá á luz em fins de junho vindouro, mas desde já solicitamos aos nossos estimados annunciantes que nos forneçam com antecedencia os originaes de sua publicidade, afim de que possam obter melhor collocação no texto. Ainda aqui, o ANNUARIO AÇUCAREIRO para 1937 inclue um indice de annunciantes.

CONFERENCIA INTERNACIONAL DO AÇUCAR

Aspectos tomados no salão de Locarno, do Foreign Office, em Londres, no dia 5 de abril corrente, quando se inauguraram ali, os trabalhos da Conferencia Internacional do Açucar. Em cima, o sr. Ramsay Mac Donald, presidente do Conselho de Ministros da Inglaterra, pronunciando o discurso inicial; em baixo, aspecto geral do recinto, vendo-se parte dos delegados presentes á grande assembléa mundial.

Desde a crise mundial de 1929-30, o mercado açucareiro internacional achava-se em completa saturação. As quantidades de açucar atiradas annualmente á venda eram superior ás possibilidades de absorpção do mercado.

Excedendo a producção enviada ao mercado livre á capacidade de consumo, as cotações do producto não só ficaram muito instaveis, como desceram muitas vezes a um nivel de preço inferior ao custo de producção. Essa perigosa situação levou á ruina a industria açucareira da maior parte dos paizes exportadores.

Tentou-se remediar o mal com o chamado Convenio de Chadbourne, de que participaram, em maioria, as nações productoras de açucar. A principal providencia, decorrente desse accordo, era que cada um dos membros do convenio limitasse a sua producção com o fim de permittir que se esgotassem os grandes estoques de açucar accumulados das ultimas safras. E, de facto, a medida operou nesse sentido. Mas outras nações açucareiras ficaram fóra do accordo e estas continuaram a produzir livremente e, quando lhes era possivel, exerciam o "dumping", isto é, exportavam a preço vil com o fim de alliviarem o seu mercado interno. Ficou, assim, inutilizado o sacrificio dos que se submetteram a limitar a propria producção.

Nessas condições, vendo mallogrados os seus esforços e bôa vontade, ao terminar os cinco annos do accordo os representantes dos paizes que compunham o Convenio Chadbourne se reuniram em Bruxellas, em 1935, e resolveram não renoval-o. Comprehendendo, entretanto, a necessidade de um entendimento internacional, para defesa e salvamento da industria açucareira, esses representantes, ao encerrarem os seus trabalhos, dirigiram uma solicitação ao governo britannico no sentido de convocar um congresso a que comparecessem os representantes dos grandes productores, exportadores e consumidores de açucar. O governo de Londres attendeu ao appello que lhe foi dirigido e tomou providencias nesse sentido, mas a reunião foi sendo adiada por dois annos e só agora se realiza.

OS PARTICIPANTES DA CONFERENCIA

Foram convidadas a participar das deliberações e enviaram representantes os seguintes paizes: Allemanha, Australia, Belgica, Brasil, Canadá, China, Cuba, Estados Unidos, Filippinas, França, Haiti, Hollanda, Hungria, India, Iugoslavia, Java, Perú, Polonia, Portugal, Republica Dominicana, Russia, Tchecoslovaquia e União da Africa do Sul. Declinaram do convite a Italia e o Japão.

A SESSÃO INAUGURAL

No salão Locarno, do Foreign Office, realizou-se, em 5 do corrente, sob a presidencia do sr. Ramsay Mac Donald, presidente do Conselho de ministros da Gran Bretanha, a sessão inaugural da Conferencia Internacional do Açucar.

Na sessão inaugural o sr. Mac Donald pronunciou um longo discurso, em que enunciou os objectivos da Conferencia.

Em seguida foi eleita uma commissão para dirigir os trabalhos, composta do presidente, sr. Mac Donald, e vice-presidente, sr. Ormsby Gore, e de representantes da França, Estados Unidos, Allemanha, Hollanda, Cuba, Polonia, Tchecoslovaquia, Belgica e Australia. Foram eleitas ainda duas commissões, uma para organizar as estatisticas e outra para a verificação de poderes.

O DISCURSO DO SR. MAC DONALD

No seu discurso inaugural, o presidente da Conferencia Internacional do Açucar começou por salientar que um dos objectivos da reunião era remover as difficuldades com que lutam os productores ha varios annos, constatou que a situação era actualmente mais animadora, visto que a producção tinha sido levada a proporções mais satisfactorias em relação ao consumo, e accrescentou: "Existe ainda no mundo capacidade de producção que ultrapassa de muito as necessidades do consumo. Os preços mundiaes actuaes, embora mais satisfactorios, são apenas remuneradores e sómente para os productores cujos preços de revenda são mais fracos.

Na minha opinião o melhor serviço que se pode prestar á industria é dar-lhe certa garantia de estabilidade e de ordem e este deve ser o fim essencial do accordo a realizar. No emtanto, desejando, essencialmente proteger os productores contra os preços desastrosamente baixos, não devemos perder de vista os interesses dos consumidores. A Inglaterra é um consumidor importante e não desejamos dar um passo ou praticar um acto que possa fazer subir os preços acima de um nivel economico equitativo. Desejamos e queremos chegar a um accordo internacional para a manutenção de um equilibrio razoavel entre o pedido e a offerta no mercado mundial por meio de compromissos: 1º — Dos paizes que não exportam actualmente para o mercado livre, devem ser os

importadores que se bastem a si mesmo ou exportam com destino a um mercado preferencial, afim de que elles regularizem a sua producção ou as suas exportações da maneira a manter um nivel o mais elevado possivel dos escoadouros nos mercados livres; 2º — Dos paizes que abastecem o mercado livre para que a regulamentação das suas exportações mantenha a offerta a um nivel em harmonia com a procura provavel; 3º — De todos os paizes onde as cotações do mercado livre subirem até ao nivel economico, tomarem todas as precauções possiveis para ajustar os seus direitos protectores, subvenções, etc., afim de evitar que os seus preços internos subam até ao ponto onde constituiriam entrave ao consumo e estimulassem a producção nova, o que iria de encontro ao nosso objectivo".

Depois de expender algumas considerações sobre a marcha a imprimir aos debates, o orador accrescentou:

"E' evidente que nenhuma formula geral se pode applicar a todos os paizes. Teremos tambem a nosso cargo a tarefa de estabelecer regras applicaveis a cada grupo de paizes e ao papel destes paizes na industria açucareira, como productores, exportadores e importadores".

O sr. Mac Donald admittiu que o estabelecimento de quotas de exportações poderia apresentar certas difficuldades mas confiava que os paizes exportadores não pediriam quotas que repousem em considerações theoricas mas visem estrictamente os limites actuaes do mercado livre.

"De outra parte — accentuou — temos os paizes que não exportam para o mercado livre ou que produzem o estrictamente necessario ás suas proprias necessidades. No accordo que se vier a celebrar ficará estabelecido que estes paizes tomem medidas que correspondam á sua situação particular, afim de manter tanto quanto possivel as necessidades do mercado livre. Alguns, por exemplo, poderiam ser convidados a restringir a sua producção nacional ao maximo previamente fixado. Outros poderiam ser simplesmente convidados a limitar as suas exportações a condições que não pudessem ser identicas ás da exportação com destino ao mercado livre".

O orador terminou salientando que os trabalhos da conferencia somente poderiam avançar "se as delegações estivessem promptas a declarar francamente, desde o primeiro accordo, quaes eram os seus desejos e intenções, tendo sempre em conta as possibilidades do mercado".

PONTOS A DEBATER

Para chegar a um resultado util á economia açucareira internacional, as conclusões finaes da Conferencia deverão tender á approvação de medidas que concorram para as seguintes providencias indispensaveis:

a) para a regulamentação do mercado livre;

b) para favorecer o desenvolvimento do consumo do açucar; e

c) para a reducção dos direitos protecionistas, logo que se verifique uma alta nos preços do açucar.

Afim de chegar a essas medidas, os delegados dos paizes productores de açucar terão de chegar a um entendimento sobre os seguintes pontos:

1) que os paizes importadores encarem medidas que objectivem augmentar as collocações dos paizes exportadores;

2) que os exportadores se resolvam a limitar e a regulamentar as suas exportações em uma cifra que não ultrapasse sensivelmente as necessidades actuaes do mercado livre;

3) que seja assentado um entendimento com os paizes que, não sendo actualmente exportadores, reclamem um contingente de exportação;

4) que seja adoptada uma base para a repartição, entre os paizes exportadores, para a distribuição do augmento da procura no mercado livre;

5) que se chegue a um accordo sobre as medidas a serem adoptadas pelos governos interessados para augmentar o consumo em seus territorios;

6) que se fixem as obrigações a serem acceitas pelos governos relativamente á limitação futura dos impostos protecionistas, subvenções, premios, etc.;

7) que sejam tomadas medidas protectoras do mercado livre contra a influencia perturbadora dos productores que não participem da Conferencia;

8) que os paizes productores resolvam tomar medidas que evitem a creação de es-

toques excessivos, que, mesmo segregados, poderiam influir sobre o mercado; e

9) que se fixe, por accordo, o nivel de preços que convenham ser mantidos.

FALA O DELEGADO DO BRASIL

Na sessão plenaria, usou da palavra o delegado brasileiro, sr. Decio Coimbra, que explicou o interesse que envolvia, para o Brasil, a Conferencia Internacional do Açucar.

Relembrou que no seculo passado era o Brasil o principal exportador mundial de açucar e explicou que as exportações brasileiras estavam actualmente reduzidas ás proporções do desenvolvimento do mercado interno, porém que a producção do açucar continuava a ser uma das principaes industrias do paiz. E accrescentou:

"Os terrenos productores de canna no Brasil estão tão bem adaptados como os das melhores regiões do mundo.

A cultura do açucar foi a primeira e é a mais antiga industria agricola do Brasil. A nossa producção poderia ser augmentada, mas o Brasil esforçou-se sempre por manter uma politica prudente, limitando voluntariamente a sua producção á capacidade de absorpção dos mercados internos e externos. Em vez de lançar grandes quantidades no mercado internacional, o que teria como resultado aggravar ainda mais a crise chronica dos generos alimenticios no Brasil, destinou uma importante quota do excesso da canna para a fabricação de alcool, reduzindo assim o volume exportavel ao minimo indispensavel á sobrevivencia e segurança da nossa producção. Tal exportação é necessaria para preservar a base economica de um dos principaes ramos da agricultura brasileira".

A QUOTA BRASILEIRA

O sr. Decio Coimbra apresentou o pedido de uma quota annual de 80 mil toneladas de açucar.

O nosso representante explicou que, embora a nossa exportação actual seja pequena, o Brasil possue enormes possibilidades de producção, pretendendo o direito de exportal-a para o mercado mundial.

Depois de estudar o pedido, o "Comité" suggeriu, para o nosso paiz, a quota exportavel de 40.000 toneladas, que o nosso representante recusou, allegando a falta de instrucções bastantes de seu governo. As ultimas noticias informam que a quota brasileira foi fixada em 60 mil toneladas annuaes.

A CONFERENCIA PROSEGUE

Até á data de encerrarmos o expediente da presente edição, ainda proseguiam os trabalhos da Conferencia Internacional do Açucar, de modo que só no proximo numero nos será possivel annunciar as conclusões finaes a que chegar.

Sabe-se, entretanto, através do noticiario da imprensa, que os trabalhos estão proximos a terminar e acredita-se que se concluirão por um accordo tendente a resolver a situação açucareira mundial.

O ACCORDO SERA' DE CINCO ANNOS

As ultimas informações recebidas davam como quasi concluido um accordo a respeito das quotas de exportação de açucar.

Ao que se acredita, o accordo em questão, que vigorará por cinco annos, permittirá, com effeito, dentro de um limite razoavel, especulações sobre o augmento do consumo mundial do açucar, como resultado de uma situação economica melhorada.

De accordo com os calculos actuaes, o mercado mundial consome cerca de ..... 3.170.000 toneladas de açucar por anno, mas o novo convenio açucareira poderá elevar consideravelmente aquelle numero.

Espera-se que o accordo contenha um paragrafo limitando severamente ou mesmo prohibindo a imposição de novas tarifas alfandegarias sobre as importações do açucar, pelos paizes consumidores, destinadas a augmentar as áreas de plantações da beterraba.

Entrementes, os peritos do Comité do Açucar têm quasi completa uma proposta estabelecendo a creação de uma commissão permanente do açucar, proposta essa que se espera seja approvada pela convenção final.

O texto em questão ficará completo, excepto no que se refere aos dados sobre a quota de exportação, que serão incluidos quando for officialmente annunciada a sua approvação.

Espera-se que a projectada commissão permanente do açucar tenha sua séde em Londres, sendo presidida por um inglez, e realizando sessões plenarias annualmente.

A SITUAÇÃO AÇUCAREIRA INTERNACIONAL

Secretario commercial, DECIO COIMBRA,
Delegado do Brasil á Conferencia.

Londres, 23 de março de 1937.

Nestes apontamentos procurei reunir as informações mais importantes para acompanhar os trabalhos da Conferencia Internacional do Açucar que vae se reunir em Londres, a 5 de abril entrante. Deixo de reproduzir, neste trabalho, as estimativas da safra mundial de açucar organizadas pelo dr. Gustavo Mikusch, de Vienna, que são tidas como as mais perfeitas e de maior autoridade em todo o mundo, porque ellas ja são conhecidas no Brasil, tendo sido publicadas pela revista "Brasil Açucareiro".

AÇUCAR DE BETERRABA E AÇUCAR DE CANNA

A crise mais ou menos permanente em que vive o commercio de exportação de açucar é uma consequencia da luta quasi secular entre as producções dos açucares de beterraba e de canna. Em 1840 o açucar de beterraba representava apenas 4 % da producção mundial de açucar; em 1850, 14 %; em 1860, 20 %. Nas vesperas da guerra mundial, a producção do açucar de beterraba igualava quasi a de açucar de canna, oscilando ambas em redor de 8 milhões de toneladas. Nos annos de 1912 e 1913 a producção de açucar de beterraba attingia a 9 milhões de toneladas, contra 7 milhões de açucar de canna. Durante a guerra, a cultura de beterraba foi se reduzindo até chegar ao minimo de 3 e meio milhões de toneladas na safra de 1919-20, ao mesmo tempo que a producção de açucar de canna, estimulada extraordinariamente, attingia a 12 milhões de toneladas. Este representava 75 % da producção mundial de açucar. Desde então a situação da industria do açucar de beterraba começou a melhorar e a producção ajudada pelos Governos subiu, em 1928, a 9 milhões de toneladas, ou seja a mesma de 1912-13, ao mesmo tempo que, parallelamente, a producção de açucar de canna continuava a augmentar, chegando em 1928 a 18.300.000 toneladas. O augmento da producção mundial de açucar, em relação ao periodo anterior á grande guerra, provem quasi que unicamente do desenvolvimento do açucar de canna, cuja technica de producção se apresentava melhorada, com um rendimento por hectare bem maior e, consequentemente, menos custo. A media do custo de producção do açucar de beterraba, bem mais elevado que antes da guerra, ultrapassava em muito os preços correntes no mercado livre em 1928-29. A producção do açucar de beterraba mantinha-se, unicamente, por effeito de direitos de importação prohibitivos e dos auxilios e subvenções governamentaes.

E. BURZLAFF & FILHO

Especialistas em construcções de chaminés

Chaminés construidas para usinas de açucar: Usina Junqueira, chaminé de 75 m.; Usina Esther, chaminé de 60 m.; Usina Itaquerê, chaminé de 60 e 30m.; Usina Mineiros, Campos, chaminé de 40m.; Açucaria Santista, Santos, chaminé de 35m.; Usina Monte Alegre, chaminé de 55.; Usina Tamoyo, chaminé de 55m.; Usina Itahyquara, chaminé de 45m.; Usina Pureza, Campos, chaminé de 61m. Construimos em toda parte do Brasil. Fazemos calculos de rendimentos de caldeiras.

Peçam informações e orçamentos sem compromisso

Rua Flor. de Abreu, 125
Tel. 4-1100 — Caixa 2519
SÃO PAULO

Affirma-se que, abandonada aos preços do mercado livre, a producção do açucar de beterraba seria economicamente inviavel. As medidas adoptadas pelos Governos para reservar os mercados internos á producção nacional restringiram consideravelmente o mercado livre, contribuindo para diminuir o consumo e fazer crescer os estoques. A "débacle" nos preços começou em 1929, com o inicio da crise economica mundial.

A EVOLUÇÃO NOS ULTIMOS ANNOS

As estatisticas que reproduzimos a seguir sisthematisam a situação da industria açucareira mundial:

	MIL TONELADAS			%	
	Beterraba	Canna	Total	Beterraba	Canna
1931-32	8.953	19.256	27.208	32,91	67,09
1932-33	7.906	18.425	26.331	30,03	69,97
1933-34	9.124	16.397	25.521	35,76	64,24
1934-35	9.763	15.111	24.904	39,33	60,67
1935-36	10.439	16.689	27.128	37,75	62,25
1936-37 (a)	10.231	17.517	27.748	36,88	63,12

(a) As cifras de 1936-37 são estimativas.

	1931-32	1932-33	1933-34	1934-35	1935-36	1936-37
Consumo mundial	26.100	26.302	25.037	25.637	28.031	28.050
Producção	27.208	26.331	25.521	24.904	27.128	27.748
Excesso de producção	1.108	29	484			
Excesso de consumo				733	903	302

Em 30 de Setembro	Estoques em mil toneladas					Preço medio cubano, 96°, c. i. f.	
	Europa	E. Unidos	Cuba	Java	Mundo	Londres por cwt. S. D.	N. York por lb. Cents
1928	442	343	1.021	1.387	3.193	11 7 1/2	2,20
1929	671	933	946	1.497	4.047	9 0 1/2	1,80
1930	798	393	2.449	1.882	5.522	6 7	1,40
1931	1.702	459	2.317	2.287	6.765	6 3 3/4	1,40
1933	1.401	440	2.116	3.133	7.090	5 9 1/2	0,93
1932	1.021	348	1.839	3.056	6.254	5 4	1,23
1934	873	628	1.585	2.328	5.414	4 8 1/2	1,07
1935	1.167	545	920	1.496	4.128	4 7 1/4	1,15
1936	878	334	877	894	2.983	4 9	1,59

OBSERVAÇÕES SOBRE A SITUAÇÃO ESTATISTICAL ACTUAL

O estudo das cifras estatisticas revela um apreciavel melhoramento na situação da industria açucareira mundial:

1° — o desenvolvimento do consumo, que em 1936 deve ter ultrapassado a producção em quasi um milhão de toneladas;

2° — a reducção dos estoques em Cuba e Java a proporções quasi normaes, pela diminuição da producção:

Producção (Mil toneladas)

Safras	Cuba	Java
1929	5.238	3.159
1930	4.745	3.111
1931	3.214	3.171
1932	2.678	3.004
1933	2.053	2.759
1934	2.340	1.504
1935	2.611	703
1936	2.603	564

3° — o augmento das exportações de açucar na safra de 1935-36, que attingiram a 8.800.000 toneladas contra 8.550.000 na safra precedente. Essas cifras estão, porém, muito aquem das de annos passados. Em 1925, por exemplo, 12.500.000 toneladas de açucar circularam no commercio internacional. O "mercado livre" que, no inicio da crise economica mundial, absorvia 6 milhões de toneladas, estava reduzido em 1934-35 á Gran-Bretanha, á India e á China e a um certo numero de paizes de menor significação, fazendo ao todo uma importação de 3 milhões de toneladas. Os outros mercados estavam regularmente por medidas internas mais ou menos restrictivas. A situação futura dependerá do tamanho da safra cubana, que está estimada em quasi 3 milhões de toneladas. A producção da India Britannica está tambem em augmento consideravel, havendo o receio de que um lote importante seja lançado no mercado livre.

AS CONVENÇÕES INTERNACIONAES SOBRE O AÇUCAR

Em um memorandum da Sociedade das Nações sobre proteccionismo agricola, vem um capitulo breve historiando a origem das tentativas para uma regulamentação internacional da producção açucareira.

"Ao abrigo dos direitos productores — diz esse trabalho — a industria açucareira, constituida em cartel, augmenta os preços para o consumidor nacional, e, graças aos beneficios realizdos no mercado interno, pode vender ao estrangeiro o excedente da sua producção a um preço reduzido. A concorrencia torna-se assim desenfreada e desorganiza profundamente o mercado, sem proveito para ninguem. Esse "dumping" levado longe chega a abastecer abaixo do preço de revenda o principal mercado consumidor: a Inglaterra. O açucar é vendido ahi a um preço vil, pois que as "primas" concedidas nos paizes exportadores compensam a perda soffrida pelos productores. Elle é, porém, pago bem caro nos paizes productores que, para vender a baixo preço, impõem pesada carga ás suas populações, e esses preços elevados restringem consideravelmente o consumo. Apesar das vantagens que a Inglaterra usufruia desse estado de cousas, ella ouviu a queixa das suas colonias açucareiras: a reducção artificial dos preços era prejudicial á producção de açucar de canna nas Antilhas Britannicas. Após negociações difficeis, uma Conferencia Internacional reuniu em Bruxellas. Diante da ameaça ingleza de gravar com um direito compensador os açucares "primados", a Conferencia concluiu, em 1902, uma convenção que regulava a questão açucareira e foi ratificada pela maior parte dos paizes productores. Ella abolia as "primas" directas ou indirectas, tanto quanto á producção como á exportação e fixava um maximo moderado aos direitos alfandegarios sobre a importação. Ell esatabelecia medidas contra os paizes que se recusassem adherir á convenção, gravando os açucares da sua producção com um direito compensador igual á "prima" que concedessem. A Convenção de Bruxellas determinou a reducção da producção em muitos paizes europeus, principalmente na França".

Em 1927, Cuba, Allemanha, Tchecoslovaquia e Polonia entraram em entendimento para limitar a producção.

O accordo Chadbourne, concernente á regulamentação da producção de açucar, foi negociado em 1931 e expirou a 1 de setembro de 1935. Agrupava os paizes seguintes: Allemanha, Belgica, Hungria, Polonia, Tche-

coslovaquia, Iugoslavia, Cuca, Mexico, Perú e Java. Esse grupo representava em 1929-30 cerca da metade da producção mundial; em 1934-35 não representava senão 30 %, ficando de fóra todo o Imperio Britannico, com uma producção de mais de 6 milhões de toneladas, em um total mundial de 28 milhões.

Por iniciativa do Governo Britannico, vae se reunir agora, em Londres, uma Conferencia Internacional para regular a producção e o commercio desse artigo.

O MERCADO DO REINO UNIDO

A producção de açucar do Reino Unido representa hoje mais ou menos o dobro da safra 1931-32, conforme se vê dos seguintes algarismos:

Safras	Mil toneladas
1931-32	284
1932-33	373
1933-34	523
1934-35	694
1935-36	594
1936-37	548 (estimativa)

A industria açucareira do Reino Unido está baseada inteiramente nos subsidios concedidos pelo Governo. Essas subvenções importaram, no periodo de 1925-35, em..... 39.500.000 libras esterlinas. Uma commissão encarregada de dar parecer sobre a situação da industria apurou em 1935 que ella empregava apenas 32.000 trabalhadores e propoz a suppressão da subvenção. Essa proposta levantou grande opposição. Em 1936 as companhias foram amalgamadas em uma "Sugar Corporation" e foi resolvido que a subvenção continuasse, mas em menor escala.

O mercado do Reino Unido é, depois do dos Estados Unidos, o maior do mundo para o consumo de açucar. A importação regula 70 % do consumo, conforme se vê dos seguintes dados

(Em mil toneladas)

	1932	1933	1934	1935	1936
Importação	2.388	2.040	1.943	1.945	2.264
Producção domestica	284	373	523	694	594
Total	2.672	2.417	2.466	2.639	2.858
Consumo	2.388	2.053	1.944	1.952	2.263
Excesso da previsão sobre o consumo	284	364	522	687	595
Exportação de açucar refinado	310	345	356	339	358
Estoques	169	247	241	218	116

O quadro annexo n. 1 dá os detalhes da importação.

A PRODUCÇÃO DE AÇUCAR DO IMPERIO BRITANNICO

O Imperio Britannico fornece quasi 50 % do açucar bruto importado pelo Reino Unido, conforme se vê do quadro annexo numero 1. Em 1932 o Imperio fornecia 33,8 %. Os direitos preferenciaes, que regulam a terça parte dos direitos geraes para os açucares das Colonias e a metade para os dos Dominios, têm estimulado as importações dessas procedencias. A producção de açucar do Imperio Britannico eleva-se a cerca da quarta parte da producção mundial. A producção da India regula 60 % do total do Imperio, mas o seu consumo é superior á producção domestica, vendo-se obrigada a importar, em media, 350.000 toneladas annualmente. As exportações de açucar do Imperio Britannico attingiu na safra de 1935-36 a..... 1.400.000 toneladas. O Reino Unido absorveu 75 % dessas exportações. O quadro annexo n. 2 expõe essas estatisticas detalhadamente.

O AÇUCAR BRASILEIRO NO MERCADO DO REINO UNIDO

O Reino Unido é o mercado tradicional do açucar brasileiro. As importações de açucar brasileiro têm sido as seguintes, de accordo com a estatistica ingleza, no ultimo decennio:

Annos	Toneladas
1927	41.191
1928	18.305
1929	11.711
1930	73.733
1931	12.445
1932	26.519
1933	32.719
1934	23.456
1935	30.637
1936	53.258

Media annual de 1927-36: 32.397.

Essa media de 32.397 toneladas augmenta ou diminue, seguindo as oscillações da nossa producção.

QUADRO N. 1

IMPORTAÇÃO DE AÇUCAR NA GRAN BRETANHA

AÇUCAR BRUTO

	1931		1932		1933	
Importação	Toneladas	%	Toneladas	%	Toneladas	%
Do Imperio	609.943	33,8	711.584	29,8	791.393	38,8
Do estrangeiro	1.195.844	66,2	1.676.726	70,2	1.249.108	61,2
Total	1.805.787	100,0	2.388.310	100,0	2.040.501	100,0
Do Brasil	12.445	0,7	26.519	1,1	32.719	1,6
Principaes fornecedores:						
Australia	242.970		209.517		150.608	
Mauricia	157.275		197.549		211.370	
Indias Occidentaes Britannicas	36.539		124.667		198.609	
Guiana Britannica	31.876		77.695		84.113	
Africa do Sul	126.728		50.743		81.025	
Fidji	14.535		51.410		59.379	
Outras regiões	20		3		6.289	
Total	609.943		711.584		791.393	
Cuba	483.013		783.640		654.110	
S. Domingos	153.642		280.389		157.549	
Perú	177.160		187.154		209.689	
Brasil	12.445		26.519		32.719	
Java	12.801		251.078		53.808	
Polonia	141.674		75.221		29.881	
Estados Unidos	13.363		18.154		14.592	
Outros paizes	201.746		54.571		96.760	
Total	1.195.844		1.676.726		1.249.108	

AÇUCAR (Continuação)

Importação	1934 Toneladas	%	1935 Toneladas	%	1936 Toneladas	%
Do Imperio	958.497	49,3	815.350	41,9	1.077.286	47,6
Do estrangeiro	984.840	50,7	1.130.445	58,1	1.186.626	52,4
Total	1.943.337	100,0	1.945.795	100,0	2.263.912	100,0
Do Brasil	23.456	1,2	30.637	1,3	53.258	2,3
Principaes fornecedores:						
Australia	349.712		243.929		321.491	
Mauricia	220.742		188.066		258.020	
Indias Occidentaes Britannicas	138.892		88.943		180.482	
Guiana Britannica	87.009		56.312		72.313	
Africa do Sul	80.308		157.561		136.147	
Fidji	67.438		68.543		94.359	
Outras regiões	14.396		11.996		14.474	
Total	958.497		815.350		1.077.286	
Cuba	548.634		559.074		714.369	
S. Domingos	155.021		313.881		215.817	
Perú	148.409		147.370		137.159	
Brasil	23.456		30.637		53.258	
Java	19.952		16.737		—	
Polonia	22.969		16.530		22.716	
Estados Unidos	16.696		12.511		16.544	
Outros paizes	49.703		33.705		26.763	
Total	984.840		1.130.445		1.186.626	

QUADRO N. 2

PRODUCÇÃO DO IMPERIO BRITANNICO
(Em mil toneladas)

Safras	AUSTRALIA		AFRICA SUL		MAURICIA	
	Producção	Exp. para R. Unido	Producção	Exp. para R. Unido	Producção	Exp. para R. Unido
1931-32	615	209	296	51	167	197
1932-33	539	150	326	81	251	211
1933-34	677	350	355	80	265	220
1934-35	651	244	325	157	183	188
1935-36	657	321	379	136	285	258

	GUIANA BRIT.		FIDJI		ANTILHAS BRIT.	
	Producção	Exp. para R. Unido	Producção	Exp. para R. Unido	Producção	Exp. para R. Unido
1931-32	128	78	73	51		
1932-33	151	84	139	59		
1933-34	144	87	118	67		
1934-35	134	56	115	68	181	89
1935-36	181	72	134	94	261	180

	INDIA	TRINDADE	REINO UNIDO	TOTAL
	Producção	Producção	Producção	Producção
1931-32	3.521	39	284	5.183
1932-33	4.727	123	373	6.629
1933-34	3.106	107	523	5.295
1934-35	3.120	120	694	5.523
1935-36	3.696	157	594	6.344

A SITUAÇÃO DO MERCADO AÇUCAREIRO

Em 14 do corrente inseriu o vespertino "O Globo", desta capital, a entrevista que a seguir reproduzimos, tomada ao vice-presidente do Instituto do Açucar e do Alcool:

NÃO HAVERA' FALTA DE AÇUCAR!

"Os estoques são perfeitamente normaes" — declara ao "O. Globo" o presidente do I. A. A.

"Publicamos, hontem, uma reportagem sobre a ameaça que se dizia existir de vir a faltar ou pelo menos escassear o açucar no mercado do Rio.

Hoje, ouvimos a respeito o sr. Andrade Queiroz, presidente interino do Instituto do Açucar e do Alcool, que nos declarou:

— Não haverá falta de açucar nem escassez no mercado do Rio. E isto porque os estoques são perfeitamente normaes e sufficientes até o inicio da nova safra.

— Mas não houve diminuição da safra do producto?

— Houve, no Norte. Mas a producção do Sul — Campos, São Paulo e Minas — cobriu essa differença. Não ha, portanto, motivos para receiar a sua falta ou escassez".

Referindo-se a essa entrevista, no dia 17 do mesmo mez o Sindicato dos Industriaes do Açucar e do Alcool de Campos, Estado do Rio de Janeiro, distribuia á imprensa local a nota abaixo transcripta:

"Na séde dos Industriaes de Açucar e Alcool, realizou-se uma importante reunião, na qual qual tomou parte a commissão nomeada pelo Sindicato Agricola de Campos, para tratar ali dos magnos assumptos de interesse da producção açucareira fluminense. Todos esses assumptos foram discutidos com a maior elevação, no ambiente da mais perfeita cordialidade, sendo todos unanimes em tornar cada vez mais estreita a coesão entre usineiros e levradores na defesa dos interesses reciprocos.

Ficou assim, desde logo, traçado, que, no que diz respeito á defesa da producção açucareira, os lavradores e usineiros fluminenses, pondo á margem interesses pessoaes e olhando melhor o interesse collectivo, tomarão sempre deliberações consultando as justas aspirações de ambas as classes, evitando-se desentendimentos e dissidios que só tem redundado em prejuizo para todos aquelles que labutam na lavoura e industria açucareiras. Nesta conformidade, no que diz respeito ao inicio da safra para 15 de junho, ficou assentado dar-se inteira solidariedade a essa resolução, ficando tambem os representantes da lavoura e industria açucareiras fluminenses junto ao Instituto do Açucar e do Alcool com instrucções de uma acção conjuncta no amparo dos direitos dessas mesmas classes.

Nessa reunião foi ainda consignado um energico protesto contra as declarações exaradas na entrevista concedida ao vespertino "O Globo", do Rio pelo sr. Andrade Queiroz sobre o mercado açucareiro, pois, contrariamente a essas affirmativas a situação desse mercado é muito outra do que a desenhada na referida entrevista.

Os representantes do Sindicato dos Industriaes de Açucar e Alcool e Sindicato Agricola de Campos, resolveram ainda manter-se em trabalho permanente, nas suas respectivas associações, fazendo sempre reuniões conjunctas quando necessarias, de modo a serem evitados os prejuizos soffridos nas safras anteriores e determinados pela falta de uma assistencia continuada na defesa dos justos direitos da producção açucareira do Estado do Rio de Janeiro. — Campos, 17-4-937". — (Do "Monitor Campista", 18-4-937).

Ante o descabido protesto contido nesta nota, o vice-presidente do I. A. A. endereçou áquella associação de classe a epistola que abaixo reproduzimos, na qual a verda-

deira situação é exposta com clareza e documentada com a indispensavel informação estatistica:

"Carta aberta ao sr. Presidente do Sindicato dos Industriaes em Açucar e Alcool do Municipio de Campos.

Rio, 20 de abril de 1937. — Prezado senhor. — Pelos jornaes de Campos sou informado do que se passou na reunião conjuncta de lavradores e usineiros realizada sabbado, 17, na sede do Sindicato que V. S. preside. Desse grave entendimento resultou uma nota á imprensa, cujo ultimo periodo consigna "energico protesto" a declarações minhas, publicadas em vespertino desta Capital, esclarecendo perguntas que me fez, pelo telefone, um de seus redactores sobre a veracidade de boatos correntes, inculcando possivel falta de açucar para consumo publico. Respondi pela negativa, porque, affirmei, "os estoques são normaes e sufficientes ate o inicio da safra", additando para satisfazer a nova interrogação, que a quebra na producção do Norte, provocada pela secca, fora coberta pela fabricação das usinas do Sul excedente da limitação que têm.

Creio que é a veracidade dessas affirmativas o objecto do protesto, visto que eu mais não disse.

Se póde a entidade collectiva que V. S. presidiu negar ou affirmar o que lhe convier, eu não me posso conceder a mesma liberdade. Nego ou assevero somente o que resulta de uma convicção documentada e o que disse colhi nas estatisticas do Instituto do Açucar e do Alcool, á disposição de V. S. ou de quem as quizer consultar.

Reaffirmo, assim, que a situação dos estoques de açucar é normal, desde que o corte das cannas e o trabalho das usinas se processem em tempo, e que a producção extra-limite do sul bastou para supprir o que viesse a faltar em consequencia da diminuição inflingida á colheita do Norte. Não quer isto dizer que essa compensação se haja estabelecido em quantidade exactamente igual á perda soffrida, mas bastante para impedir viesse a provocar escassez ou desapparecimento temporario do producto.

Ao se falar por estes lados em reducção nas colheitas das zonas cannavieiras do Nordeste, é commum não se ter presente um facto de todos sabido: quando naquellas regiões a producção é normal, isto é, igual á limitação, não póde ser vendida toda no Paiz, porque lhe excede ás necessidades. Exporta-se, então, para o estrangeiro a parte que viria rebentar os mercados

Snr. A. de Andrade Queiroz
Vice-Presidente do I. A. A.

de cá, como se fez até agora, ou se a transforma em alcool anhidro, como se pretende fazer por deante. Portanto, se um flagello dizima as lavouras dos brasileiros nordestanos, os do Sul so podem, dentro de uma organização como a do Instituto do Açucar e do Alcool, pretender preencher essa falta na proporção necessaria para não sacrificar os demais. Ou isso, ou a "quota de sa-

crificio" teria de ser dada pelos que partissem o equilibrio, sob pena de serem arrastados tambem nas consequencias funestas do seu acto, ou a suppressão da defesa, para que subsistisse quem pudesse.

Aqui vão os dados sobre os quaes me apoiei: o consumo medio annual de açucar de usina no Brasil é de ..... 9.212.944 saccos, tomando-se as cifras de consumo apuradas nas safras 1933-1934, 934-35 e 935-36, respectivamente, 8.338.866, 9.518.159 e 9.781.806 Confesso julgar baixa esta media e discutivel a porção encontrada em 933-34, quando a estatistica do Instituto, na parte de consumo, era falha pela exiguidade de informações. Deposito, porém, integral confiança nos elementos das duas safras seguintes, 934-35 e 935-36, e por isso adopto a média desse biennio, mais alta, 9.649.982 ou, mensal, 804.165 saccos.

Verifiquemos agora se o estoque vindo da safra 935-36 e a producção da seguinte, 936-37, bastam ou não ás necessidades do paiz até o inicio da moagem da colheita 937-38:

	Saccos
Saldo da safra 935-36, que passou para 936-37 .	1.821.914
Producção da safra 936-37	9.524.526
	11.346.440
Média annual de consumo a deduzir	9.649.982
Saldo para 937-38	1.696.458

Como se vê, é perfeito o equilibrio de producção e consumo e o estoque existente no paiz em 31 de março o comprova insofismavelmente: 2.914.459 saccos. No Districto Federal, em 15 do corrente, a reserva de açucar superava a conhecida em igual data desde 1934:

	Saccos
1934	104.418
1935	89.359
1936	26.714
1937	128.979

Joguemos ainda com o estoque de 1 de abril ultimo, para saber se é sufficiente ao consumo nacional até á nova fabricação:

	Saccos
Estoque	2.914.459
Consumo de abril e maio	1.608.330
Saldo em 1 de junho . .	1.306.129

E si V. S. quizer afastar-se por um momento do assumpto e aproveitar estes dados para diversão talvez util, poderá calcular as condições de abastecimento do mercado durante a safra que se inicia, acceitando mesmo, como se acceita em Campos, ao que me informam, continuem os Estados açucareiros do Norte a ter a sua lavoura sob os effeitos rigorosos da intemperie, que, graças a Deus, já passou, e prevendo safra nacional rigorosamente igual á encerrada.

Assim:

	Saccos
Saldo em 1 de junho . .	1.306.129
Producção 937-38	9.524.526
	10.830.655
Consumo provavel em 12 mezes calculado pela media do biennio 934-35 e 935-36	9.649.982
Saldo para a safra 938-39	1.180.673

Depois de examinar V. S. todas essas informações, é chegado o momento de a meu turno, fazendo-me de jornalista, entrevistal-o, sr. Presidente do Sindicato dos Industriaes em Açucar e Alcool, propondo-lhe e a seus companheiros de reunião uma pergunta: qualquer dos senhores, conhecedor das cifras que aqui ficam, teria dado resposta diversa da que dei?

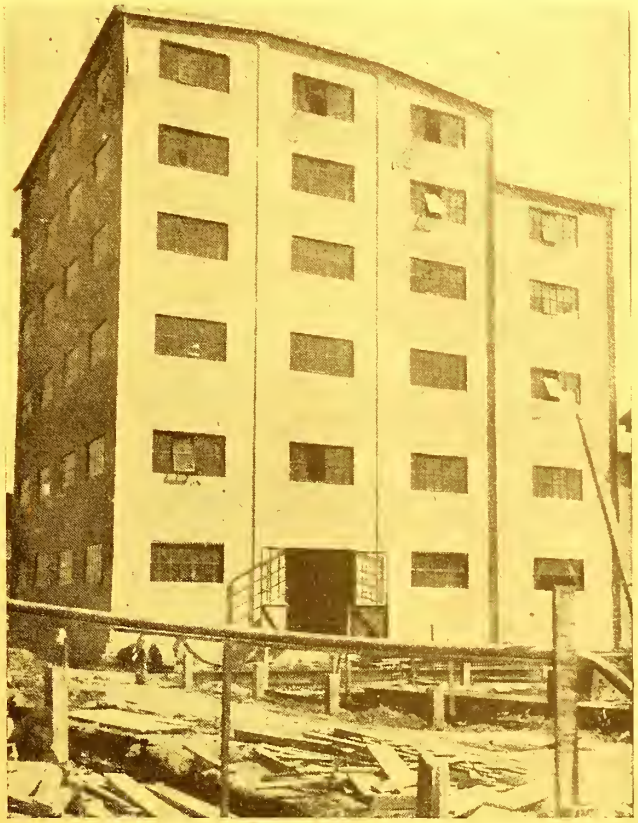
Estou certo que nenhum e si me não illudo resta-lhes retirar o protesto e poupar a energia com que foi desferido. Póde vir a ser-lhes util noutra occasião.

Queira aceitar os meus protestos de estima e consideração. — (a.) **A. de Andrade Queiroz**, Vice-Presidente do Instituto do Açucar e do Alcool".

DISTILLARIA CENTRAL DE CAMPOS

Está prestes a concluir-se a construcção da Distillaria Central que o Instituto do Açucar e do Alcool está montando em Campos, no Estado do Rio de Janeiro.

A grande fabrica — a mais completa e



Edificio onde se acham installados os apparelhos de distillação da grande usina de alcool anhidro em construcção.

aperfeiçoada, no genero, que se levanta na America do Sul — acha-se localizada á margem do rio Parahiba do Sul, nos terrenos da antiga Usina de Dores, proximo á estação Martins Lage, da linha de São João da Barra, Estrada de Ferro Leopoldina, tendo, pois, facil accesso fluvial e ferroviario.

Já se acham erguidos todos os edificios que compõem o seu conjuncto gigantesco: o de fermentação e distillação, o das caldeiras e casa de machinas, o do escriptorio e expedição de alcool, o das officinas mechanicas, administração e almoxarifado. Da mesma fórma, os predios para a residencia do gerente, do chimico, dos funccionarios graduados e dos operarios.

Igualmente estão montados tres tanques para deposito de melaço, tres para alcool de baixa graduação, um para alcool absoluto, um para oleo de fusel. A linha ferrea na extensão de 2 ½ kilometros, com ligação á E. de F. Leopoldina, tambem se encontra quasi concluida.

Quanto á apparelhagem da Distillaria, pouco falta para completar a sua montagem. Lá se ostentam, nos respectivos logares, as duas columnas distillatorias, de 30.000 litros cada uma; 31 cubas de fermentação; quatro caldeiras aço-tubulares, de 4000 kilos de vapor por hora, aquecidas a oleo combustivel; duas machinas a vapor, com cerca de 500 cavallos, para produzirem energia, sob a forma de força motriz e luz. E a chaminé que terá 55 metros de altura, ergue-se já a mais de 30.

As installações para captação e tratamento de 500 metros cubicos dagua por hora, mais que sufficientes para todos os serviços da Distillaria, estão tambem a terminar. E é de assignalar que, pelo seu aperfeiçoamento, são de causar inveja á população de Campos, obrigada a consumir agua tão mal captada e tratada.

A' vista do adeantamento de suas obras, espera-se que a Distillaria possa começar, em maio ou junho proximo, as experiencias de fabricação. Para esse fim, o Instituto do Açucar e do Alcool já iniciou a compra de melaço, tendo recebido até agora mais de

400 toneladas, que se acham depositadas num dos respectivos tanques.

A proposito, o "Monitor Campista", prestigioso orgão fluminense, bordando commentarios sobre o assumpto, diz, entre outras coisas, que essa quantidade de melaço não basta para a experiencia, de cujo exito depende a entrega da Distillaria pelos constructores, afim de entrar depois no seu funccionamento regular. "E' preciso, — accrescenta —, que os srs. usineiros possuidores de melaço accudam a essa necessidade de materia prima, vendendo-a ao Instituto nas condições estabelecidas pela sua Secção Technica".

Proseguindo nas suas considerações, diz a folha campista:

"E' certo não convir ás Usinas o preço que o Instituto offerece pelo melaço, ante a elevada cotação do alcool, dando margem a melhor aproveitamento dos residuos da ultima safra. Mas cumpre ponderar que a existencia da Distillaria interessa fundamentalmente aos srs. industriaes do açucar, porque está sendo construida com a taxa de defesa que todos pagam, destinando-se a resolver as crises frequentes da super-producção, graças á conversão dos excessos em alcool absoluto. Justifica-se assim, aos seus proprios olhos, algum sacrificio que façam, no sentido de garantir-lhe a materia prima de que precisa, para se integrar definitivamente nas suas actividades fecundas.

Não é admissivel a hipothese de que a Distillaria Central de Campos, cujo custo total montará a mais de 20.000 contos, venha a falhar ás suas finalidades, por indifferença justamente daquelles a quem pretende beneficiar, assegurando-lhes colloca-ção compensadora para as sobras da lavoura cannavieira, que constituem um problema a resolver todos os annos. Essa hipothese seria até uma injuria aos srs. usineiros fluminenses, a cujo espirito progressista, heroica tenacidade e energia creadora devemos a grande industria, que é hoje a maior riqueza do Estado, depois que o Instituto do Açucar e do Alcool, com a politica inflexivel da sua defesa, a libertou das crises periodicas que ameaçavam arrastal-a á ruina mais completa".

Attendendo a que não foi desembaraçado ainda todo o material destinado á Distillaria, á solicitação do Instituto do Açucar e do Alcool, o sr. Presidente da Republica mandou conceder a prorogação de 120 dias, no praso legal de um anno de vigencia da concessão anteriormente feita, para o desembaraço, com isenção de direitos de importação para consumo e demais taxas aduaneiras sobre todo o material, sem similar nacional, destinado á referida Distillaria.

"La Industria Azucarera"

(FUNDADA EM 1894)

Revista mensal, orgão do Centro Azucarero da Republica Argentina

Reconquista, 336 Buenos Aires

Informações, estudos technicos e commentarios sobre a industria açucareira

Assignatura por anno:
$10, papel argentino

A INDUSTRIA DO AÇUCAR EM PERNAMBUCO

Do "Diario da Manhã", de Recife, edição de 17 de abril, 1937, trasladamos "data venia", as informações que se seguem. Publicando-as, o jornal pernambucano precedeu-as das seguintes palavras: "Através das notas que publicamos nesta pagina, terão os leitores do "Diario da Manhã" uma sinthese sobre a industria açucareira de Pernambuco, desde os primordios da colonização portugueza até os nossos dias, quando o Instituto do Açucar e do Alcool, em harmonia com o Sindicato dos Usineiros de Pernambuco, integram a defesa da secular industria do Nordéste".

A base da economia de Pernambuco, repousa na sua tradicional industria açucareira.

E' impossivel separar, da nossa formação historica, a influencia decisiva da cultura da canna de açucar, aqui iniciada e desenvolvida em grande escala, nos primordios da colonização portugueza, para se transformar, através de quatro seculos, numa excellente fonte de riqueza, que jámais se exhauriu até os nossos dias.

A historia da industria açucareira no Brasil, se confunde, nos seus melhores aspectos, com a propria historia de Pernambuco.

Seja qual fôr o angulo em que se colloquem observadores e estudiosos da nossa evolução economica e social, e a industria do açucar é que offerece base mais solida, para conclusões e interpretações definitivas.

Variando de aspecto e de possibilidades, dentro dos differentes ciclos que compreendem seu natural desenvolvimento, a nossa velha industria tem atravessado fases bem distinctas, com variantes de progresso e alternativas de crises, já hoje perfeitamente estudadas e conhecidas, nas suas causas e effeitos.

*

* *

A passagem da pequena para a grande producção, foi um movimento que entre nós se operou com rapidez extrema, dando á industria açucareira, na encosta de Pernambuco, um sentido novo de efficiencia, na linha ascendente dos quadros estatisticos.

Com a montagem de usinas, dotadas de moderna apparelhagem, houve uma renovação geral na maioria das nossas fabricas, o que resultou em beneficio não só da producção, como na melhora de padrão nos tipos de real acceite, nos mercados consumidores.

Pernambuco continuava, assim, sua marcha victoriosa á frente dos Estados productores de açucar no Brasil.

A idéa, entretanto, da livre concorrencia, empolgou de tal modo aos nossos industriaes do após-guerra, que uma brusca desmoralização nos preços, sobreveio, como logica e irremediavel consequencia.

Organizados em bloco, açambarcadores e "profiteurs" da nossa producção, nunca tiveram a menor difficuldade no manejo dos preços, ao sabor de seus interesses, — senhores que elles sempre foram, da distribuição respectiva, nos mercados de consumo.

E. G. Fontes & Co.

Exportadores de Café, Açucar, Manganez

E outros productos nacionaes

Importadores de tecidos e mercadorias em geral

Installações para producção de alcool absoluto pelo precesso das Usines de Melle

Rua Candelaria Ns. 42 e 44

TELEFONES: 23-2539 / 23-5006 / 23-2447

CAIXA DO CORREIO N. 3

Telegrammas AFONTES - RIO

RIO DE JANEIRO

Desciam, por isso, as cotações, quando isso lhes convinha, ou subia o producto, quando nada mais aproveitava aos industriaes pernambucanos.

São de hontem e ainda continuam bem vivas, na memoria de toda gente, as consequencias tristemente ruinosas desse controle indesejavel que elementos inteiramente estranhos ao nosso meio, exerciam sobre a nossa principal riqueza.

Explica-se, por esse motivo, o desequilibrio de preços, verificado em mutações violentas, dentro e fóra das actividades de producção.

*

* *

Sem meios de defesa e sem nenhuma ajuda official, desorganizados e sem a necessaria independencia economica e financeira, — motivada, sobretudo, pela carencia, entre nós, do credito agricola sistematico, — jámais puderam os nossos productores ensaiar um movimento seguro de resistencia contra a ganancia, a especulação e o jogo.

Não se póde negar os successos imprevistos e o enthusiasmo que despertaram as tentativas de união da classe, feitas sob moldes que o momento aconselhava.

Não cabe, entretanto, aos nossos industriaes, a culpa de não ter sido possivel dar a essas experiencias, caracter efficiente e forma definitiva.

Mas de tudo ficou a convicção dos resultados indiscutiveis de uma organização de classe, devidamente amparada e garantida por um conjuncto de leis adequadas, opportunas e sabias.

Falhando na essencia essas tentativas de organização espontanea, uma industria quatro vezes secular, interessando vivamente toda a desprotegida região nordestina, passou a figurar no cadastro da paiz, como das mais precarias e inseguras.

Podia-se apontar, contando por dezenas, as legiões de grandes e verdadeiros sacrificados, a esconder cada um, individualmente ou pela organização respectiva, milhares de prejudicados, dependentes todos, da industria açucareira de Pernambuco, cujo empobrecimento cada vez mais crescia.

*

* *

A crise de 1929-30, foi a que, mais fundamente nos feriu. Os preços cairam a um nivel de evidente desprezo e só com muito custo se mantiveram na casa dos 16$000, pelo sacco de 60 kilos.

Era a ruina de uma secular industria, a fazer sentir seus desgraçados effeitos, sobre toda a vida economica e social do Estado, com reflexos inevitaveis no nordeste brasileiro.

Nessa altura, estava, porém, o Brasil, na imminencia de uma transformação radical, nos quadros da sua politica.

Desferido o golpe, a industria açucareira foi uma das que primeiro entraram nas experiencias, para a recomposição geral e sistematica da economia nacional.

A cargo de um homem dotado de qualidades invulgares de intelligencia e de tenacidade, a se confundirem nesse administrador de escól que é o senhor dr. Leonardo Truda, a industria açucareira no Brasil passou rapidamente da anarchia na distribuição, para um sistema de vendas a preços equilibrados e compensadores.

Voltando a confiança num futuro promissor, os animos foram-se levantando lentamente, inaugurando-se em funcção disso, uma nova epoca para a nossa industria açucareira.

Os beneficios indiscutiveis conseguidos com essa medida, serviram de base para os estudos que a seguir se processaram e em virtude dos quaes, creou o Governo Provisorio, por orgão do Instituto do Açucar e do Alcool, um apparelho de defesa, permanente e de real efficiencia, para a industria açucareira no Brasil.

Limitando e financiando a producção, garantiu o Instituto do Açucar e do Alcool, um preço minimo de venda; regulando as relações entre usineiros e fornecedores, com a fixação do preço para a tonelada de canna, encerrou o citado orgão de defesa, uma velha desconfiança que sempre collocou em posição de inimigos, essas duas classes productoras; facilitando a terceiros os meios de acquisição e procurando, por outro lado, dotar o nosso Estado de grandes distillarias, destinadas á fabricação do alcool anhidro, o Instituto do Açucar e do Alcool tem trabalhado com afinco para preservar a nossa principal industria, dos perigosos effeitos da super-producção.

E foi mercê dessa orientação sadia, sabiamente seguida até hoje pelo senhor dr.

DISTILLARIA CENTRAL DE CAMPOS

Dois aspectos das construcções da grande Distillaria de alcool anhidro. Em cima — Vista geral, destacando-se, no primeiro plano, a Secção de decantação, tratamento dagua e casa das bombas, emergindo, ao fundo, o edificio da Distillaria. Em baixo — 2 tanques de melaço, tendo, á direita, casas residenciaes do gerente, chimico e funccionarios, e, á esquerda, desvio ferroviario, com vagões-tanques e deposito de vagões e locomotiva. Ao fundo, a villa operaria.

Leonardo Truda, presidente do Instituto do Açucar e do Alcool, que se salvou de uma "débacle" inevitavel, a industria açucareira de Pernambuco.

A organização do Sindicato dos Usineiros de Pernambuco, que praticamente já existia com outra denominação, decorreu, naturalmente, das novas leis promulgadas no paiz e teve como fim immediato, estabelecer um contacto mais intimo entre os industriaes pernambucanos e o novo apparelho de defesa da producção açucareira no Brasil:

Já a directoria do Sindicato dos Usineiros de Pernambuco no seu relatorio de setembro de 1934, resaltava as vantagens desse contacto, com as palavras que se seguem:

"E' evidente que concorreu principalmente para a geral satisfação, o concurso do Instituto do Açucar e do Alcool com as operações realizadas com pacto de retrovenda, que determinaram a tranquillidade necessaria ás cogitações precisas para oppôr entraves ás cogitações precisas etaoin etaoin entraves ás manobras de illegitimos interesses contrariados e que, como não era para surpreender, realizavam uma campanha de derrotismo, ansiosos por verem frustrados os esforços empregados para manutenção da

nossa "união", que, bem percebiam, constituia a força que tornava possivel o empreendimento encetado.

Graças, porém, ao amparo do Instituto, podemos vencer o derrotismo, apesar mesmo de muitas duvidas e desanimos que se manifestaram em consequencia do accumulo de estoque, com grande satisfação para os nossos oppostos que durante bastante tempo mantiveram esperanças de victoria.

Não podemos pais deixar de manifestar os nossos agradecimentos ao illustre sr. dr. Leonardo Truda que, com rara bôa vontade, firmeza e intelligencia, vem assiduamente estudando e pondo em pratica as medidas capazes de garantirem exito ao empreendimento que, em bôa hora para a industria açucareira do paiz, tomou sobre seus hombros; e assim, deixamos patenteado nesta succinta exposição o nosso reconhecimento, de que aliás acreditamos ter dado já provas com a attitude invariavelmente mantida, de acatamento e completa cooperação em tudo quanto tem sido necessario para fortalecimento e prestigio do plano de defesa, descartando mesmo insinuações acerca de procedimento diverso de defendidos de outras zonas, por collocarmos a lealdade acima de pequenas vantagens, aliás momentaneas, sem duvida, pois a força da acção verdadeira produzirá, certamente os seus resultados".

* * *

Unidos sob a mesma bandeira para salvaguarda do interese commum, os usineiros de Pernambuco já deram provas sobejas e repetidas de seu espirito de sacrificio, mostrando, por outro lado, um alto senso de disciplina, no cumprimento de certas medidas que se impuzeram como necessarias á salvação do mercado, ameaçado de congestionamento e de collapso nos preços, pela evidencia da super-producção.

Entregando para exportação, na ultima safra, tres quotas de sacrificio, num total de 1.511.666 saccos, os industriaes açucareiros de Pernambuco, por intermedio do Sindicato dos Usineiros, podem se orgulhar pelo muito que concorreram para manter de pé, todo o plano de defesa do governo da União, no sector da industria da canna de açucar no Brasil.

Saneado, assim, o mercado nacional, foi possivel a continuação do rithmo na acção fiscalizadora do Instituto do Açucar e do Alcool.

E Pernambuco pelo orgão do Sindicato dos Usineiros, tornou-se naturalmente o collaborador mais decidido e firme do Governo, no empenho deste, pela manutenção de seu plano de defesa para a quatri-centenaria industria do nordeste brasileiro.

* * *

Foram verdadeiramente incalculaveis, as vantagens que resultaram da união e da identidade de vistas, entre os nossos industriaes, pelo prestigio incontestavel que o Sindicato dos Usineiros de Pernambuco passou a desfructar, como nossa principal organização de classe.

Jámais o esforço individual poderia ter conseguido, o que o Sindicato dos Usineiros de Pernambuco obteve para os nossos industriaes açucareiros, no momento justo de conseguir o premio dos sacrificios, quando pairava no ar a ameaça de uma nova calamidade, consubstanciada no prolongamento excessivo da estiagem, em dois annos seguidos.

E é ainda essa união que o encoraja e fortalece para que elle possa continuar cada vez mais vigilante e firme na defesa dos superiores interesses da industria que representa a viga mestra da economia pernambucana.

* * *

As actividades do Sindicato dos Usineiros de Pernambuco estão compreendidas nos relatorios minuciosos que a sua directoria tem apresentado á consideração de seus numerosos associados.

Vale a pena, entretanto, transcrever, a seguir, os quadros demonstrativos do açucar que lhe foi entregue para distribuição nos tres ultimos annos.

Como palavra do fim; é de justiça salientar aqui os esforços inauditos, a dedicação e o carinho, a competencia e o zelo de varios membros das directorias anteriores, que tudo fizeram com sacrificio de seus proprios interesses e até da saude, para manter de pé, integrado na sua funcção de orgão da defesa commum, o Sindicato dos Usineiros de Pernambuco.

AÇUCAR VENDIDO, SAFRA DE 1933 A 1934

SACCOS	QUALIDADE	VALORES
2.348.008	Cristal	93.165:368$400
269.441	Gran-fina	13.191:484$500
95.703	Demerara	3.427:443$700
320.471	Demerara (Quota de Sacrificio)	10.376:977$690
56.510	Terceiro jacto	1.510:549$840
29.226	Refinado	1.148:834$800
3.119.359		122.820:658$930
Retenção de 34.029	(Vendidos no interior)	263:204$500
3.153.388		123.083:863$430
	(Retirado da conta de operações extra)	118:446$050
3.153.388		123.202:309$480

PAGAMENTOS AOS PRODUCTORES

SACCOS	QUALIDADE		VALORES
2.348.008	Cristal (a 33$, deduzidas pequenas faltas no total de Rs. 1:825$070)		77.482:438$930
269.441	Gran-fina		11.555:033$000
95.703	Demerara		2.817:679$960
320.471	Demerara (Quota de Sacrificio)		10.376:977$690
56.510	Terceiro jacto		1.223:068$230
29.226	Refinado		964:458$000
3.119.359			104.419:655$810
	Media de retenção de Gran-fina, Cristal e Refinado — 6$689,65 réis por sacco	17.885:408$320	
	Retenção de Demerara	609:763$740	
	Retenção de Terceiro jacto	287:481$610	18.782:653$670
			123.202:309$480

AÇUCAR VENDIDO, SAFRA DE 1934 A 1935

SACCOS	QUALIDADE		VALORES
3.062.170	Cristal		118.464:662$660
277.408	Gran-fina		12.203:727$900
60.445	Refinado		2.431:742$100
33.378	Demerara		1.145:767$400
254.325	Demerara (1ª Quota de Sacrificio)		8.241:436$750
364.338	Demerara (2ª Quota de Sacrificio)		12.642:305$100
59.988	Terceiro jacto		1.501:417$730
4.112.052			156.631:059$640
59.988	Refinado (Vendas directas	399:378$700	
	Açucar vendido no interior	539:725$090	939:103$790
4.112.052			
Retenção de 61.111	Contribuição de diversas usinas, 19530 por sacco s 39.271 saccos de açucar Demerara, fornecidos por outras usinas para		
" " 96.664	sua 1ª Quota de Sacrificio		60:084$630
4.269.827			157.630:248$060

PAGAMENTOS AOS PRODUCTORES

SACCOS	QUALIDADE		VALORES
3.062.170	Cristal (a 33$000, deduzidas faltas e differenças de precos no total de Rs. 51:190$770)		101.000:419$230
277.408	Gran-fina		11.009:147$000
60.445	Refinado		1.994:685$000
33.378	Demerara		1.005:876$200
254.325	Demerara (1ª Quota de Sacrificio)		8.150:046$550
364.338	Demerara (2ª Quota de Sacrificio)		10.930:140$000
59.988	Terceiro jacto		1.208:913$670
364.338			135.299:227$650
	Media de retenção (5$575.618) de Cristal 3.062.170 saccos), Refinado (59.986 saccos), Demerara (404.240 saccos) e vendidos no interior (69.664 saccos)	20.200:798$600	
	Retenção de Açucar Gran-fina	1.194:580$900	
	Retenção de Açucar Refi-finado	423:665$600	

Retenção de Açucar Demerara		139:891$200	
Retenção de Açucar Terceiro jacto		292:504$060	
Importancia correspondente a 500 réis por sacco, cobrada de diversos compradores, além dos preços dos negocios, s/101.923 saccos de açucar Cristal de tipo especial, a favor das seguintes usinas:			
Salgado — 84.923 scs.	42:461$500		
	42:461$500		
Trapiche — 17.000 scs.	8:500$000	50:961$500	22.302:401$860
			157.601:629$510
Importancia reservada para liquidação da safra			28:618$550
			157.630:248$060

AÇUCAR VENDIDO, SAFRA DE 1935 A 1936

	SACCOS	QUALIDADE		VALORES
	2.170.848	Cristal		81.137:614$850
	293.440	Gran-fina (inclusive 10.585 saccos a liquidar)		12.175:177$140
	4.885	Refinado		201:748$000
	1.605.303	Demerara		46.496:405$270
	35.060	Terceiro jacto		738:416$000
	4.109.536			140.749:361$260
Retenção de	97.975	Refinado (Vendas directas)	195:950$000	
" "	179.351	Açucar vendido no interior	358:702$000	554:652$000
	4.386.862			141.304:013$260

RECIFE • SERRA GRANDE ALAGOAS • MACEIÓ

USINA SERRA GRANDE S/A

ASSUCAR
TODOS OS TIPOS

"U S G A"
O COMBUSTIVEL NACIONAL

PAGAMENTOS AOS PRODUCTORES

SACCOS	QUALIDADE			VALORES
2.170.848	Cristal			71.637:984$000
293.440	Gran-fina (inclusive 10.585 saccos a liquidar)			11.521:869$000
4.885	Refinado			175:725$000
1.605.303	Demerara			46.054:822$770
35.060	Terceiro jacto			663:487$500
4.109.536				130.053:888$270
	Media de retenção de açucar Cristal		9:499:630$850	
	Margens de açucar Gran-fina		653:308$140	
	Retenção de açucar Refinado		26:023$000	
	Retenção de açucar Demerara		441:582$500	
	Retenção de açucar Terceiro jacto		74:928$500	
			10.695:472$990	
	Retenção de Açucar Refinado (Vendas Directas)	195:950$000		
	Açucar Vendido no interior	358:702$000	554:652$000	11.250:124$990
				141.304:013$260

ANNUARIO AÇUCAREIRO DE 1937

Em confecção, sairá em julho proximo, completamente remodelado, trazendo, entre outras coisas, o cadastro commercial completo, com endereço, nome do proprietario e outros dados de todas as Usinas do Brasil.

FABRICA DE DOCES

YOUNG

Goiabada cascão

Figomel

Pecegada

Geleado

Distribuidores do afamado

Melado Chuveiro de Ouro

YOUNG & FILHO

Avenida 15 de Novembro, 723-725

CAMPOS **E. DO RIO**

COMO O BRASIL SALVA A SUA INDUSTRIA AÇUCAREIRA

Realiza-se o equilibrio entre a producção e o consumo

Em sua edição de 4 de março proximo passado, publicou "L'Independance Belge", de Bruxellas, a "carta do Brasil" que abaixo traduzimos, enviada pelo seu correspondente no Rio de Janeiro.

Não ha duvida que os industriaes e economistas belgas encontrarão, aqui, alguns elementos de natureza a prender-lhes a attenção.

A producção de açucar é um dos principaes recursos do Brasil. Nella se acham empregados enormes capitaes, que garantem trabalho a um grande numero de operarios.

A canna de açucar veio da ilha da Madeira, desenvolvendo-se cannaviaes, desde 1520, em Pernambuco, na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Um pouco mais tarde, Pernambuco exportava açucar para Lisboa e as plantações reuniam grupos de colonos, que rapidamente se tornaram grandes proprietarios, que formavam na hierarchia social uma verdadeira aristocracia.

Em nossos dias, porém, a superproducção mundial suscitou difficuldades. A Europa intensificou a fabricação do açucar de beterraba e protegeu a exportação por meio de premios e barreiras alfandegarias.

Ora, a producção brasileira augmentava em proporções consideraveis e, excedendo a capacidade de consumo, provocou a queda dos preços. Quanto á exportação a ser feita pelo Brasil, não vale a pena falar.

Finalmente, o governo brasileiro tomou medidas, cuja sabedoria jámais se elogiará demais. O seu plano, muito simples, visava dois objectivos:

1) Restricção da producção para pol-a em concordancia com o consumo interno, sem diminuição, entretanto, da cultura da canna;

2) Utilização da superproducção da canna para a fabricação de alcool.

Esse plano foi felizmente realizado, sem destruição de materias primas e sem provocar a desoccupação forçada de trabalhadores.

Cada sacco de açucar foi gravado com uma taxa, cujo producto serviu para sustentar a propria industria.

Não se fizeram esperar os resultados: em quatro annos, e bem que a lei de restricção só fosse applicada, pela primeira vez, em relação á safra de 1936, está actualmente a industria açucareira reconstituida sobre uma solida base economica.

A producção é regular e proporcionada ao consumo interno.

Os preços estão perfeitamente estabilizados.

Finalmente, organizou-se a distillação do alcool em grande escala, garantindo, assim, destino ao excesso das colheitas.

O publico não soffreu medidas fiscaes, que só servem para sustentar os productores.

O Estado nada reserva para si. Ao contrario, o excesso das taxas "por sacco" é empregado no desenvolvimento de uma terceira industria, a do alcool carburante.

Dissemos, acima, que a producção do alcool era um dos dois pontos essenciaes do plano governamental.

Depois de numerosas experiencias, os distilladores conseguiram fixar um tipo definitivo, approvado pelo Estado e que consiste numa mistura carburante lançada ao mercado sob a denominação de "gazolina rosada".

Ha, actualmente, em seis dos Estados brasileiros, vinte e tres distillarias, que tratam, no conjuncto, 250.000 litros por dia.

A gazolina rosada deu resultados muito bons e os proprietarios de automoveis a consomem regularmente. O seu emprego tomou proporções consideraveis, de modo que a fabricação dessa mistura diminuiu muito as importações.

Bem entendido, essa materia é considerada apenas sub-producto, dada a differença de preço entre o açucar e a gazolina, mas esta, pela extensão dada á sua producção, tende, sem duvida, a preços extremamente moderados. De modo que, pela sua politica açucareira, o Brasil brevemente conseguirá a triplice vantagem de equilibrar a producção e o consumo e de supprimir, graças aos pre-

CONTRADICÇÕES APPARENTES

André Carrazzoni

A politica de intervenção do Estado nos dominios que já constituiram o reino inaccessivel do velho Adam Smith importa no cancellamento dos dois principios basicos da economia classica. O sistema, que se fundava nos principios da offerta e da procura e do lucro illimitado, poude funccionar admiravelmente emquanto lhe eram favoraveis as condições economicas, sociaes e politicas do mundo. As perturbações periodicas que o assaltavam — as chamadas crises ciclicas — possuiam o condão de restabelecer o equilibrio no mecanismo da producção. O liberalismo economico então conheceu o seu fastigio, na expansão sem peias do capital, nos grandes empreendimentos da iniciativa particular, sem outros limites que os traçados pelo arbitrio individual ou pelas armas da livre concorrencia

A livre concorrencia, que determinava o preço natural dos productos lançados nos mercados de terra, era um dos dogmas da escola de Manchester. A saude do sistema conseguiu crear, no espirito dos doutrinarios orthodoxos, a illusão de imperturbavel estabilidade, durante cincoenta annos. Não havia de durar sempre a illusão. Os primeiros abalos que sacudiram a estructura economica de quasi todos os paizes, mercê de causas diversas e de complexos factores, puzeram em relevo a impotencia do regime do "laisser faire" para enfrentar as reacções dos novos tempos. Todos os governos se encontraram, num dado instante, em face deste dilemma: ou cruzavam os braços, e a ruina economica total seria o remate de uma politica suicida, ou atacavam de frente os problemas de porte até então desconhecido, e fechar-se-ia assim um longo capitulo da historia economica moderna. Com a adopção da attitude mais racional e tambem mais humana, abriu-se a éra do intervencionismo de Estado no terreno que uma ideologia sentimental, outrora amparada num conjunto de circumstancias felizes, tornára infranqueavel á acção do poder publico. Sem duvida, ninguem será capaz de prognosticar que a interferencia do Estado na esfera da economia politica representa a ultima palavra em materia de previsão social. O fenomeno só deve ser encarado sob o aspecto realista, longe de qualquer prisma theorico ou ideologico.

As providencias que o exame da terrivel realidade impoz aos governos, através de

---

ços adoptados, qualquer importação estrangeira.

NOTA DE REDACÇÃO — O correspondente do jornal belga resumiu bem, nos traços geraes, o plano e actuação da defesa de açucar no Brasil. Exaggera, entretanto, quando admitte que brevemente o Brasil poderá supprimir a importação de gazolina. Aliás, o alcool anhidro que o nosso paiz procura produzir cada vez em maior escala destina-se a associar-se á gazolina, na fabricação da mistura carburante, e não a supprimil-a. A nossa producção alcoolica ainda é insufficiente para que se faça a mistura de 15 % (de alcool anhidro) a toda a gazolina consumida por automoveis e caminhões. Assim a industria nacional do alcool tem ampla margem para desenvolver-se, pois aquella porcentagem poderá ser dobrada sem nenhum inconveniente.

Distillador

Distillador technico em fabricação de alcool, installações de distillarias, etc., se offerece para director de alguma fabrica importante. Tem dirigido até agora importantes distillarias na Argentina e na Hungria e garante o maximo de rendimento e qualidade.

Endereço:
Maximo Ritterstein, chefe da Distillaria
Ingenio La Esperanza
Jujuy, Republica Argentina.

numerosos organismos e instituições de fiscalização official, se revestem de caracter mais ou menos universal, áparte as variantes dictadas pelas exigencias locaes. Entre os povos educados nos principios da psicologia individualista, ellas geraram e ainda geram malentendidos no seio das proprias classes cujos interesses o poder publico se dispoz a acudir, para resguardal-as da fallencia e ainda para atalhar os dirturbios sociaes, oriundos do empobrecimento e da miseria dos individuos. Não é só a politica partidaria que serve de caldo de cultura á demagogia; existe tambem, nas horas difficeis do destino das nações, um ambiente propicio á fermentação da demagogia economica.

O presidente Roosevelt, que é hoje o maior exemplo de coragem na exploração de novos caminhos para a prosperidade nacional, já foi accusado de adversario da iniciativa particular, quando a sua intrepida tarefa tambem se cingia a evitar-lhe a catastrofe irremediavel. Elle mesmo se defendeu do libello gratuito mostrando que, se fosse inimigo das iniciativas privadas teria deixado que os seus fructos perecessem, em vez de lhes dar, como o fez, uma assistencia vigilante. A incompreensão reinante em muitos sectores da producção aponta, com effeito, contradicções no intervencionismo de Estado. A primeira e fundamental é a que tenta estabelecer incompatibilidades entre a democracia e os novos padrões de sua politica economica. Deixe-se á margem, em primeiro logar, a propria incoerencia em que incorrem os libellistas, quando se esquecem de que, impotentes para debellar os seus males, foram elles os primeiros a bradar pelo soccorro governamental e os primeiros a buscar a protecção do Estado, como derradeiro refugio. Resta o argumento das incompatibilidades. Elle não resiste á analise mais superficial. Encerrada a idade de ouro do liberalismo economico, após a ruptura dramatica do sistema, a democracia politica, para sobreviver, não podia fugir aos imperativos de uma politica experimental e opportunista, no campo dos seus interesses economicos. Era necessario renovar o arsenal dos seus engenhos archaicos, mudar os instrumentos de acção collectiva, para prevenir, no revigoramento dos seus alicerces materiaes, a queda do proprio edificio politico. O ritmo da evolução politica e o ritmo da evolução economica não obedecem, quasi nunca, ás leis de um sinchronismo perfeito. O Estado democratico, agindo por puro instincto de conservação, foi coagido a recorrer a uma armadura economica, desnecessaria nos ciclos anteriores de sua existencia, para não cair, como estrondo, no limiar de um mundo, a reconstruir da base á cupola. Podemos, em verdade, ter opiniões differentes quanto aos reflexos, immediatos ou provaveis, dessa nova ordem de cousas na vida das instituições politicas e juridicas tradicionaes; o que não podemos é tratar os olhos á evidencia dessa ordem nova. Cumpre-nos acceital-a como o influxo de uma realidade de sanção planetaria, transitoria ou definitiva, mas a que nenhum povo escapa, no quadro tumultuoso do presente.

Dr. João Antonio Coqueiro

Commemora-se, este mez, o primeiro centenario do nascimento do dr. João Antonio Coqueiro, que foi o iniciador da industria açucareira em bases scientificas no Estado do Maranhão.

Nascido na cidade de São Luiz, Maranhão, em 30 de abril de 1837, João Antonio Coqueiro seguiu muito joven para a Europa, onde fez os seus estudos superiores. Cursou a Escola Central de Engenharia de Paris e doutorou-se pela Universidade de Bruxellas. Escreveu varias obras sobre mathematica e exerceu importantes funcções publicas, tendo fallecido, no Rio de Janeiro, em 1910.

Interessando-se pela industria açucareira, foi a Paris especialmente para estudar a technologia açucareira e lá adquiriu a moderna apparelhagem com que montou a usina denominada Castello, no valle do Pindaré, no municipio maranhense de Monção. O laboratorio chimico dessa usina foi o primeiro a funccionar no Estado, tendo sido feitas nelle as analises dos productos apresentados em duas exposições açucareiras realizadas em São Luiz.

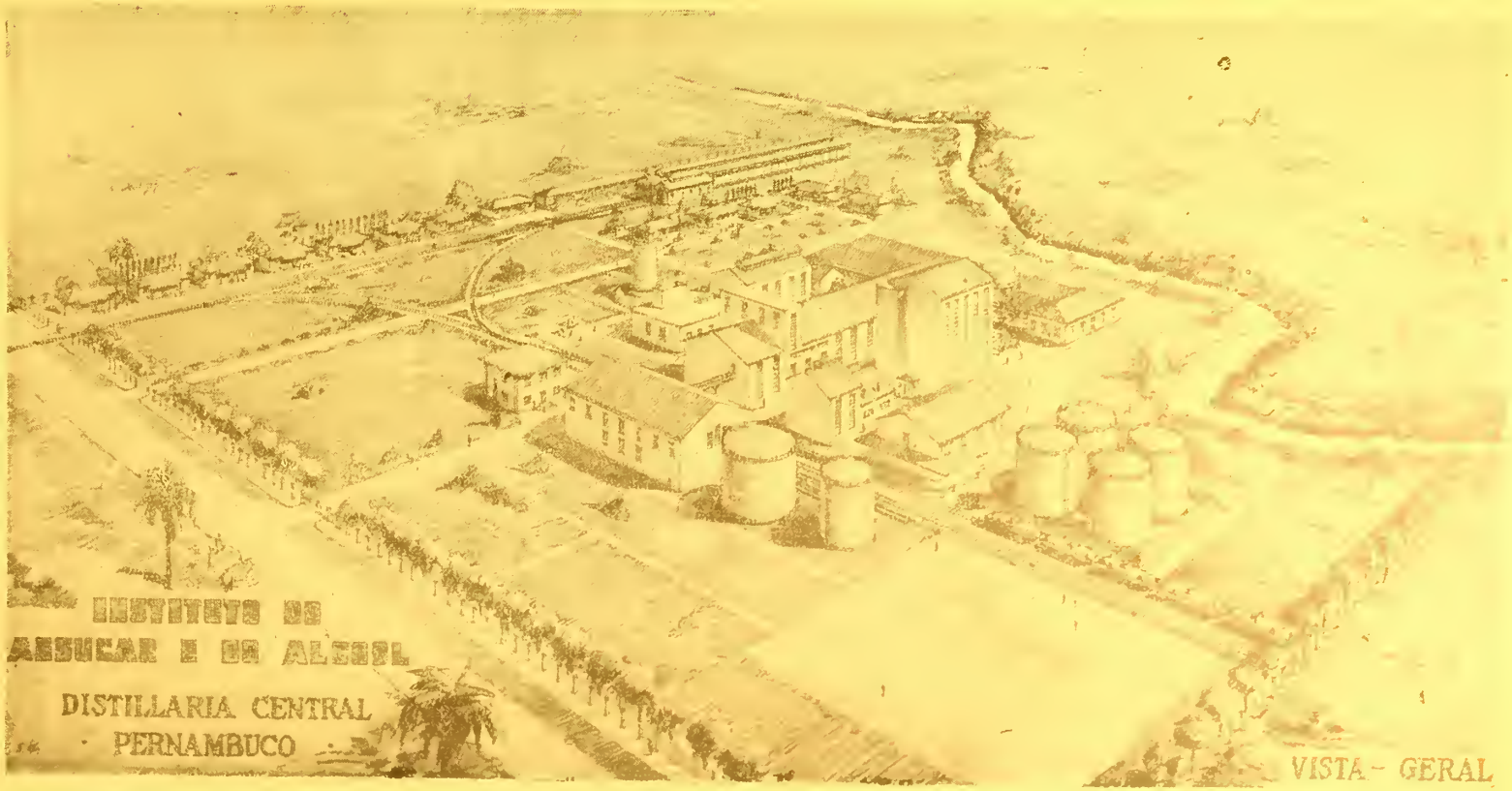
Estudioso de assumptos agricolas em geral, J. A. Coqueiro fundou e dirigiu por muito tempo o "Jornal da Lavoura", que era uma fonte de ensinamentos praticos e uteis para a classe dos lavradores.

Grande parte de seus trabalhos scientificos ficou dispersa na imprensa diaria. Entre estes figura uma excellente monografia — "Industria açucareira, melhoramento das pequenas fabricas" — em que consubstanciava os ultimos ensinamentos da technologia açucareira, na sua época, bem como a sua experiencia pessoal. Essa monografia foi divulgada em capitulos successivos no jornal "O Paiz", do Maranhão, no anno de 1883.

Em abril corrente foi distribuida uma polianthéa em memoria do primeiro centenario do nascimento do dr. João Antonio Coqueiro.

FABRICAÇÃO DE ALCOOL ANHIDRO EM PERNAMBUCO

Vão adeantados os trabalhos de construcção da Distillaria Central do Cabo



Vista geral da importante Distillaria de alcool anhidro que o Instituto do Açuçar e do Alcool está levantando na cidade do Cabo, em Pernambuco.

Em Cabo, Pernambuco, acha-se em construcção, sob a responsabilidade do Instituto do Açucar e do Alcool, a grande Distillaria Central do Cabo.

A sociedade anonima Distillaria dos Productores de Pernambuco havia contratado a acquisição, aos Estabelecimentos Skoda, de uma installação para o fabrico de 60.000 litros diarios de alcool anhidro, destinada a ser montada naquelle Estado.

O contrato de acquisição fôra feito com o auxilio financeiro do I. A. A., e garantias de apolices a serem emittidas pelo governo do Estado de Pernambuco. Verificou, porém, a directoria da Distillaria dos Productores de Pernambuco S/A que, em face da crise da industria açucareira pernambucana, não lhe era possivel levantar entre os productores, no momento, o capital de installação e movimento de mais de 4 mil contos que lhe era indispensavel

Em principios do anno passado, em companhia dos technicos drs. Gomes de Faria e Jacques Richer, o sr. A. Andrade Queiroz, vice-presidente do I. A. A., estudou o caso e reconheceu a necessidade de ser installada em Pernambuco uma grande distillaria. Depois dos devidos entendimentos, resolveu o I. A. A. assumir os encargos do contrato com os Estabelecimentos Skoda, tomando á sua responsabilidade a montagem e direcção da distillaria, que está sendo construida no municipio de Cabo, proximo a Recife, á margem do rio Pirapama.

DISTILLARIA DE CINCO PONTAS

A Distillaria de Cinco Pontas, de propriedade da sociedade anonima Distillaria dos Productores de Pernambuco, é uma remodelação da antida Fabrica Azulina, que foi adaptada para fabricar o alcool anhidro e vem funccionando regularmente desde o ultimo semestre de 1935, não tendo alcançado o maximo de sua producção devido a falta de materia prima.

Até o fim do anno passado, foi a seguinte a producção de alcool anhidro da Distillaria de Cinco Pontas:

Anno	Mez	Quantidade-litros	Total-litros
1935	Outubro	80.510	
	Novembro	294.291	
	Dezembro	391.150	765.951
1936	Janeiro	292.240	
	Fevereiro	263.132	
	Março	533.432	
	Abril	467.975	
	Maio	218.132	
	Junho	359.324	
	Julho	501.186	
	Agosto	419.082	
	Setembro	91.999	
	Outubro	—	
	Novembro	129.272	
	Dezembro	104.774	3.380.548

ENTREPOSTO DE AFOGADOS

Já se acha com a sua installação concluida o Entreposto de Afogados, que conta 2 tanques com a capacidade de 2.000.000 litros cada um e mais 2 tanques de capacidade de 1.000.000 cada um, 1 balança para a pesagem de alcool, de 10 toneladas, com 1 tanque intermediario para 15.000 litros, bombas electricas para o transporte de alcool, plataforma junto á linha da estrada de ferro Great Western, com calha de descarga para toneis vindos por estradas de ferro, galpão para descarga de alcool transportado por caminhões e escriptorio e casa do superintendente do serviço.

Os tanques depositos a serem montados no Brum serão 3 com a capacidade de.... 3.000.000 de litros cada um.

VINHO DE CANNA

Martinho Bacchus

(Traduzido de LA CHACRA, numero de Março de 1937

Actualmente, em virtude do progresso da sciencia e dos aperfeiçoamentos industriaes, consegue-se obter muito maior rendimento dos productos naturaes da terra, variando ao infinito os processos de transformação e o seu verdadeiro aproveitamento. Da canna, durante muitos seculos, não se tirou mais que o açucar, a aguardente e o alcool. Entretanto, consoante as experiencias realizadas pelo dr. Enrique Alliot, com a "grapa" póde ser fabricado excellente vinho, o qual, sendo gazeificado, constitue industria muito importante nos paizes que não produzem vinho commum. Examinemos os calculos seguintes, que são na realidade bem suggestivos. Admittindo que a producção de um hectare de terra seja de setenta toneladas de canna, das quaes se extrahiriam, supponhamos, 70 % de garapa, teriamos assim 49.000 kilos de caldo, com uma densidade approximada de 1.070, o que representa o volume de 450 hectolitros. Supponhamos agora que esse caldo contenha 180 grammas de açucar por litro; conforme é sabido, póde-se praticamente calcular o rendimento provavel em alcool de um hectolitro de garapa estabelecendo esta proporção: tantas vezes se obterão 1.700-1.800 grammas de açucar num hectolitro quantos graus de alcool produza a mesma. Concluiremos que no caso em questão um hectare de terra brasileira poderá dar 450 hectolitros de vinho de 10°, ao passo que essa mesma extensão de terra, cultivada com vinhas, nas zonas quentes, não produziria mais de trinta e poucos litros, com a graduação alcoolica de 10° a 12°.

O que fica dito é somente para fixar as idéas e não deve ser tomado como base invariavel.

E' sabido que em alguns engenhos de aguardente regam os bagaços com agua e fazem-nos repassar pelos cilindros, afim de obter maior aproveitamento de açucar. O liquido assim obtido presta-se perfeitamente para ser utilizado na fabricação de vinho, seja puro, seja misturado á garapa.

A seguir apresentamos o methodo a empregar para fabricar vinho de canna. Na industria da fermentação, tão delicada e onde os germens microbianos podem causar os maiores dissabores, deve-se evitar, quanto possivel, as regiões baixas e humidas, preferindo sempre logares altos e seccos.

Na moagem das cannas convém empregar os methodos vulgarmente usados que maior producção de garapa proporcionam e que resultam mais economicos, em relação á força motriz. Nada se deverá perder, sendo necessario separar os bagaços depois de molhados nagua limpa e pura e podendo o liquido que estes produzirem ser tratado isolado ou misturado com garapa. Todas essas operações devem ser feitas com o maximo de rapidez. Com rapidez, igualmente, deve ser feita a primeira classificação, filtrando a garapa em coadores de crina, de tecido muito fino. Convém agora analisar a composição da garapa para tirar, em conclusão, o que ella póde dar. Para isso emprega-se o densimetro. Por meio de taboas referentes á fabricação do açucar conhecer-se-á a que quantidade corresponde a densidade encontrada. O meio de calcular o alcool provavel já o explicamos atraz.

A explicação aerometrica deve ser feita a uma temperatura de 25° centigrados. Dispondo-se de laboratorio, será preferivel realizar ali uma analise minuciosa. Um elemento de grande importancia, no que diz respeito á conservação do vinho, é a acidez, quando o caldo está fresco: 50 a 70 grammas por litro. Vendem-se tubos acidometricos com reactivo, promptos para effectuar rapidamente essa pequena dosagem. Para obter um mosto que, submettido á fermentação, produza vinho com o grau alcoolico desejado, pode-se misturar duas garapas entre si, misturar garapa com caldo da lavagem de bagaços ou addicionar açucar ao caldo. Em geral, é necessario desenvolver a acidez natural das garapas, porque a acidez é um elemento agradavel no paladar dos vinhos e tambem nocivo e pouco favoravel aos maus microbios e bacterias que de ordinario invadem e prejudicam as bebidas. Para conseguir uma acidez de mais ou menos 2 graus por litro será preciso addicionar 100 a 150

grammas de acido tartarico ou acido citrico para cada hectolitro de caldo. Esses acidos podem ser substituidos por summo de laranjas azedas ou limões, calculando-se para cada litro desse summo 40 a 50 grammas de acido citrico. Fazem alguns annos, o sr. G. Jacquemin, de Nancy, demonstrou que as folhas de certos pomares: maçã, uva, etc., contêm, em determinado periodo de sua vegetação, compostos susceptiveis de se desdobrarem, por fermentação, nos elementos nos quaes se encontram os principios aromaticos que dão o sabor aos frutos, quando maduros. E' uma prova mais do papel de laboratorio natural que representam as folhas, das quaes passam aos frutos certos principios elaborados por ellas. Dessa descoberta nasceu a preparação, sob o nome de ampelosidade, de extractos de folhas de uva, que concorrem efficazmente para aperfeiçoar os vinhos e dar-lhes um "bouquet" agradavel, uma vez empregados em dose relativa.

Segundo o dr. Elliot, na fabricação do vinho de canna poder-se-iam empregar esses extractos numa proporção de 100 grammas por hectolitro.

Antes de proceder á fermentação da garapa convém destruir todos os micro-organismos que possam existir no caldo, provenientes da casca das cannas, dos cilindros em que foram moidas, dos barris ou mesmo do ar viciado. Para conseguir isso, o meio mais radical e seguro é a pasteurização do mosto, processo que, como já sabem os nossos leitores, consiste em levar o mosto a uma temperatura de 65° centigrados. Existem apparelhos adequados para esse fim.

Sob o ponto de vista economico, talvez fosse conveniente tentar a sulfitagem do mosto. Isso poderia ser feito addicionando-se á garapa, depois de saida do engenho, de 20 a 25 grammas de metasulfito de potassa cristalizado por cada hectolitro de caldo. Em seguida, deve-se deixar o mosto em repouso durante 24 horas, para se processar a clarificação, sendo então passado por coadores de crina, de tecido fino. Como garantia de sulfitagem perfeita, seria aconselhavel lavar as cannas ou passal-as por agua bisulfitada, para a destruição completa dos micro-organismos existentes na casca e dentro das cannas. O emprego do bisulfito exige igualmente o emprego de fermentos aclimados aos meios sulfurosos, cousa de que falaremos mais adeante. No caso de pulverização seria preciso em seguida filtrar, por meio de filtros de pasta de cellulose, visto como o calor provocará a coagulação das materias albuminosas; mas esses filtros devem ser mantidos em absoluto asseio, porque, de contrario, serão mais nocivos que uteis. A fermentação é a fase mais delicada da fabricação dos vinhos, porque está subordinada a varios factores, taes como: a riqueza do caldo em elementos nutritivos dos fermentos, a temperatura, a presença de microbios e bacterias antagonicos, etc. E' necessario que o fabricante procure favorecer o desenvolvimento e o poder dos bons microbios e impedir a multiplicação dos maus e nocivos, para obter o maximo de rendimento e o melhor producto.

ACTICARBONE

CARVÃO ACTIVO

O melhor para a descoloração e refinação do

Assucar

Installações para a recuperação do Alcool e Gaz Carbonico pelo carvão activo e processos do

Groupe

ACTICARBONE S|A, PARIS

ROBERT CASTIER, C. Postal 329, S. PAULO

Representante exclusivo para o Brasil

SALA DE FERMENTAÇÃO

Aqui, o perigo mais serio é o calor, que é preciso evitar. Para isso se construirá a sala de material isolante e abaixo do nivel do sólo, o mais profundo possivel, empregando-se todos os meios existentes para que no seu interior a temperatura não seja elevada. Para conservar rigorosa limpeza, o pavimento deve ser revestido de cimento e impermeabilizadas as paredes. As cubas e tinas devem ter as paredes internas impermeabilizadas, sendo preferiveis as de cimento e envernizadas por dentro, ou as construidas de cimento armado e vidro.

FERMENTOS SELECCIONADOS

Desde que se proceda á pasteurização

do mosto, este fica esterilizado, sendo necessario aggregar-lhe então fermentos seleccionados; quando se procede á sulfitagem, é necessario aclimatal-os ao acido sulfuroso. Os fermentos mais recommendaveis são os provenientes dos vinhedos de uva branca. Vendem-se em alguns paizes fermentos de uvas Sauternes e Champagne, que vêm em frascos lacrados, a serem "despertados" antes do uso. Para isso se semeia num meio nutritivo, escolhido com criterio, sem maior volume e mantido a uma temperatura adequada. Para "despertar" a dose destinada a 10 litros de garapa, prepara-se uma semana antes de moer as cannas o seguinte xarope:

Agua, 10 litros; açucar, 1 kilo e acido tartarico, 20 a 30 grammas.

Submette-se a fervura durante 20 minutos e no ultimo periodo respectivo addicionam-se 5 grammas de sáes nutritivos (fosfatos de soda e de amoniaco). Deixe-se esfriar até 30° centigrados mais ou menos, numa garrafa perfeitamente limpa e secca, que se tapa com uma rolha perfurada e atravessada por um tubo de vidro curvo, cuja extremidade entrará em recepiente cheio dagua. Verificada a franca fermentação, graças ao desprendimento de gaz carbonico, póde-se utilizar o fermento de 10 litros para semear um barril de 150 a 200 litros, cheio de garapa esterilizada e previamente addicionada de 150 grammas de acido tartarico e de 50 grammas de sáes nutritivos por hectolitro, devendo o caldo estar a uma temperatura maxima de 30° ao introduzir-se o fermento. Esse barril deve possuir tambem um purificador de ar para acompanhar o processo da fermentação. O fermento attenuado, com menor densidade, pela transformação do açucar em alcool, acido carbonico, etc., póde ser distribuido por uma ou mais tinas cheias de garapa esterilizada. Na fabricação em grande escala haveria vantagem no emprego de um apparelho de preparação de fermentos continuos por meio dos fermentos seleccionados, o qual necessita apenas renovar o cultivo inicial de oito em oito dias. Para aclimatar os fermentos ao acido sulfuroso, uma vez que o segundo fermento esteja em plena actividade, aggregar-se-á progressivamente caldo bisulfitado e somente depois que este terceiro fermento manifeste effervescencia bem caracterizada se procederá á semeadura de todo o mosto que houver sido sulfitado.

TRASFEGAR

Com auxilio do densimetro e das taboas pode-se aproveitar o momento em que exista bastante açucar transformado para obter o grau de dosagem desejado. O trasfego se fará ao abrigo do ar, por meio de um tubo de borracha absolutamente limpo, para uma tina na qual se deitarão 20 grammas de tanino por hectolitro de mosto dissolvidos num copo de aguardente de primeira qualidade. Deve-se proceder a dois os tres trasfegos. Para apurar a classificação, pode-se empregar o frio depois de filtrar, quando se possue installação frigorifica, mas somente depois de filtrar e de haver empregado os processos costumeiros na classificação dos vinhos de uva, sem esquecer a addição de tanino. Não tendo sido depurado o caldo previamente pela sulfitagem, pode-se empregar o bisulfito de potassa cristalizado, numa proporção de 10 a 12 grammas por hectolitro. Essa substancia póde servir para paralizar a fermentação no ponto desejado e garantir uma classificação mais rapida. Com elle podem ser usadas as gelatinas, cuja acção se faz mais facil. O bisulfito deve ser posto com antecipação numa pequena porção de vinho.

GAZEIFICAÇÃO

O vinho de canna constituirá sem duvida excellente bebida. E será mais agradavel ainda gazeificada. Existem dois systemas de gazeificação: o natural, que se pratica com o "champagne" e que exige muito cuidado e uma manipulação especial, e o artificial, que consiste no emprego do gaz carbonico em estado liquido, encontrado á venda em bombas, o qual é muito mais pratico e facil. Basta conseguir-se um producto bem fermentado, claro, de gosto agradavel, e com o auxilio de um destes dispositivos relativamente simples se incorporará ao vinho, no momento de engarrafal-o, o precioso gaz que fará saltar a rolha na occasião opportuna, enchendo o copo de espuma. O gaz carbonico será de emprego muito vantajoso no trasfego dos vinhos de uma tina a outra, pois é preservador dos maus effeitos do ar e dos germens que se encontram em suspensão.

RESENHA DO MERCADO DE AÇUCAR

1. — EXPORTAÇÃO PARA OS MERCADOS NACIONAES

A) De 850 saccos de cristal foi o total da exportação, em março, pela Parahiba. Paralisado o seu movimento desde novembro, reserva, assim, aquelle Estado, seu estoque de açucar para o proprio consumo. O total exportado na presente safra, até março, foi de 19.500 saccos contra 85.421, em igual periodo da safra de 1935/36.

B) Foi de 115.489 saccos a exportação de Pernambuco, em março, contra 166.667, em fevereiro. O tipo cristal foi o que teve maior saida, com a cifra de 88.094, sendo a differença distribuida pelos demais tipos. São Paulo e o Districto Federal foram os seus maiores compradores, respectivamente, com 86.234 e 14.000 saccos. Com as saidas de março, eleva-se o total exportado na presente safra , para os mercados internos, a 1.460.674 saccos contra 1.879.833, em igual periodo da safra de 1935/36.

C) Alagôas teve seus embarques, em março, reduzidos de cerca de 50 % em relação a fevereiro. A exportação attingiu a 27.323 saccos, quasi na sua totalidade de açucares de banguês. Occupou primeiro logar o tipo bruto com 15.783 saccos, seguindo-se-lhe o mascavo, com 8.240, o cristal com 2.300 e o demerara com 1.000. São Paulo fez acquisição de 18.450 saccos, isto é, 67 % da exportação total. Na presente safra, até março, eleva-se a exportação do Estado para o mercado interno a 641.282 saccos, contra 613.894 em igual periodo da safra de 1935/36.

D) Foram exportados 28.941 saccos por Sergipe, em março, exportação esta quasi toda do tipo cristal. Seu melhor comprador foi o mercado sul-riograndense, com a acquisição de 10.820 saccos Com as saidas de março attinge a exportação da presente safra a 320.728 contra 504.206, em identico periodo da safra passada.

E) Na Bahia a exportação foi de 17.385 saccos. Com excepção de 15 do tipo bruto, a saida total foi do tipo cristal. Eleva-se em março a exportação na presente safra, a 168.084 saccos contra .... 124.065, em igual periodo da safra de 1935/36.

2. — IMPORTAÇÃO POR ESTADOS

O movimento geral de importação, que declinára sensivelmente em fevereiro, melhorou em março. O seu total foi de 343.343 contra 295.944 saccos, em fevereiro.

As acquisições fizeram-se nas seguintes proporções:

Cristal	64 %
Demerara	24 %
Somenos	3 %
Bruto	9 %

Os maiores mercados importadores foram os de S. Paulo e Districto Federal, respectivamente, com 171.999 e 118.284 saccos.

3. — ESTOQUES NOS ESTADOS

O estoque final em março é de 2.914.459 saccos, cifra que indica uma baixa de..... 492.415 saccos em relação a de fevereiro, que era de 3.406.874. Esta baixa se accentuará muito mais em abril com a paralização das usinas.

Estando praticamente encerrada a safra e ainda faltando dois mezes para o inicio da nova safra de 37/38, nos Estados do sul, o estoque actual comporta perfeitamente as necessidades do consumo, mesmo que ellas attingissem á media mensal de 1.000.000 de saccos.

Pernambuco, Alagôas, Sergipe e o Estado do Rio, com os seus estoques actuaes e

DISTILLARIA CENTRAL DE CAMPOS

Dois outros aspectos da grande Distillaria de alcool anhidro: — Em cima, tanques de alcool e a linha ferrea; em baixo, os 3 tanques de melaço, tanques de alcool e chaminé, ainda em construcção.

sem sacrificio de seus proprios consumos, podem dispor, para attender ao consumo de outros Estados, de cerca de 1.100.000, estabelecendo, assim, o equilibrio entre os mesmos.

4. — ENTRADAS E SAIDAS NO DISTRICTO FEDERAL

Em março, as entradas de açucar no Districto Federal elevaram-se a 171.999 saccos, com uma differença a mais de 19.925 sobre o mez de fevereiro. As maiores procedencias foram de Campos e Recife, respectivamente com 83.807 e 71.894 saccos.

A exportação foi de 1.570 saccos quasi toda para os Estados do sul.

As saidas para o consumo elevaram-se a 145.665 saccos contra 139.288 em fevereiro.

5. — COTAÇÕES

Os preços em março mantiveram-se inalterados em relação a fevereiro.

A. G. C.

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

EXPORTAÇÃO DE MARÇO DE 1937, PELO ESTADO DE ALAGÔAS

Instituto do Açucar e do Alcool — Secção de Estatistica

Estados	Cristal	Demerara	Somenos	Bruto	Totaes
Amazonas	675	—	—	—	675
Ceará	390	—	380	—	770
Espirito Santo	—	—	—	400	400
Maranhão	235	—	1.090	—	1.325
Pará	600	—	—	—	600
Paraná	200	—	—	1.700	1.900
Rio Grande do Norte	200	—	445	—	645
Districto Federal	—	—	—	1.683	1.683
Rio Grande do Sul	—	—	325	550	875
São Paulo	—	1.000	6.000	11.450	18.450
Totaes	2.300	1.000	8.240	15.783	27.323

EXPORTAÇÃO DE MARÇO DE 1937, PELO ESTADO DE SERGIPE

Instituto do Açucar e do Alcool — Secção de Estatistica

Estados	Cristal	Demerara	Somenos	Bruto	Totaes
Pará	1.800	—	—	—	1.800
Rio Grande do Norte	300	—	—	—	300
Bahia	25	—	—	—	25
Espirito Santo	850	—	—	300	1.150
Districto Federal	2.746	—	—	—	2.746
São Paulo	3.100	—	—	500	3.600
Paraná	7.650	—	—	—	7.650
Santa Catharina	850	—	—	—	850
Rio Grande do Sul	10.810	—	—	10	10.820
Totaes	28.131	—	—	810	28.941

EXPORTAÇÃO DE MARÇO DE 1937, PELO ESTADO DA BAHIA

Instituto do Açucar e do Alcool — Secção de Estatistica

Estados	Cristal	Demerara	Somenos	Bruto	Totaes
Maranhão	840	—	—	—	855
Pará	2 075	—	—	—	2.075
Acre	200	—	—	—	200
São Paulo	10.000	—	—	—	10.000
Amazonas	2.170	—	—	—	2.170
Espirito Santo	585	—	—	—	585
Rio Grande do Sul	1.500	—	—	—	1.500
Totaes	17.370	—	—	15	17.385

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

EXPORTAÇÃO DE MARÇO DE 1937, PELO ESTADO DE PERNAMBUCO

Instituto do Açucar e do Alcool — Secção de Estatistica

Estados	Usina	Cristal	Demerara	3° jacto	Somenos	Mascavo	Total
Amazonas	—	3.560	—	—	—	—	3.560
Acre	—	50	—	—	—	—	50
Ceará	—	820	—	—	50	500	1.370
Maranhão	—	690	—	—	—	45	735
Pará	—	3.710	—	—	—	—	3.710
Piauhi	—	1.020	—	—	—	—	1.020
Parahiba	—	285	—	—	—	—	285
Rio Grande do Norte	25	570	—	—	—	—	595
Districto Federal	—	3.000	10.200	300	—	500	14.000
Rio Grande do Sul	2.825	255	—	—	—	—	3.080
São Paulo	—	73.484	2.000	—	—	10.750	86.234
Santa Catharina	—	650	—	—	—	—	650
Uruguai	—	—	—	—	—	200	200
Totaes	2.850	88.094	12.200	300	50	11.995	115.489

EXPORTAÇÃO DE MARÇO DE 1937, PELO ESTADO DA PARAHIBA

Instituto do Açucar e do Alcool — Secção de Estatistica

Estados	Cristal	Demerara	Somenos	Bruto	Total
Rio Grande do Norte	850	—	—	—	850
Totaes	850	—	—	—	850

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

IMPORTAÇÃO DE AÇUCAR POR ESTADOS, DURANTE O MEZ DE MARÇO DE 1937

(SACCOS DE 60 KILOS)

Instituto do Açucar e do Alcool — Secção de Estatistica

Estados	Cristal	Demerara	Somenos	Bruto	Totaes
Acre	250	—	—	—	250
Amazonas	6.405	—	—	—	6.405
Pará	8.185	—	—	—	8.185
Maranhão	1.765	—	1.090	45	2.900
Piauhi	1.020	—	—	—	1.020
Ceará	1.210	—	430	500	2.140
Rio Grande do Norte	1.945	—	445	—	2.390
Parahiba	285	—	—	—	285
Pernambuco	—	—	—	—	—
Alagôas	—	—	—	—	—
Sergipe	—	—	—	—	—
Bahia	25	—	—	—	25
Espirito Santo	1.435	—	—	700	2.135
Estado do Rio	—	—	—	—	—
Districto Federal	85.925	79.952	300	5.822	171.999
São Paulo	86.584	3.000	6.000	22.700	118.284
Paraná	7.850	—	—	1.700	9.550
Santa Catharina	1.500	—	—	—	1.500
Rio Grande do Sul	15.390	—	325	560	16.275
Minas Geraes	—	—	—	—	—
Matto Grosso	—	—	—	—	—
Goiaz	—	—	—	—	—
Totaes	219.774	82.925	8.590	32.027	343.343

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

ESTOQUES DE AÇUCAR NOS ESTADOS, NO MEZ DE MARÇO DE 1937

Instituto do Açucar e do Alcool — Secção de Estatistica

Estados	EM 1937						EM 1936					
	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	Total	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	Total
Rio Grande do Norte	4.725	—	—	—	—	4.725	3.624	—	—	—	—	3.624
Parahiba	38.372	—	—	—	1.721	40.093	25.897	—	—	—	7.426	33.323
Pernambuco	705.056	11.694	—	8.436	25.171	750.357	1.388.087	485.389	388	10.012	18.663	1.902.539
Alagôas	128.587	35.926	—	96	54.340	218.949	67.881	264.223	—	—	160.106	492.210
Sergipe	196.276	27.860	—	26.135	—	250.271	77.208	37.627	—	30.376	—	145.211
Bahia	225.134	—	—	729	—	225.863	129.597	—	—	—	254	129.851
Rio de Janeiro	378.728	250.848	—	15.596	—	645.172	262.942	44.403	—	23.538	—	330.8[illegible]
Districto Federal	29.975	113.473	—	6.530	—	149.978	57.276	—	—	—	—	57.276
São Paulo	370.414	82.966	7.000	26.000	—	486.380	423.092	91.164	11.000	1.144	41.000	567.400
Minas Geraes	131.812	1.701	—	8.539	—	142.052	55.704	3.528	—	11.339	—	70.571
Goiaz	—	—	—	619	—	619	—	—	—	1.017	—	1.017
	2.209.079	524.468	7.000	92.680	81.232	2.914.459	2.491.308	926.334	11.388	77.426	227.449	3.733.905

RESUMO

No interior dos Estados	30.196
Nas Usinas	1.130.989
Nas Capitaes	1.753.274
	2.914.459

RESUMO

No interior dos Estados	61.190
Nas Usinas	1.113.220
Nas Capitaes	2.559.495
	3.733.905

MOVIMENTO COMMERCIAL DO AÇUCAR

ENTRADAS E SAÍDAS DE AÇUCARES NO DISTRICTO FEDERAL, DURANTE O MEZ DE MARÇO DE 1937

Instituto do Açucar e do Alcool — Secção de Estatistica

ENTRADAS

Procedencia	Saccos de 60 kilos
Recife	71.894
Maceió	9.413
Aracajú	3.246
Campos	83.807
Minas Geraes	3.639
	171.999

SAIDAS

Destino	Saccos de 60 kilos
Bahia	85
Espirito Santo	200
Paraná	50
Santa Catharina	1.010
Rio Grande do Sul	225
	1.570

RESUMO

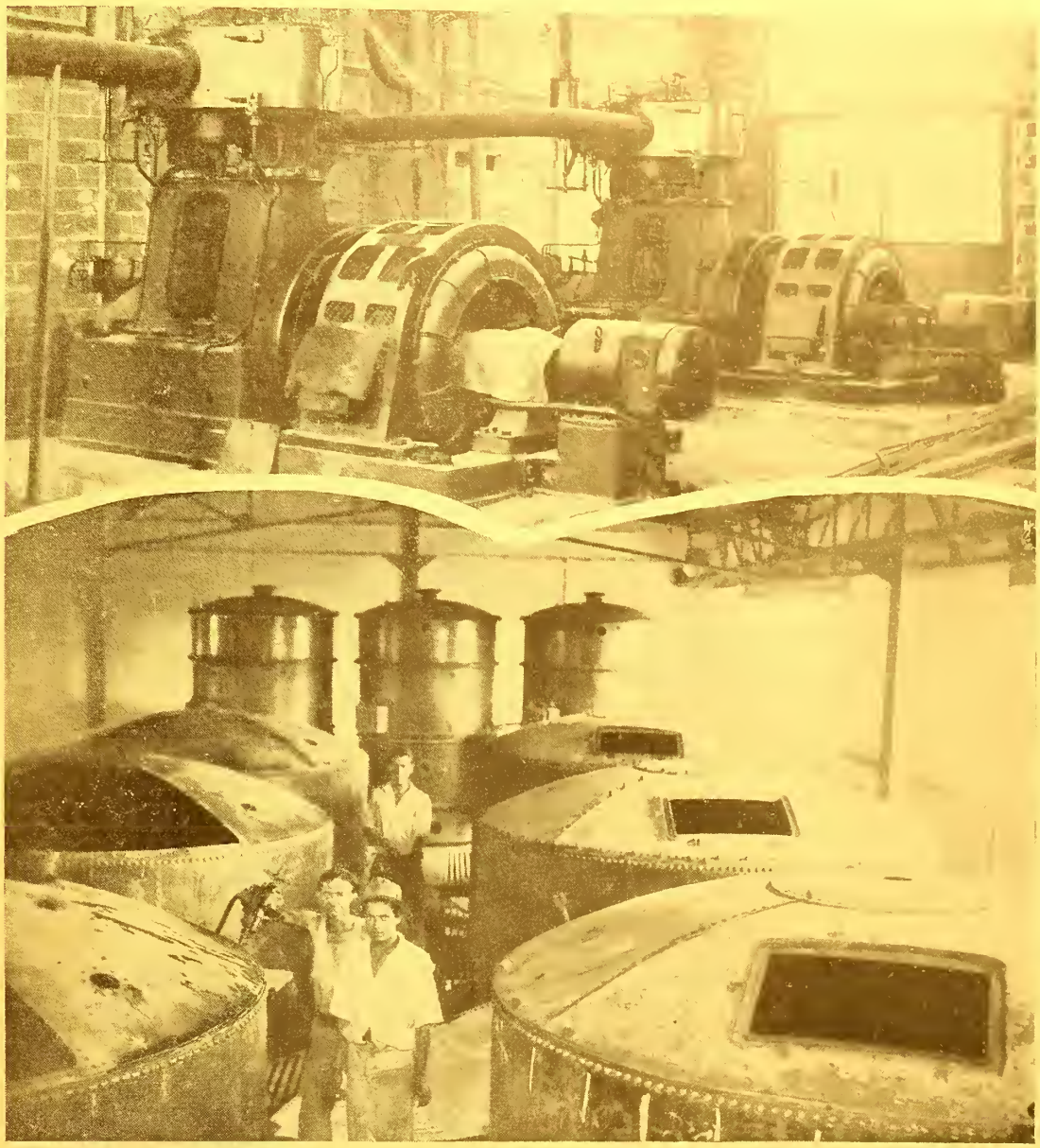
Estoque em 28 de fevereiro	144.620
Total das entradas em março	171.999
	286.619
Saidas	1.570
	285.049
Para consumo	145.665
Estoque em 31 de março	139.384

COTAÇÕES MINIMAS E MAXIMAS DO AÇUCAR NAS PRAÇAS NACIONAES, EM MARÇO DE 1937

Instituto do Açucar e do Alcool — Secção de Estatistica

Praças	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto
João Pessôa	66$	—	—	—	36$
Recife	60$	45$	—	—	32$ /33$2
Maceió	56$ /62$	47$5/52$	—	—	27$2/34$
Aracajú	48$ /51$	—	—	—	25$ /33$
São Salvador	56$	—	—	—	28$ /30$
Campos	66$ /72$	—	—	49$ /53$	—
Districto Federal	Nominal	60$	—	48$ /51$	—
São Paulo	73$ /75$	—	64$ /65$	50$ /51$	—
Bello Horizonte	70$ /80$	—	—	—	—

DISTILLARIA CENTRAL DE CAMPOS



Dois novos aspectos da grande Distillaria de alcool anhidro: — Em cima, vista da sala de machinas e geradores de força electrica; em baixo, apparelhos de cultura, com a secção de fermentação e pre-fermentação.

CHRONICA AÇUCAREIRA INTERNACIONAL

ANGOLA

A obra social da Refinaria Angola

Ha perto de uma dezena de annos que a importante Companhia de Açucar de Angola vem realizando, na sua Fabrica de Refinaria em Mattozinhos, em todos os dias 22 de dezembro, uma festa em honra dos seus operarios — considerados os legitimos obreiros e collaboradores do alto pensamento dos seus orientadores.

Essas festas primam sempre pela singeleza do apparato, pela sinceridade dos patrões que as promovem e pela gratidão expontanea dos operarios. E' offerecido um jantar, dois fatos e quatro semanas de ferias áquelles que durante o anno trabalham no engrandecimento da Empresa. Todos os annos a Direcção da Companhia procura legar um grande melhoramento de assistencia social. Que nos lembre, já inaugurou ali o Refeitorio amplo e higienico; garage para mais de uma centena de bicicletas; escola para os que não sabem ler, etc. A par disto têm o medico e os medicamentos de graça. Os operarios recebem, em media, mais 50 % de ordenado sobre os outros operarios das varias industrias do conselho. Portanto os patrões tratam delles como verdadeiros antes de familia. E' o que a Refinaria de Mattozinhos faz em Angola, com os 7.000 portuguezes de côr que ali trabalham. — ("O Imperio Portuguez", Lisbôa, 22-2-34).

ITALIA

Pela producção de alcool carburante

A proposito da producção de alcool carburante na proxima safra açucareira, a Confederação Fascista dos Agricultores communicou ás uniões filiadas as seguintes instrucções:

"Manifestando-se, por occasião da proxima semeadura primaveril, o desejo, de agricultores e industriaes, de experimentar o cultivo do sorgho saccarino com destino á producção de alcool para carburação, chama-se a attenção sobre a necessidade de que os agricultores se dediquem a taes experiencias culturaes unicamente por intermedio de suas organizações.

Isso é indispensavel, para que a Commissão Federal encarregada de promover e executar taes experiencias as organize tendo em conta as condições economico-agrarias-industriaes das varias zonas e formule um programma de cultivo accorde com as necessidades nacionaes. Além disso, a Commissão está em condições de fazer obter as variedades de sementes seleccionadas adaptadas aos varios ambientes agricolas e de fornecer todas as instrucções necessarias para que sejam alcançados resultados concretos, bem como para determinar condições equitativas de contrato para a cessão dos productos obtidos, em concordancia prévia com os diversos industriaes".

A Commissão Technica dos Combustiveis, que ha pouco se reuniu em Roma, occupou-se da utilização do sorgho saccarino:

"A Commissão examinou os resultados obtidos na utilização da lighite e das rochas asfalticas, bem como os desenvolvimentos do programma de producção de alcool de beterraba, confiados á Corporação da beterraba e do açucar, a qual tomou em consideração as experiencias para o cultivo e utilização do sorgho saccarino, salientando a importancia do problema tambem quanto á producção da cellulose.

Foi emfim examinado pela Commissão o plano de distribuição dos carburantes succedaneos pre-estabelecidos pelo Ministerio das Communicações". ("La Critica", Roma, 20-3-37).

JAMAICA

A industria açucareira jamaicana e a Conferencia de Londres

O Conselho Legislativo local approvou uma resolução em que pede, a proposito da Conferencia Açucareira a reunir-se em Londres em abril vindouro, que seja permittido á Jamaica continuar a dar razoavel expansão á sua industria açucareira, de modo a evitar muito desemprego que resultaria da restricção e a habilitar a ilha a utilizar terras que estão sendo abandonadas por causa da doença Panamá, que grassa nos bananeiraes. A restricção, admitte o Conselho, beneficiaria aos usineiros, mas traria difficul-

Banco dos Funccionarios Publicos

(FUNDADO EM 1934)

MATRIZ — RIO DE JANEIRO — RUA DO CARMO, 59 (Séde propria)

FILIAES:

SÃO PAULO (Séde propria) . . . . . Rua Alvores Penteodo, 7
BELLO HORIZONTE . . . . . Avenida Amazonas, 303

TABELLA DE DEPOSITOS

Contas Correntes Limitadas (maximo 10.000$000) 5 %
Deposito inicial . . . . . Rs 50$000

DEPOSITO A PRASO FIXO (ILLIMITADO)

6 mezes . . . . . 6 %
9 mezes . . . . . 7 ½ %
12 mezes . . . . . 8 ½ %
Deposito inicial . . . . . Rs 200$000

Além dessas contas de Praso Fixo, este Banco offerece aos seus clientes uma conta toda especial, que é a de Praso Fixa com Renda Mensal, e proporciona ao depositante a vantagem de receber as seus juros mensalmente, sendo esta conta o ideal para as pessoas que vivem dos rendimentos de seus capitaes.

Para esta conta afferece-se 8 % ao anno.
Deposito inicial Rs. 10:000$000.

Pelo Balança, extraido em 31 de janeiro de 1937, possuia o Banco em depositos a Prasa Fixa e Contas Correntes Limitadas, os seguintes saldos.

Matriz no Rio de Janeiro	25.185.996$699
Filial em S. Paulo	2.071:414$100
Filial em Bello Horizonte	627.393$600
	27.884:804$399

Para garantia desses depositos, possue o Banco no Thesouro Nacional, Delegacias Fiscaes e outras Repartições Publicas no Districto Federal, Estado de S. Paulo e Estado de Minas Geraes, contractos de emprestimos no montante de Rs. 39.402.495$484 que constituem depositos publicas e garantem em excesso o dinheiro entregue a sua guarda.

As contas de Praso Fixo e Limitadas não são privativas dos Funccionarios Publicos, e poderão ser abertas a favor de qualquer pretendente.

dades á população trabalhadora e aos pequenos plantadores de canna. — ("Morning Post", Londres, 11-3-37).

JAPÃO

Desinteresse pela Conferencia Açucareira de Londres

Informa o correspondente em Londres do jornal "Information" de Paris (17-3-37):

"Segundo uma mensagem de Tokio á Agencia Reuter, os fabricantes de açucar japonezes não manifestam enthusiasmo algum pela Conferencia Açucareira convocada para Londres no começo de abril. Declara a Federação Japoneza dos Fabricantes de Açucar que declinará do convite a participar nella que porventura lhe dirija o ministro dos Negocios Estrangeiros. Como se sabe, o governo britannico convidára o Japão a enviar delegados a essa Conferencia".

REUNIÃO

O alcool carburante

Acaba de ser prescripta, por decreto, a incorporação de alcool aos hidrocarburetos destinados á carburação na ilha de Reunião. Até agora só (entre as colonias francezas) a Indochina fora applicado esse regimen por decreto de 9 de dezembro de 1933. A Reunião pediu, por sua vez, que lhe fosse dada uma regulamentação analoga. Dessa regulamentação resultará a possibilidade de augmentar a proporção de alcool até 75 %, o que permittirá a utilização de importantes quantidades de melaço, que actualmente são lançadas ao mar ou empregadas como adubo.

Pelo decreto que acaba de ser publicado, o governador da Reunião fica habilitado a fixar em toda a ilha ou em parte della os prexos maximos do alcool a ser misturado com a gazolina.

A mistura destinada a automoveis será na proporção de 70 a 75 partes de alcool contra 30 a 35 partes de gazolina. — ("Le Courrier Colonial", Paris, 26-2-37).

COMMENTARIOS DA IMPRENSA

Reproduzimos nesta secção commentarios da imprensa diaria, pró ou contra o Instituto do Açucar e do Alcool, sem endossar, naturalmente, os conceitos dos respectivos autores.

ECONOMIA DIGERIDA...

A leitura superficial e apressada de um folheto francez "L'Economie dirigée" embrulhou as idéas de alguns de nossos dirigentes, que viram na direcção de nossa economia a salvação nacional.

Dirigir a economia de um povo com uma organização social repousada na base do individualismo economico, é sempre abrir um largo campo de actividades, onde proliferam os intermediarios e especuladores.

Veja-se o que se vae succedendo ha tantos annos com o café, filão de ouro a extinguir-se para o paiz, mas que a economia dirigida tem tornado inesgotavel para os intermediarios e exploradores.

E' natural que negocios dessa natureza seduzam os que têm as possibilidades de se collocar no veio do filão dirigente da economia, satisfazendo appetites que os fazem "digerir" muito bem as suas economias pessoaes...

Nessas condições, o grande segredo está em descobrir mais um artigo de producção nacional para o ról dos dirigidos, ou digeridos... Depois do café, o açucar e o alcool. Ha já quem pense no trigo. E do norte reclamam que entre para o cardapio a borracha, em cuja defesa já o paiz consumiu, ha tempos alguns milhares de contos!

Para dirigir a economia do açucar, criou-se um Instituto. Este criou restricções de producção, quotas de sacrificio, exportação de sacrificio e mais modalidades de beneficiamento de uma determinada actividade industrial. Com essas providencias chegamos a dobrar o preço interno do açucar, genero de primeira necessidade e de imprescindivel uso por todas as classes sociaes. No exterior esse mesmo artigo custa a quarta parte do preço que o brasileiro paga pelo producto nacional!

Restricção de producção, restricção para importação de machinismos para a industria açucareira, de modo a manter praticamente inattingivel o monopolio de facto dos que já se achavam installados no momento da criação da economia dirigida, — trouxeram como immediata consequencia a prosperidade, não do povo, em geral, mas exclusivamente daquelles que tinham sua actividade consagrada á producção de açucar.

Eis que os céos se associam ás medidas de restricção e estragam a colheita de Pernambuco. Tudo deixaria acreditar que o Estado nada soffresse com essa pequena panne da industria açucareira, dado que, durante os annos de bonança, a prosperidade della deveria ter-se reflectido na do Estado, em que tem séde. Puro engano. Nessa coisa de economia dirigida não ha jámais limites para os gastos. A prosperidade particular dos industriaes de açucar não se estendeu ao seu Estado, isto é, foi uma coisa puramente particular, tanto assim que logo que sobreveiu a pequena depressão, o Estado saiu de sacola em punho, a appellar para a mãe União, que é uma especie de vacca leiteira de têtas mecanicas: as lithografias que fazem dinheiro papel!

Mas ainda assim as coisas não endireitaram. Já agora os jornaes do Rio annunciam que a diminuição das safras acarreta a reducção dos abastecimentos dos varejistas! E o Instituto de Açucar? Pois aquillo não é uma machina perfeita de calcular producção e consumo, de modo a regular uma pelo outro. Tambem essa machina enguiçou? Pois o Instituto não sabia que faltaria para o abastecimento nacional uma parte importante da producção — a de Pernambuco — prejudicada pelas cheias da região? Por que não alargou em tempo opportuno a permissão de producção das demais zonas? (*)

Nesse capitulo todas as suspeitas são possiveis. Coisa de fiscalização tão precaria como a producção de açucar, é muito possivel que, na

---

(*) — Nota da Redacção — Não houve enguiço na machina, porque não houve, nem haverá falta de açucar. Aliás, no mesmo dia em que veiu á luz o artigo acima, o presidente do Instituto do Açucar e do Alcool, procurado por um jornalista, declarou taxativamente:

— Não haverá falta de açucar nem escasez no mercado do Rio. E isto porque os estoques são perfeitamente normaes e sufficientes até o inicio da nova safra.

— Mas não houve diminuição da safra do producto? insistiu o jornalista.

— Houve no Norte. Mas a producção do Sul — Campos, São Paulo e Minas — cobriu essa differença. Não ha, portanto, motivos para receiar a sua falta ou escassez.

realidade, ella seja muito maior do que a que figura nas estatisticas do Instituto. Mas se este deixa affirmar que o artigo va escassear, já não podemos ter mais a menor duvida sobre uma alta violenta dos preços, em detrimento da collectividade. Por onde se prova que essa historia de economia dirigida acaba sempre em digestão... Desta vez é o povo que será digerido! — **Mauricio de Medeiros** — "Diario Carioca", do Rio, 14-4-37.

AINDA O CANCELLAMENTO DE ENGENHOS BANGUÊS

Nas nossas considerações a respeito do cancellamento de engenhos "banguês" por resolução da Commissão Executiva do Instituto do Açucar e do Alcool, baseada no art. 4.º do decreto n.º 24.749, de 14 de julho de 1934, concluimos que ella não se enquadrava no art. citado.

Da mesma fórma, nos demais artigos do decreto referido, nenhum estabelece cancellamento de engenho, por ter fornecido cannnas a usinas

Como transcrevemos em nossa collaboração anterior o art. 4.º, elle apenas dispõe que "fica prohibida a installação de novos engenhos no territorio nacional". Prohibe tambem a "remoção total ou parcial" dos engenhos "já existentes de um Estado para outro".

E' conhecido que nenhum engenho dos que foram ultimamente cancellados, por detreminação da Commissão Executiva do Instituto do Açucar, foi trazido de outro Estado, em todo ou em parte.

Todos elles conservaram as suas apparelhagens, embora tivessem fronecido, em algumas safras, cannas ás usinas, por conveniencia de negocio e, em muitos casos, pelas vantagens offerecidas, uma especie de **isca para pegar o peixe**.

Mas, o que se constata é que, de certo tempo a esta parte, as relações de negocio entre usineiros e fornecedores, têm descambado para verdadeiros absurdos. Porque, em nenhuma outra industria, se evidencia o criterio de compra de materia prima, á semelhança do da industria do açucar.

A organização da Defesa da Producção Açucareira, actualmente concretizada no Instituto do Açucar e do Alcool, mereceu da lavoura cannavieira os melhores applausos. E, em verdade, não fosse essa organização, já ha muito a lavoura e a industria do açucar teriam baqueado.

Muitas irregularidades verificadas nos negocios do açucar, ultimamente, são attribuidas a organização da defesa do açucar, no entretanto ellas são, antes, manobras indecorosas de especuladores gananciosos.

[illegible] ao hediondo de cancellamento de engenhos banguês, apparelhados secularmente, en[illegible] a cortesa insinuação, a sorrateira informação [illegible] denuncia á Commissão Executiva do Instituto.

Bem certo, a illustre Commissão louvou-se de [illegible] fé, capacitada de que os denunciantes levassem a seu conhecimento, para resolução de direito, infracções incontestes.

Ao Sindicato dos Plantadores de Canna, têm comparecido diversos senhores de engenho que foram attingidos pela resolução da Commissão Executiva, trazendo provas irrecusaveis e cabaes, de como seus engenhos não deram média de quinquennio a usinas, e si, em alguma safra, distribuiram parte de suas cannas, o restante moiam em seus banguês, secularmente apparelhados.

E' bem conhecido o caso do engenho "Poeta", que sempre moeu, deixando de o fazer sómente nas duas ultimas safras 1935-36 e 1936-37, posteriores ao quinquennio 1929-34, por desarranjo nos tubos da caldeira. Do mesmo modo o engenho "Pirajá, cujo proprietario affirmou na séde do Sindicato que não forneceu cannas á usina no quinquennio 1929-34, se promptificando a trazer uma declaração do proprio usineiro.

Poderiamos citar muitos outros proprietarios de engenhos que foram attingidos pela resolução da Commissão Executiva do Instituto do Açucar, mas dentro de um limitado espaço de uma collaboração deixamos de o fazer.

Por tudo isto, se nos afigura que houve um trabalho occulto no sentido de prejudicar os interesses dos proprietarios de engenhos banguês, porque elles dispõem de um meio de defesa á ganancia de certos usineiros, que não têm o escrupulo de prestar aos que lhes forneceram cannas, contas de vendas de sua materia prima em obediencia ao decreto de pagamento e ás oscillações de preços correntes na praça.

E assim, levam á Commissão Executiva denuncias absurdas e improcedentes.

João Liberato — (Do "Diario da Manhã", Recife, de 31-1-37).

ESCLARECIMENTOS REAES SOBRE A FALTA DE FINANCIAMENTO ESTE ANNO A' LAVOURA CAMPISTA

Não nos move nenhuma animosidade pessoal contra o sr. Leonardo Truda, presidente do Instituto do Açucar e do Alcool e do Banco do Brasil. Si é verdade que, algumas vezes, temos assumido attitiudes contra uma ou outra orientação que s. s. tenha imprimido ao orgão de defesa da

industria açucareira, da lavoura cannavieira ou do consumidor de açucar, outras tantas temos apreciado favoravelmente gestos de s. s. Somos inspirados, apenas, pelo desejo exclusivo de servir á causa publica e ás forças vivas do nosso municipio.

E é sempre nesta linha de conducta que nos collocamos pró ou contra aquelles que amparem ou sacrifiquem o interesse collectivo.

Eis porque nos sentimos perfeitamente á vontade para, reportando-nos ao editorial de hontem sobre a falta de financiamento á lavoura no presente periodo de entre-safra, receber e louvar-nos nas declarações que, sobre o assumpto nos foram feitas pelo sr. Tarcisio d'Almeida Miranda, secretario do Sindicato dos Industriaes e delegado dos usineiros campistas ao Instituto do Açucar e do Alcool. Attribuimos, no editorial de hontem, que esse prejuizo causado á lavoura cannavieira de Campos era uma manobra do sr. Leonardo Truda para reforçar a moagem em periodos contrarios totalmente aos interesses de Campos. Hoje, de accordo com as declarações do sr. Tarcisio Miranda, rectificamos, com prazer, esse ponto.

O governo do Estado decretou em 27 de fevereiro do corrente anno o financiamento.

A publicação desse decreto estava, porém, cheia de falhas e, para que o Banco do Brasil desse andamento aos processos relativos ao financiamento, tornava-se necessario uma nova divulgação pelo "Diario Official" devidamente rectificada. Essa rectificação só se verificou em 14 de março e o contracto entre o Estado e o Banco foi assignado em 29 do mesmo mez. A prova de solicitude e interesse desse estabelecimento de credito em operar immediatamente com os lavradores, sob a garantia do Estado, está no facto de, dois dias após a assignatura do contracto, a matriz do Banco do Brasil autorizar a agencia local a dar inicio ás operações. Houve ahi um impasse para o qual o sr. Truda não concorreu. O sr. José Carlos Pereira Pinto, gozando de inteira confiança do governo do Estado, foi investido novamente, nas funcções de fiscal deste nas operações. Mas, esse usineiro, campista, por motivos indepedentes de sua vontade, não pôde dar desempenho ao honroso mandato e dahi a necessidade da lavratura do novo contracto no qual ficará então, como fiscal do governo, o sr. Luiz Bastos Tavares.

Foram essas as informações que o sr. Tarcisio Miranda nos prestou e que, louvando-nos nellas, apresentamos aos nossos leitores como esclarecimentos reaes da falta de financiamento, até agora, na presente entre-safra, á lavoura cannavieira de Campos, agradecendo, ainda, ao secretario do Sindicato dos Industriaes a sua cooperação em transmittirmos aos nossos leitores informações que se revistam de caracteristicos verdadeiros.

("A Gazeta", Campos, 4-4-37).

O FINANCIAMENTO DA ENTRE-SAFRA

Mais uma vez vae ser feito o financiamento da entre-safra, por intermedio do Banco do Brasil e com o endosso do governo fluminense.

Assim é que podemos assegurar, devidamente informados, que a Agencia do Banco do Brasil em Campos se acha, desde o dia 31 de março ultimo, devidamente autorizada a iniciar as operações de financiamento do trabalho dos lavradores e industriaes na presente entre-safra.

Aliás, o financiamento ainda não foi iniciado por faltar a assistencia do representante do governo do Estado do Rio, sr. José Carlos Pereira Pinto, senão que será de prompto corrigido, por isso que s. s., por se achar ausente, não aceitará a investidura, devido, tambem, aos seus muitos affazeres, pelo que o governo prividenciará, immediatamente, a nomeação de um novo representante junto ao Banco do Brasil, afim de que a medida do financiamento não soffra qualquer entrave.

A direcção do Banco do Brasil, a cuja frente se acha o illustre dr. Leonardo Truda, não cabe, assim, qualquer parcella de culpa na demora que se vem notando para o começo do financiamento, pois o decreto 212 foi publicado no "Diario Official" do dia 23 de fevereiro e só foi rectificado em 14 de março, sendo o contracto do governo do Estado com o Banco do Brasil sómente assignado em 29 de março, já pelo novo governador dr. Heitor Collet.

Apesar disto, já no dia 31 d emarço tinha a Agencia do Banco do Brasil em Campos ordem para financiar a entre-safra, medida que fôra solicitada pelo presidente do Sindicato Agricola em fevereiro.

Vê-se, pelo exposto, que não se póde irrogar ao sr. presidente do Banco do Brasil o proposito de retardar o financiamento tão necessario á lavoura e á industria, mas, tambem, conveniente aos proprios interesses do Banco.

E que faça a providencia salutar não se faça esperar muito, para aproveitar ao trabalho preparador da safra que se avizinha.

("Folha do Commercio", Campos, 4-4-37).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

"Annuario Estatistico do Brasil", Anno II, 1936. — Instituto Nacional de Estatistica, Rio de Janeiro. — 435 paginas. — Preço: 25$000.

A primeira edição do "Annuario Estatistico do Brasil" (Anno I) appareceu em 1916 e era dedicada ao periodo de 1908 a 1912, ficando a publicação suspensa até agora, quando surge a edição editada pelo Instituto Nacional de Estatistica.

O Instituto Nacional de Esatistica, creado pelo decreto n. 24.609, de 1934, foi organizado com o fim de coordenar e uniformizar a estatistica geral do Brasil, que antes era feita, separadamente, pelas secções de differentes ministerios e repartições publicas federaes, estaduaes e municipaes. Uma das desastrosas consequencias dessa dispersão, que a nova repartição vem eliminar, era a incongruencia e até contradicção dos dados estatisticos que corriam impressos sobre o nosso paiz.

Trabalho de amplas proporções, ainda em vias de organização definitiva, o serviço nacional de estatistica ainda não dispõe de elementos para dar immediatamente uma obra tão exhautiva e perfeita como seria para desejar. Assim, a primeira edição da nova fase do "Annuario Estatistico" (1936) só vulgariza os dados já obtidos sobre os multiplos factos estatisticos nacionaes, apresentando, entretanto, muia materia inedita.

Estamos certos de que o Instituto Nacional de Estatistica, que vem desenvolvendo o maximo de esforços para a integral realização de sua finalidade, conseguirá, muito em breve, editar annuarios que sejam um fiel espelho de nossa nação sob todos os aspectos que incidam na esfera da sciencia estatistica.

O "Annuario Estatistico" de 1936 apresenta dados referentes ao Brasil sob os seguintes aspectos:

Situação fisica: caraterização do territorio, climatologia e divisão territorial; situação demografica: estado da população e movimento da população; situação economica: producção, estradas de ferro, ferro-carris, rodoviação, navegação, aeronautica civil, correios e telegrafos, telefones, propriedade immobiliaria, propriedade industrial, propriedade intellectual, moeda metalica e fiduciaria, titulos mobiliarios, casas de penhores, commercio, salarios, rendimentos, consumo e sinistros e accidentes; situação social: melhoramentos urbanos, assistencia medico-sanitaria, despesas publicas com a assistencia medico-sanitaria, asilos e recolhimentos, previdencia e assistencia social, trabalho; situação cultural: educação, diplomas profissionaes, registro de professores, biblithecas, museus, bellas artes, diversos, associações culturaes, escotismo, imprensa periodica, radio-diffusão cultural, despesas publicas com a assistencia cultural, cultos, criminalidade e suicidios; situação administrativa e politica: finanças publicas, segurança publica, repressão, representação politica.

E' da maxima importancia que o Instituto Nacional de Estatistica prosiga regularmente na publicação de seu valioso "Annuario", que, em futuras edições, apresentará de certo dados ainda mais abundantes e variados. Um dos melhoramentos a desejar, para o futuro, é que o livro apresente gravuras e graficos que completem, pela impressão visual, a informação que fornecem as áridas tabellas estatisticas.

"Anuario Azucarero de Cuba" — 1937 — Havana, Cuba. — 84 paginas — Preço: $1.00, pelo correio $1.25.

Cuba Importadora e Industrial acaba de editar, em elegante brochura, formato de revista, o annuario açucareiro de Cuba para o corrente anno.

Com titulos e texto em hespanhol, inglez e allemão, o livro divide-se em duas partes, uma referente a Cuba e a outra aos Estados Unidos e ao resto do mundo.

A parte referente a Cuba inclue estatisticas sobre as usinas, por provincias, dando varias indicações, como local, nome do proprietario, producção e rendimento de canna e producção e exportação de açucar e de seus sub-productos. São dadas outras indicações uteis, como portos, distancias, impostos e medidas.

A segunda parte apresenta dados sobre a producção, exportação, consumo, capacidade global e per-capita e outros aspectos do açucar de canna e de beterraba nos Estados Unidos e em suas possessões e no resto do mundo.

Illustram o annuario uns mappas açucareiros de Cuba e outro das zonas açucareiras do mundo.

Um quadro especial dá a relação das fabricas de açucar existentes no mundo inteiro, com a indicação da respectiva capacidade de producção em 24 horas.

A parte relativa a Cuba é muito desenvolvida e minuciosa, dando uma idéa exacta da situação da industria do açucar e de seus sub-productos na Perola das Antilhas.

Pela abundancia e variedade dos factos estatisticos que apresenta, o "Anuario Azucarero de Cuba" é um repositorio de informações de grande interesse para os estudiosos da industria açucareira.

Revistas

Recebemos e agradecemos:

"A Lavoura", Rio, fevereiro, 1937. — "Annales de la Union Industrial Argentina", Buenos Aires, janeiro, 1937. — "Belgique Amérique Latine", Bruxellas, fevereiro, 1937. — "Boletim de Agricultura, Zootechnia e Veterinaria", Bello Horizonte. — "Boletim Semanal da Associação Commercial", Rio. — "Boletim Estatistico do Banco do Brasil", Rio, janeiro, 1937. — "Boletin de Estadistica Agropecuaria", Buenos Aires, janeiro, 1937. — "British Sugar Beet Review", Londres, janeiro, 1937. — "Bulletin de l'Association des Chimistes", Paris, fevereiro, 1937. — "Bulletin mensuel de renseigments Techniques", Roma, março, 1937. — "Bulletin mensuel de Statistique Agricole et Commerciale", Roma, fevereiro, 1937. — "Camara de Commercio Argentino-Brasileira" (Boletim mensal), Buenos Aires, fevereiro, 1937. — "Commerce Reports", Washington, marco, 1937. — "Der Spiritusmarkt", Vienna, fevereiro, 1937. — "Economie Internationale" (Organe de la Chambre de Commerce Internationale), Paris. — "El Mundo Azucarero", Nova York, março, 1937. — "El Rotariano Argentino", Buenos Aires, janeiro, 1937. — "F. O. Licht Monthly Report on Sugar", Magdeburg (Allemanha), fevereiro, 1937. — "Facts about Sugar", Nova York, março, 1937. — "Instituto de Chimica Industrial", Montevidéo. — "L'Industria Saccarifera Italiana", Genova, fevereiro, 1937. — "La Betterave et les Industries Agricoles", Paris, fevereiro, 1937. — "La Chacara", Buenos Aires. — "La Industria Azucarera Argentina", Buenos Aires, fevereiro, 1937. — "La Revista Economica Sudamericana", Montevidéo, janeiro, 1937 — "La Vida Agricola", Lima (Perú), fevereiro, 1937. — "Nordeste Agricola", Fortaleza — Ceará, janeiro/fevereiro, 1937. — "O Campo", Rio, fevereiro, 1937. — "O Economista", Rio, fevereiro, 1937. — "O Observador Economico e Financeiro", Rio, março, 1937. — "Revista de Agricultura", Piracicaba, São Paulo, novembro/dezembro, 1936. — "Revista de Agricultura", Havana (Cuba), outubro, novembro, dezembro, 1936. — "Revista de Agricultura", Trujillo, Republica Dominicana, janeiro, 1937. — "Revista Bancaria Brasileira", Rio, março, 1937. — "Revista Commercial do Rio Grande do Sul", Porto Alegre, janeiro, 1937. — "The Australian Sugar Journal", Brisbane, Australia, janeiro, 1937. — "The Journal of Agriculture of the University of Puerto Rico", Rio Piedras, Porto Rico, julho, 1936. — "The Philippine Agriculturist", Laguna, Filippinas, dezembro, 1936. — "Weekly Statistical Sugar Trade Journal (Willet & Gray), Nova York. — "Willeman's Brazilian Review", Rio de Janeiro.

BRASIL AÇUCAREIRO não assume a responsabilidade nem endossa os conceitos e opiniões emittidos pelos seus collaboradores em artigos devidamente assignados.

LEGISLAÇÃO E DOUTRINA SOBRE O AÇUCAR E SEUS SUB-PRODUCTOS

LEGISLAÇAO ESTRANGEIRA

COLOMBIA

Lei n. 203, de 30 de dezembro de 1936 — Determina varias providencias em favor da industria açucareira.

O Congresso da Colombia
DECRETA:

Art. 1º — Fica o Governo autorizado a, depois de modificar previamente os contratos celebrados com a Sociedade Seccional de Credito Açucareiro e com a Caixa de Credito Agrario, dispender na campanha contra o mosaico da canna de açucar as sommas que considere necessarias dos fundos que, conforme esses contratos, correspondem ao Governo.

Art. 2º — Fica o Governo autorizado a, dos fundos de que trata o artigo anterior, fazer emprestimos ás cooperativas agricolas de producção com o fim exclusivo de que estas financiem os cultivadores pobres de canna de açucar cooperados, cujas plantações tenham sido affectadas pelo mosaico.

Os beneficiarios do emprestimo só poderão destinar os fundos que obtenham da cooperativa na reparação e ampliação das plantações de canna de açucar.

Art. 3º — Fazem-se extensivas as disposições da lei 91, de 1936, para a constituição de patrimonio de familia não embargavel, ás parcellas de terreno que vendam a seus socios as cooperativas de productos agricolas e as casas que vendam aos seus as cooperativas de habitações.

Art. 4º — Com o fim unico de regularizar o consumo do açucar sem descuidar o fomento da canna de açucar e em desenvolvimento do artigo 11 do Acto legislativo numero 1, de 1936, o governo poderá introduzir açucar por intermedio da Caixa de Credito Agrario, Industrial e Mineiro e organizar a venda desse artigo nas differentes praças do paiz para attender ás necessidades do consumo e evitar as especulações.

Cincoenta por cento dos beneficios que o Governo obtenha em razão dessas importações serão destinados á subscripção de acções da Caixa de Credito Agrario e os restantes cincoenta por cento serão applicados á defesa e fomento da industria açucareira.

Paragrafo. — O Banco da Republica poderá descontar á Caixa de Credito Agrario, Industrial e Mineiro sem sujeição á quota fixada pelo artigo 5º da lei numero 82, de 1931, letras ou documentos de penhor agrario com garantia do açucar importado em conformidade com este artigo.

Art. 5º — Esta lei vigorará desde a sua sancção.

Dada em Bogotá, aos 16 de dezembro de 1936.

O presidente do Senado, **Pedro Juan Navarro**. — O presidente da Camara, **Heliodoro Angel Cheverri**.

Poder Executivo. — Bogotá, 30 de setembro de 1936. — ALFONSO LOPEZ — O ministro da Fazenda e Credito Publico, **Gonzalo Restrep**. — O ministro da Agricultura, **Manuel José Marg**.

DOUTRINA

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Parecer do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro, em resposta a uma consulta da Secretaria das Finanças do mesmo Estado sobre isenção de direitos sobre açucar.

O sr. Secretario de Estado das Finanças, remettendo o processo em que é requerente a firma Grillo, Paz & Cia., que, dizendo-se refinadora na capital do Estado e grande distribuidora de açucar no Districto Federal, pleitea isenção do imposto estadual para 20.000 saccas desse producto da lavoura fluminense, adquirido pelo Instituto do Açucar e do Alcool e que lhe foram distribuidas e retiradas de um lote de 200.000 de excesso de producção das Usinas do Estado, submette o caso á apreciação do Tribunal, em grau de consulta.

Ao Tribunal parece não poder ser attendido o que pretende a firma requerente e isso pelo fundamento de que a intromissão do Instituto do Açucar e do Alcool na acquisição do excesso de producção das Usinas do Estado, só se legitima pela protecção a lavradores, plantadores de canna-materia prima e a usineiros, transformadores desta em mercadoria alimentar, indispensavel ao sustento das populações, então desentendidos nas transacções a que se convencionou chamar excesso de producção. Para esse effeito e porque o Instituto não ia negociar o producto adquirido, si não distribuil-o, segundo as necessidades do consumo, o laudo proferido ao desentendimento, pelo arbitro a que a solução fôra entregue — o presidente do Instituto, propoz em sua decisão, que o açucar adquirido por tal Instituto, se beneficiasse da isenção de imposto e da "Taxa de Defesa". E esse beneficio veio a conceder a Lei n. 124, de 30 de outubro de 1936.

E' pois, visto que só o Instituto do Açucar pode gozar da isenção.

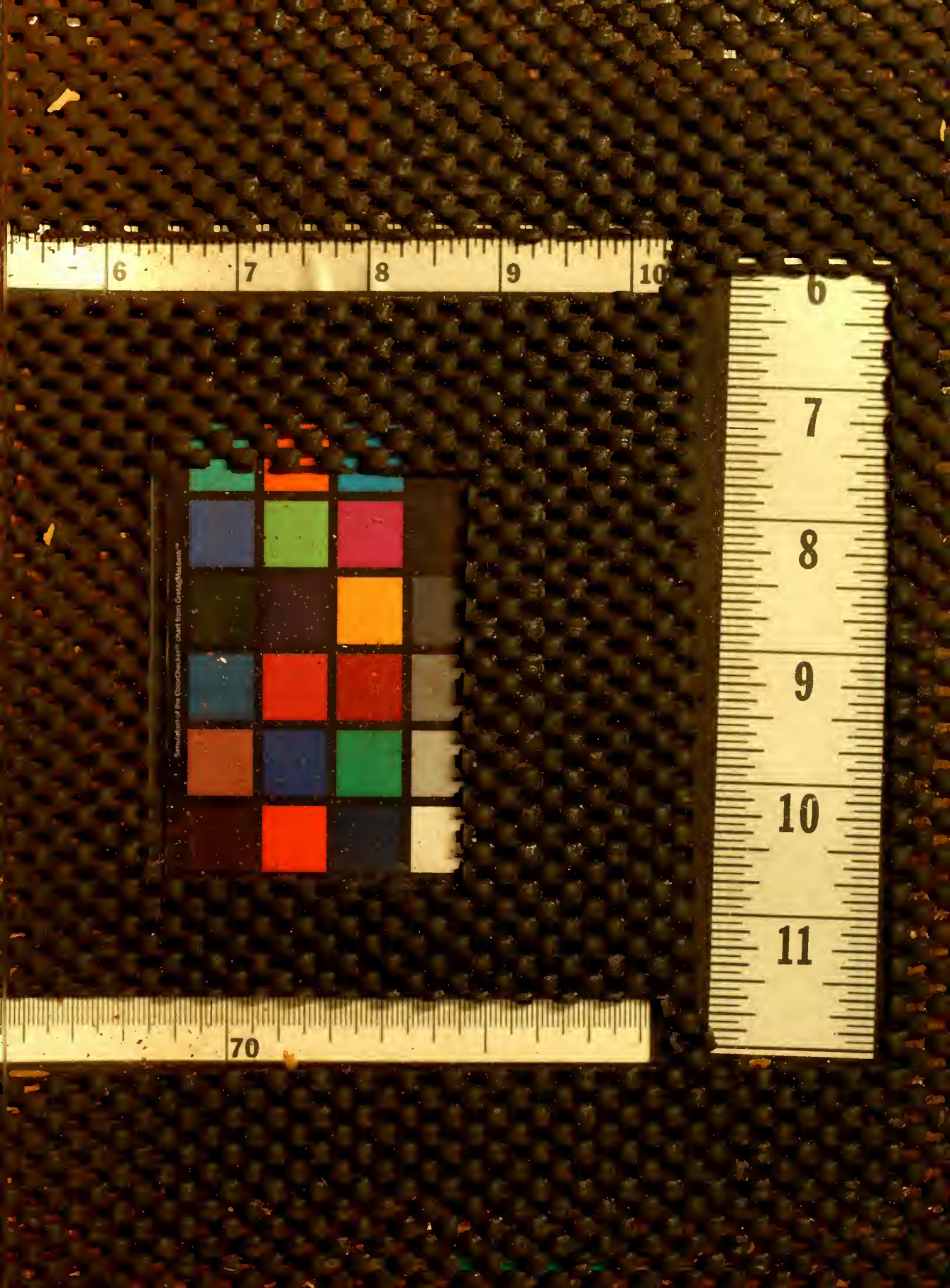
Aos refinadores e distribuidores já favorece, sobremodo, a quota de que participam na entrega que lhes destine o Instituto; assim, como a mais, protegel-os, outorgando-lhes favores, que não compensariam nas vendas da mercadoria transformada e que vão reputar pelo preço normal dos mercados?

Nem o laudo do presidente do Instituto, nem a Lei n. 124, de 1936, poderiam ter força de proteger commerciantes postos fóra da contenda, que só era de lavradores e usineiros, para favorecer lucros commerciaes que, por mais legitimos que pudessem ser, não se justificariam, porque a contenda dirimida era só em respeito a agricultores, que soffriam a perda da materia prima e usineiros que se recusavam a adquiril-a para a sua transformação.

Esse é o espirito do laudo, como é a mente da Lei n. 124, e nesta se vê claro que a isenção de impostos não pode ir a crear situação de favor para commerciantes, que não foram parte e a que nem o laudo poderia alcançar, porque **proferido** diz a Lei 124, **na questão entre os agricultores de canna e os usineiros**.

E absurdo seria que, com tal medida de excepção, o proveito já não fosse dos intervenientes **na questão**, mas, de negociantes estranhos á situação, que assim, se locupletariam com alheio prejuizo, sem que dos lucros participassem os consumidores.

Parece, portanto, ao Tribunal que não é de ser deferido o requerimento de Grillo, Paz & Cia., trazido ao seu conhecimento por consulta do sr. Secretario de Estado das Finanças, a que, dessa forma, dá resposta. — Sala das Sessões do Tribunal de Contas, em 18 de março de 1937. — (aa.) **Joaquim José Antunes**, presidente. — **Arnaldo Tavares**, relator. — **J. Mattoso Maia Forte.** — **F. Sigmaringa Seixas.** — **Alfredo Thomé Torres.** procurador geral da Fazenda. — ("Diario Official" do Estado do Rio de Janeiro, 7-4-937).


6
7
8
9
10
Simulation of the ColorChecker® chart from Gretag/Macbeth™
6
7
8
9
10
11
70